

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**MÔNICA SANTOS MARTINS**

**PERCEPÇÕES DA COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO  
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: ANÁLISE DO SITE  
PORVIR**

BAURU  
2018

**MÔNICA SANTOS MARTINS**

**PERCEPÇÕES DA COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO  
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: ANÁLISE DO SITE  
PORVIR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação – Área de Concentração: Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Kraus Luvizotto.

**BAURU  
2018**

Martins, Mônica Santos.

Percepções da Comunicação na Relação Educação e  
Tecnologia: Análise do Site Porvir / Mônica Martins, 2018

177 f. : il.

Orientadora: Caroline Kraus Luvizotto

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual

Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Arquitetura,  
Artes e Comunicação, Bauru, 2018

1. Comunicação. 2. Interatividade. 3. Portais Educacionais.  
4. Ciberespaço. 5. Educação. 6. Ambientes informacionais  
digitais. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de  
Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

**MÔNICA SANTOS MARTINS**

**PERCEPÇÕES DA COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO EDUCAÇÃO E  
TECNOLOGIA: ANÁLISE DO SITE PORVIR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação – Área de Concentração: Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Kraus Luvizotto.

Bauru, 29 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseane Andrelo  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Raquel Rosan Christino Gitahy  
Universidade do Oeste Paulista

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Kraus Luvizotto  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MÔNICA SANTOS MARTINS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 29 dias do mês de agosto do ano de 2018, às 10:00 horas, no(a) Sala de reunião dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP/Câmpus de Bauru, Profa. Dra. ROSEANE ANDRELO do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. RAQUEL ROSAN CHRISTINO GITAHY do(a) Programa de Mestrado em Educação / Universidade do Oeste Paulista, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MÔNICA SANTOS MARTINS, intitulada *Percepções da comunicação na relação educação e tecnologia: análise do Site Porvir*. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

  
 Profa. Dra. CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO

  
 Profa. Dra. ROSEANE ANDRELO

  
 Profa. Dra. RAQUEL ROSAN CHRISTINO GITAHY

*Dedico este trabalho à minha mãe,  
que partiu antes que eu estivesse  
pronta para dizer o quanto a amava.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Kraus Luvizotto, pela oportunidade de pesquisa, pela experiência acadêmica e por toda a orientação nesses últimos dois anos na condução deste trabalho.

Em especial, ao meu grande amigo e mentor intelectual Vinicius Carrasco, que fez contribuições e indicações imprescindíveis na trajetória deste trabalho.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseane Andrelo, por toda serenidade e missão educacional em suas contribuições durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Danilo Rothberg, por sua seriedade e contribuições durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Maximiliano Vicente, que, no primeiro contato como aluna especial, me fez acreditar que o sonho de cursar um Mestrado na Unesp era possível.

Ao meu namorado e amigo, Vinicius Colebrusco, por todas as leituras de apoio e correções gramaticais, também pela paciência e compreensão nesse período de muito trabalho.

Ao meu irmão Michel Martins, por sua admiração e respeito que me fazem seguir sempre.

Às minhas amigas Andressa Peres e Liliane Pitoli, que estiveram presentes em todas as fases desta conquista, apoiando-me, dando-me palavras de incentivo e até mesmo perdoando-me as ausências.

Aos meus avós que, mesmo sem entender ao certo a importância de alguns caminhos escolhidos por mim, comemoram minha felicidade.

Ao Senac, instituição em que trabalho, por flexibilizar minha carga horária de trabalho e pelo respaldo dado na participação de eventos que foram de grande importância nesse período de formação.

A todos os funcionários da Unesp, pela orientação e ajuda dadas durante o período do Mestrado.

Esse trabalho não seria possível sem ajuda de todos. Não se faz algo importante sozinha.

*A utopia está lá no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se afasta dois passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isto: para que eu não deixe de caminhar.*

Eduardo Galeano  
jornalista e escritor

## RESUMO

É inegável que a evolução tecnológica ampliou o acesso à informação e os espaços de conversação e troca de experiência no ciberespaço. O ambiente educacional impactou a maneira como educadores pesquisam e buscam informação, por meio de novos instrumentos, saindo das bibliotecas físicas e conquistando o vasto espaço virtual. Com novas demandas, ferramentas comunicacionais se desenvolveram para disponibilizar conteúdo e facilitar a comunicação em rede, propondo formatos mais interativos e colaborativos, a partir da conectividade. Portanto, com a proposta de ponderar um portal direcionado a educadores, o Porvir, este estudo buscou analisar a proposta de comunicação do *website* Porvir, abordando também a óptica da interatividade nos espaços de conversação estabelecidos pelo Portal. As discussões abordam como a ferramenta da internet possibilita o acesso, mas também como organiza e planeja seus conteúdos com foco em contribuir socialmente mediante a apropriação da informação disponibilizada. Para tanto, foram utilizados como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e documental, a análise do conteúdo disponibilizado pelo website, monitoramento do portal para análise de frequência, formas de interação e trocas de conhecimento e entrevista em profundidade com uma editora do portal. As etapas metodológicas permitiram uma estruturada análise do cenário e considerações acerca das contribuições entre comunicação, tecnologia e educação como apoio ao docente. . Com isso, esse trabalho traz elementos quantitativos e qualitativos sobre as estratégias comunicacionais do portal e no diálogo com seu público e, com base em tais dados, conclui-se que a principal função do objeto é produção e curadoria de conteúdo e comunicação, estratégias essas inerentes à espacialidade comunicacional no contexto da cibercultura, com objetivo de instrumentalizar educadores e alunos a demandar da gestão pública ações mais pautadas nos interesses sociais.

**Palavras-chave:** Comunicação. Interatividade. Porvir. Ciberespaço. Educação.

## **ABSTRACT**

It is undeniable that technological evolution has increased the access to information, conversation environment and exchange of experience in cyberspace. In the educational environment, it has impacted the way educationalists /educators research and seek for knowledge, through new tools, conquering the vast virtual space and not using physical library anymore. New demands have arisen; thus, communication tools have been developed to provide content and facilitate network communication, proposing more interactive and collaborative formats, based on connectivity. Therefore, the proposal to analyze a website directed to educators/educationalists, Porvir, this study elicits reflections and considerations on how digital information environments act in the interface education and communication, promoting access to information to teachers/lecturers and educators, collaborating with the evolutionary educational process. The discussions address how the Internet tool allows access, but also how it organizes and plans its contents focused on contributing socially through the appropriation of the information available. For this purpose, methodological procedures included bibliographical and documentary research, analysis of content made available by the website, website monitoring for frequency analysis, forms of interaction and exchanges of knowledge, and in-depth interview with a website publisher. The methodological steps allowed a structured analysis of the scenario and considerations about the contributions among communication, technology and education as support to the teacher/lecturer.

**Keywords:** Communication. Interactivity. Porvir. Cyberspace. Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da página inicial do portal Porvir. ....	102
Figura 2 – Imagem da coluna “Diário de inovações” do Portal Porvir. ....	103
Figura 3 – Imagem Representativa da Distribuição geográfica dos professores que já contribuíram com conteúdos a coluna “Diário de Inovações” do portal Porvir. ....	104
Figura 4 – Imagem representativa da distribuição geográfica dos colaboradores definidos como “Antenas” do portal Porvir. ....	105
Figura 5 – Página inicial do perfil do Porvir na plataforma YouTube. ....	107
Figura 6 – Capa do portal Porvir na plataforma <i>Facebook</i> . ....	108
Figura 7 – Página inicial do perfil do Porvir na plataforma Twitter. ....	108
Figura 8 – Imagem da Plataforma da agência de notícias, do portal Porvir, com serviços de apoio aos jornalistas. ....	110
Figura 9 – Imagem da Plataforma agência de notícias, do portal Porvir, com serviços de apoio aos veículos. ....	110
Figura 10 – Imagem do portal Porvir indicando os de veículos de mídia que o conteúdo do portal já contribuiu. ....	111
Figura 11 – Conteúdo do portal Porvir, distribuído por seção, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	114
Figura 12 – Distribuição de conteúdo do portal Porvir entre publicações próprias e de colaboradores, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	114
Figura 13 – Distribuição do Conteúdo próprio e distribuição por colaborador, de acordo com informações do portal Porvir, levantados durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	115
Figura 14 – Distribuição do conteúdo dentre colaboradores externos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	117
Figura 15 – Distribuição do conteúdo do portal Porvir de acordo com o formato, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	117
Figura 16 – Distribuição do conteúdo do portal Porvir, de acordo com a tipologia durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	118
Figura 17 – Formas de Interações com o conteúdo do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	119
Figura 18 – Interações nos comentários dos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	120
Figura 19 – Perfil dos interlocutores que deixaram comentários nos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	120
Figura 20 – Distribuição das <i>Tags</i> utilizadas nos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	121
Figura 21 – Distribuição dos temas abordados pelos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	122
Figura 22 – Nuvem de palavras dos títulos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	122
Figura 233 – Comentários a respeito da matéria publicada em 30/10/2017 no portal Porvir. ....	127
Figura 24 – Comentários a respeito da matéria publicada em 30/10/2017, no portal Porvir. ....	128

Figura 255 – Comentários a respeito da matéria publicada em 30/10/2017, no portal Porvir. .....	129
Figura 266 – Comentário feito no dia 27/10/2017, matéria portal Porvir.....	132
Figura 27 – Comentário feito no dia 23/10/2017 na matéria portal Porvir.....	133
Figura 28 – Comentário feito no dia 6/10/2017, na matéria do portal Porvir. ....	134
Figura 29 – Recorrência das categorias Uso de TICs; Integração mídias; Outros polos emissão; Produção conteúdo colaborativo; nas matérias publicadas no Blog do Portal Porvir. .....	144
Figura 30 – Comentário feito a matéria “Participe do Desafio Diário de Inovações 2017 – Como Inovar na Sala de Aula” publicada no dia 3/7/17 no portal Porvir.....	148
Figura 31 – Comentário feito a matéria “Com apoio do Inspirare/Provir, Futura lança série sobre escolas inovadoras” publicada no dia 29/8/2016 no portal Porvir. ....	149
Figura 323 – Comentário feito à matéria “Tecnologia na educação é tema da terceira edição da Série de Diálogos o Futuro se Aprende” publicada no dia 11/9/2012 no portal Porvir....	150
Figura 33 – Gráfico análise quantitativa das reações com matérias publicadas no blog do portal Provir com temas de formação docente e tecnologia. ....	151

## SUMÁRIO

1	Introdução.....	13
2	A Sociedade da Informação.....	18
2.1	Informação e Comunicação: desafios .....	24
3	Ambientes Informacionais Digitais.....	33
3.1	Ciberespaço e cibercultura.....	33
3.2	Participação e Convergência .....	46
3.3	Midiatização, Mediação e Interação .....	57
4	Interfaces: Educação, Comunicação e Tecnologias.....	69
4.1	Educomunicação, mídia-educação e alfabetização informacional midiática .....	79
5	aspectos metodológicos.....	94
6	O Porvir.....	100
6.1	O Portal .....	100
6.2	Análise Descritivas das Estratégias do Porvir .....	101
6.2.1	Redes sociais digitais .....	105
6.2.2	Do online para o offline.....	111
6.3	Análise das estratégias comunicacionais do Porvir.....	112
6.4	Análise geral do monitoramento .....	123
6.5	Análise do material do <i>Blog</i> .....	141
6.7	Entrevista .....	153
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
	Referências.....	169
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA .....	174
	APÊNDICE B – Dados de textos classificados como informativos no portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.....	176
	APÊNDICE C – Dados de textos classificados como Práticas educacionais no portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017. ....	177

## 1 INTRODUÇÃO

No contexto da Sociedade Informação, com o avanço tecnológico, a apropriação tecnológica no cotidiano define o conhecimento como um dos principais valores econômicos e sociais. Nesse sentido, a educação aberta e seus profissionais são peças-chave para o desenvolvimento social.

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016<sup>1</sup> (PMB), encomendada pela Secretaria de Comunicação Social, que ouviu 15.050 entrevistados em todo o país, a internet é o segundo meio de comunicação mais utilizado por 15.050 entrevistados para obter informações a respeito do Brasil. Diante de pergunta: “Em que meio de comunicação o(a) sr(a) se informa mais sobre o que acontece no Brasil?”, 63% dos entrevistados mencionaram televisão e 26% mencionaram internet. Esses dados comprovam a mudança cotidiana do brasileiro na busca por informação e atualização. Dessa forma, é possível ponderar sobre a forma como os profissionais de educação passaram a buscar informações. Além das bibliotecas, os docentes também contam com a tecnologia e a velocidade da informação nos ambientes digitais. Assim, a produção de conhecimento passa a permear outros espaços, mediante outras experiências. Logo, o objeto de estudo proposto por este trabalho é a análise de um portal que disponibiliza informações e conteúdos direcionados a professores com a finalidade de ampliar o repertório do profissional e, conseqüentemente, se comunicando com estes educadores, impactar a prática docente com inovações educacionais às salas de aula do país.

O *website* Porvir produz e mapeia conteúdos destinando suas publicações a educadores; considera o contexto de mudanças tecnológicas contínuas e o alcance disponibilizado por toda essa infraestrutura. Os esforços são para gerir uma ferramenta de comunicação, que possibilite reduzir a distância entre profissionais da área, democratizando o acesso a esses conteúdos nas diferentes regiões do país.

---

<sup>1</sup> Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) encomendada pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM) com o objetivo de mapear os hábitos de informação dos brasileiros para auxiliar no planejamento e na elaboração das políticas de comunicação e divulgação social do Executivo Federal. A pesquisa é aplicada pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). Os participantes foram pessoas com 16 anos de idade ou mais, de todas as classes econômicas, de ambos os sexos, residentes nas 27 Unidades da Federação (interior e capital). A pesquisa, realizada em 2016, entrevistou 15.050 pessoas, no período de 23/3 a 11/4/16. Disponível em: <<http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral>>.

Além disso, trabalha com ferramentas que possibilitam a troca desses conteúdos e experiência, com foco na cultura colaborativa que fortalece as relações então estabelecidas, apoiando o desenvolvimento do portal. Nos textos de definição do *website* Porvir a equipe afirma que o portal foi criado para atender ao cenário econômico, que precisa converter o conhecimento em vantagem competitiva. Com isso, defendem não apenas falar de educação, mas objetivam também chegar à sala de aula, por meio do educador, gerando conhecimento a partir de dados e informações levantados pelos docentes.

Para a escolha do objeto, considerou-se como critério *websites* na área educacional, analisando a construção das estratégias e políticas comunicacionais. Assim, buscou-se levantar os *websites* mais atuantes e presentes nas redes sociais. Inicialmente, optou-se por uma análise comparativa entre o Portal do Professor, *site* governamental, e o portal Porvir, do terceiro setor. Para tanto, definiu-se o período de monitoramento de um mês por conveniência devido à escolha metodológica de análise comparativa entre os portais. Depois de finalizado o monitoramento dos portais, notou-se a ou baixa atuação comunicativa do Portal do Professor, cujo objetivo principal está muito mais em disponibilizar materiais didáticos, planos de aula e conteúdos pedagógicos como caminhos metodológicos aos educadores uma espécie de plataforma depositória. A falta de estratégias comunicacionais, nos dados levantados no monitoramento do portal governamental, empobrecia os caminhos de pesquisa delimitados até o momento. Dessa forma, decidiu-se aprofundar os estudos direcionando-os unicamente ao *website* Porvir, considerando sua atuação e seu fluxo de informação.

Ponderando a realidade do sistema educacional brasileiro, que demanda soluções e incentivos que facilitem a atualização e, portanto, a capacitação de profissionais no país, sendo os meios de comunicação ferramentas que possibilitam ampliar o alcance de informação e conteúdo, este trabalho empreendeu uma análise do referido *website*, buscando refletir sobre sua atuação no ambiente digital, analisando a relação das interfaces comunicação e educação a partir de um contexto com aspectos da Sociedade da Informação e da cibercultura.

A partir da óptica da interatividade e do uso crescente da internet como mecanismo de apoio ao acesso de conteúdo por docentes, pergunta-se: Como os ambientes informacionais digitais direcionados a educadores atuam produzindo e

selecionando conteúdo? Que estratégias comunicativas e de interação e participação são utilizadas visando à apropriação das tecnologias na formação docente?

O objetivo deste estudo é analisar a proposta de comunicação do *website* Porvir, abordando também a óptica da interatividade nos espaços de conversação estabelecidos pelo Portal.

Para tanto, o primeiro objetivo específico é refletir sobre como a comunicação atua na interface comunicação e educação a partir do ambiente informacional estruturado pelo Porvir, com disponibilização de conteúdos para a formação docente, a partir do contexto da Sociedade da Informação e cibercultura.

O segundo objetivo específico é discutir as estratégias de interatividade nos espaços de conversação a partir da lógica digital que propõe a produção de conhecimento assumindo aspectos colaborativos da rede.

No terceiro objetivo é compreender a atuação do portal Porvir como ambiente informacional digital nos aspectos de produção de conteúdo e espaço de diálogo.

Para alcançar os objetivos empreendidos neste estudo, dividiu-se a metodologia em quatro etapas: levantamento bibliográfico, monitoramento do portal, análise do conteúdo e entrevista em profundidade. No levantamento bibliográfico, foram elencados os conceitos acerca da Sociedade da Informação, ambientes informacionais digitais e a relação nas interfaces educação e comunicação, que permitiram a análise dos dados levantados na etapa de monitoramento e análise de conteúdo. Para elaboração do roteiro de pesquisa, apoiaram-se os objetivos específicos estabelecidos a esta pesquisa.

O segundo capítulo da dissertação aborda os conceitos e as discussões acerca da Sociedade da Informação, admitindo-a como contexto de atuação do objeto de estudo deste trabalho. Sendo assim, faz-se aqui uma rápida consideração acerca da tecnologia nas atividades cotidianas, com alterações na relação de tempo/espaço e a explosão informacional que gera uma sensação de emergência para tratar o volume de informação e do conhecimento que tem valor social. Serão apresentados pontos de vistas sobre o conceito de Sociedade da Informação nos âmbitos social, político e econômico. Será proposta uma reflexão acerca do valor da informação e seu acesso, com vistas ao desenvolvimento dos países e à relação de interesses que permeiam os investimentos e as políticas públicas. Justifica-se a

discussão proposta neste capítulo partindo da óptica das interfaces educação e comunicação, por um objeto de estudo que se propõe a disponibilizar conteúdos e discussões tornando o acesso à informação e a produção de conteúdo mais democrático aos educadores, tendo em vista impactar no desenvolvimento social promovido por esses profissionais da educação.

No terceiro capítulo, depois de abordar o conceito da Sociedade da Informação em relação ao avanço tecnológico, avaliou-se ser importante apresentar temas que perpassam os ambientes informacionais digitais: ciberespaço, cibercultura e o desdobramento das relações nos conceitos de identidade e reconhecimento a partir da comunicação. Refletindo ainda sobre tais ambientes, como espaços de conversação digital e suas formas de relações, buscou-se também apresentar contrapontos e questionamentos que equilibram a análise, evitando verdades absolutas. Julgou-se relevante apresentar como o uso do ciberespaço e suas ferramentas para produção e disponibilização de conteúdo por emissores – além das potências comunicacionais já conhecidas – podem impactar na relação de consciências individuais, coletivas e, por fim, na cultura e no reconhecimento de identidades construídas nesses ambientes. A partir das discussões de cibercultura, julgou-se importante descrever os aspectos de convergência entre as mídias e os conteúdos que contextualizam a cultura da participação e os conceitos de interação que baseiam as relações estabelecidas no objeto de estudo. A partir da fundamentação teórica buscou-se subsídios para o entendimento das estratégias comunicacionais do Porvir apoiadas na colaboração e na construção coletiva de conteúdo, bem como na estruturação de uma rede de pessoas que trocam e consomem a produção do portal.

As discussões sobre as interfaces comunicação e educação, com o advento tecnológico, detalham os objetivos informacionais do portal estudado. Dessa forma, buscou-se, no quarto capítulo, apresentar reflexões acerca das competências informacionais no contexto da Sociedade da Informação; discussões acerca das tecnologias intelectuais; a ampliação das capacidades cognitivas e os pontos de atenção na formação profissional e educacional, considerando o advento tecnológico atrelado à comunicação e à educação, com abordagens sobre os desafios comunicacionais na educação resultantes das inovações tecnológicas, os conceitos de Educomunicação, Mídia-educação e Alfabetização Midiática e informacional,

tomando o avanço tecnológico e as relações estabelecidas nos processos educacionais.

O quinto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos do estudo, divididos em quatro etapas: levantamento bibliográfico, monitoramento do portal, análise do conteúdo e entrevista em profundidade. No referencial bibliográfico, foram elencados os conceitos que permitiram a análise dos dados levantados na etapa de monitoramento e análise de conteúdo.

No sexto capítulo são apresentados o objeto deste trabalho, o portal Porvir, sua história, definições como propósito e missão. Também são apresentadas as estratégias comunicacionais utilizadas pelo Portal relacionando-o à fundamentação teórica, aos dados coletados e às análises.

Nas considerações finais, serão apresentadas as contribuições do Portal no diálogo que busca estabelecer com o professor e, a partir da análise, foram apresentados aspectos que podem contribuir para sua atuação. Após o período de estudo, nota-se que o Portal opera como um curador de conteúdo direcionado ao exercício profissional de educadores. Para tanto, o Porvir utiliza as diversas estratégias dessa função de acordo com o nível de interesse e de busca de informação da audiência. O portal também se estabelece como fonte de referência, fato resultante de suas ações e engajamento com o tema “inovação na educação”. O Portal tem relevante contribuição na dimensão informativa direcionada e professores, proporcionando importantes contribuições diante da necessidade do país de alcançar melhores resultados na educação.

## **2 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**

Neste capítulo, priorizou-se abordar os conceitos e as discussões acerca da Sociedade da Informação, assumindo-a como contexto de atuação do objeto de estudo deste trabalho. Sendo assim, fazem-se aqui apontamentos sobre rápida absorção da tecnologia nas atividades cotidianas, com alterações na relação de tempo/espaço e a explosão informacional que gera uma sensação de emergência para tratar o volume de informação e do conhecimento que tem valor social. Abordar-se-ão, então, pontos de vistas sobre o conceito de Sociedade da Informação nos âmbitos social, político e econômico. Será proposta uma reflexão acerca do valor da informação e seu acesso, com vistas ao desenvolvimento dos países e à relação de interesses que permeiam os investimentos e as políticas públicas. Justifica-se a discussão proposta neste capítulo partindo da ótica das interfaces educação e comunicação, por um objeto de estudo que se propõe a disponibilizar conteúdos e discussões tornando o acesso à informação e produção de conteúdo mais democrático aos educadores, tendo em vista impactar no desenvolvimento social promovido por esses profissionais da educação.

Bauman e May (2002) abordam as mudanças na relação tempo e espaço, comentando a diferença da percepção entre os nascidos na “era da informação” e os que aprenderam com ela. Portanto, os autores discutem a informação como valor econômico e de desenvolvimento na história e na relação com o transporte, para ilustrar como a tecnologia potencializa os fatores: velocidade, volume e valor. Neste contexto, Takahashi (2000) delinea a Sociedade da Informação e as mudanças sociais discutindo a informação como matéria-prima e conhecimento como valor econômico. O autor define saber como fonte de poder e coloca a educação como peça-chave nessa relação. Melo (2001) também aborda a Sociedade da Informação, mas com foco em seus potenciais de participação e exclusão social. Este autor analisa tais conceitos com olhar para o Brasil e suas discrepâncias. Como ponto de atenção no processo evolutivo apresentado, Jambeiro (2009) pondera a tecnologia como um dos pilares para o desenvolvimento e reforça a necessidade de discutir o paradoxo do acesso igualitário para todos. Apesar das dificuldades apresentadas, Peruzzo (2001) discute a utopia e os caminhos possíveis para a Sociedade da Informação.

A tecnologia alterou definitivamente atividades simples e rotineiras dos indivíduos, desde o pagamento de contas, a interação com meios de comunicação, até mesmo o consumo de conteúdo e cultura. Tahakashi (2000) reflete sobre o quanto foi rápida e fácil a adaptação às novidades e às facilidades tecnológicas. Destaca que, nessa mesma velocidade, o mundo passou a viver na Sociedade da Informação, marcada por um contexto em que a informação circula a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais.

O conceito de Sociedade da Informação esclarece a base das relações mercadológicas e sociais, quando antes o valor econômico parecia ser entendido como o produto final. No contexto atual, a informação é assumida como matéria-prima; o conhecimento, como principal valor econômico e social, tem importância política, cultural e impacto importante para o desenvolvimento dos países. Assim, a forma como ela é produzida, transmitida e acessada impacta diretamente nos pilares políticos, econômicos e sociais.

A informação e o conhecimento são hoje o eixo central do desenvolvimento social, e isso ainda mais nos países do chamado Terceiro Mundo, em países como a Colômbia, nos quais uma industrialização precária não impede que estejamos entrando numa sociedade cuja competitividade produtiva depende mais da informação e do conhecimento do que das máquinas, mais da inteligência do que da força. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54).

Bauman e May (2002) ressaltam que a informação com valor social e econômico não é uma novidade histórica. Os autores fazem um resgate lembrando que, durante a maior parte da história da humanidade, não havia muita diferença entre transporte e comunicação. Isso porque a informação, antes da estrutura tecnológica atual, era transportada por viajantes, mensageiros, trabalhadores manuais, posicionados em determinados percursos, ou ainda aqueles que se deslocavam de uma região a outra, em busca de esmolas ou trabalhos. E, mesmo sem o advento da tecnologia, a informação transportada dessa maneira já oferecia vantagens para aqueles que tinham acesso. Os autores trazem como exemplo o uso pioneiro dos pombos-correios, que permitiram a Rothschild, um banqueiro judeu estabelecido na Alemanha em fins do século 18, obter a informação privilegiada sobre a derrota de Napoleão em Waterloo (BAUMAN e MAY 2002). Com tal

informação, o banqueiro teria multiplicado sua riqueza, com manobras na Bolsa de Londres. Mesmo sendo ilegal esse tipo de vantagem competitiva por informações privilegiadas, esse fato demonstra o valor da informação na história. Deste modo, a tecnologia aumentou o volume, a velocidade e, conseqüentemente, o valor informacional, estreitando as relações globais, potencializando também o valor ao acesso e à desvalorização pelo não acesso.

Sodré (2006) discute como a natureza do espaço público também foi impactada com a polarização dos meios, promovida pelo avanço tecnológico, e, conseqüentemente, das formas de representação da realidade e disseminação de informações.

De fato, muda a natureza do espaço público, tradicionalmente animado pela política e pela imprensa escrita. Agora, formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou telerreal) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais. Transmitida em tempo real, uma fórmula já antiga, como o noticiário jornalístico, torna-se estratégica nos termos globais do mercado financeiro: um pequeno boato pode repercutir como terremoto em regiões do planeta fisicamente distantes. (SODRÉ, 2006, p. 19).

A comunicação, utilizada como processo de representar a realidade percebida com os meios digitais, tem os polos emissores ampliados pelos espaços virtuais, constituindo novos atores e formas de atuação. A transmissão de informação em tempo real já não é uma exclusividade dos meios tradicionalmente ditos de massa, permitindo novas articulações e discussões, mas também ampliando os efeitos de práticas antigas como informações questionáveis, alertadas por Sodré (2006). Ainda assim, o questionamento da veracidade de alguns dados que circulam na internet não invalidam a autonomia que o acesso à informação pode propiciar. Quando é dado ao indivíduo informação, com espaço para questionamentos e entendimentos, também é dado poder para perceber, refletir e discutir demandas individuais e coletivas.

Martín-Barbero (2000) aponta que, historicamente, o acesso ao saber foi priorizado a líderes e governantes de maneira centralizada e personificada, para que as decisões tomadas também fossem pesadas nessa lógica, distante das discussões de demandas sociais percebida pelos indivíduos.

As sociedades centralizaram sempre o saber, porque o saber foi sempre fonte de poder, desde os sacerdotes egípcios aos monges medievais ou, atualmente, aos assessores dos políticos. Dos mosteiros medievais às escolas de hoje, o saber conservou esse duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, centralizado e personificado em figuras sociais determinadas. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 55).

Assumindo o saber como fonte de poder na herança das relações históricas, somado às transformações que as tecnologias ocasionam nas estruturas e nas práticas sociais, infere-se que, se mantida a mesma lógica de acesso a frações sociais determinadas, o não acesso à informação continuará causando exclusão social do indivíduo, favorecendo condições de desigualdade. Tais afirmações justificam a preocupação de iniciativas que buscam estratégias para absorção social dos avanços tecnológicos, ampliando o alcance da informação, potencializando as formas de produção do conhecimento como forma de apoiar o desenvolvimento social de maneira mais justa se comparado ao desenvolvimento tecnológico.

Em um contexto em que o conhecimento é o principal valor econômico do país, a Educação e seus profissionais são peças-chave (TAKAHASHI, 2000). Dentre as mudanças citadas, a forma como os profissionais de educação buscam informações também mudou. Agora, além das bibliotecas, os docentes também contam com a tecnologia e a velocidade da informação.

Takahashi (2000) explica que, devido às diferenças econômicas, sociais e culturais, cada país busca construir a Sociedade da Informação com estratégias diferentes e adequadas a cada realidade, mas consciente da importância do conhecimento para o desenvolvimento de si próprio.

O portal estudado neste trabalho tem como objetivo fomentar a inovação educacional e foi criado para atender ao cenário descrito pela Sociedade da Informação que busca converter o conhecimento em vantagem competitiva. O Porvir declara não apenas falar de educação, mas objetiva também impactar a sala de aula, contribuindo para a formação do docente e, conseqüentemente, o desenvolvimento do aluno.

Existem vários profissionais que trabalham com educação nas diversas partes do mundo e utilizam os meios de comunicação como fonte informacional, levantando reflexões acerca de como o indivíduo, autônomo, com metas sociais, utiliza os meios

de comunicação para acessar e produzir conteúdo que permita construir conhecimento coletivo.

Nesse panorama, Takahashi ainda reforça que informação e comunicação são condições necessárias, mesmo não sendo únicas, para a inserção dos indivíduos como cidadãos. Isso porque o acesso à informação é o princípio para a participação da população em uma sociedade democrática.

Na nova economia, não basta dispor de uma infraestrutura moderna de comunicação; é preciso competência para transformar informação em conhecimento. É a educação o elemento-chave para a construção de uma Sociedade da Informação e condição essencial para que pessoas e organizações estejam aptas a lidar com o novo, a criar e, assim, a garantir seu espaço de liberdade e autonomia. A dinâmica da Sociedade da Informação requer educação continuada ao longo da vida, que permita ao indivíduo não apenas acompanhar as mudanças tecnológicas, mas, sobretudo, inovar. (TAKAHASHI, 2000, p. 32).

Melo (2001) apresenta a informação como pilar da economia, sendo o bem mais valioso como fonte de emprego, componente hegemônico da produtividade na indústria e agricultura. O autor esclarece que, apesar de a informação estar atida ao setor terciário da economia, no setor secundário, os insumos informacionais incrementam a produtividade das empresas e, no setor primário, a informação é mercadoria, base para inovação, produção e venda. Ou seja, a informação é a mola propulsora alavancada pela velocidade da tecnologia.

Contudo, Melo (2001) descreve que o fluxo informacional na Sociedade da Informação não totalmente é visível, mas define a geração de valor econômico aos países que investem em infraestrutura por meio de suportes tecnológicos: redes de computadores e telecomunicações.

Essa infraestrutura representa a ponta do iceberg, o elemento visível da chamada Sociedade da Informação. A gente vê mais facilmente a parafernália tecnológica e nem sempre identifica os conteúdos processados. Só um exemplo: no caso dos Estados Unidos, na década de 70, a participação da indústria da informação no produto nacional bruto era de 54%, e, na década de 80, já perfazia 75%. (MELO, 2001, p. 38).

O autor pontua que o acesso à informação para desenvolvimento social não é autorregulado, afinal são as estratégias na formulação de políticas públicas e

investimentos que definem quais regiões são mais ou menos atraentes em relação a negócios e empreendimentos, de acordo com interesses que nem sempre são públicos. Igualmente, a capacitação dos profissionais para atuarem na realidade mercadológica mutante e veloz se torna dependente de investimentos públicos e privados, influenciados por interesses em desenvolver ou não competências necessárias demandadas em cada segmento.

Takahashi (2000) defende como recurso aos riscos apresentados investimentos que explorem a capacidade de integração, pensando a infraestrutura como suporte para reduzir a distância entre pessoas, facilitando a circulação de informação e conteúdo, conseqüentemente promovendo o aumento do nível de informação. Nesse sentido, a tecnologia atua como suporte infraestrutura no acesso a informação.

Sob as considerações do autor, esse estudo destaca a relevância de iniciativas que assumem esse contexto e se posicionam na disseminação de conteúdo, com foco na formação profissional, no aumento do nível de informação social, por meio de estratégias que visam beneficiar a democracia no acesso à informação e, conseqüentemente, ampliarem possibilidades de capacitação profissional que estão além dos interesses mercadológicos.

Melo (2001) menciona a aceleração econômica, a geração de empregos e a socialização do conhecimento, ponderando que conteúdos que eram restritos a classes mais elitizadas podem ser ampliados às demais classes. O autor também destaca a democratização cultural, à medida que patrimônios intelectuais são disponibilizados para o público, utilizando essa infraestrutura tecnológica.

Desse modo, Takahashi (2009) esclarece que aos países cabe definir estratégias, considerando as diferentes condições e projetos de desenvolvimento social, moldadas a cada conjuntura, mas apoiados na relação tecnológica com as estruturas e práticas de produção, comercialização e consumo. O autor reforça a relevância das necessidades de cooperação e competição entre os envolvidos, a partir da cadeia de geração de valor, que se apoia nas condições de acesso à informação, capacidade de construção de conhecimento para de fato aprender e inovar. Ou seja, o valor pautado na capacidade de transformar informação em conhecimento e inovação gera riqueza e desenvolvimento aos países.

O autor justifica por que os países mais desenvolvidos, ou em melhores condições de desenvolvimento, repensam a lógica de valor político, econômico e social, com investimentos em políticas e estratégias com foco nos pilares da Sociedade da Informação: acesso à informação, construção de conhecimento e inovação para geração de valor. Aos países subdesenvolvidos também cabe o desafio de ações que possibilitem não só acompanhar as transformações, mas também buscar caminhos que impulsionem o desenvolvimento social, evitando o risco de perder espaço, na lógica político-econômica baseada no conhecimento. Para Takahashi (2009), todos os países atuam, voluntária ou involuntariamente, na Sociedade da Informação, mas compete a cada um encontrar sua rota e suas prioridades.

Assim, a capacidade humana de inovar e converter conhecimento em valor estão diretamente relacionados ao desenvolvimento dos países, desde que haja políticas públicas equivalentes. Para o autor, no Brasil, o desafio é criar condições para se valer do avanço tecnológico, gerando oportunidades para todas as camadas sociais, inclusive as que mais demandam atenção, possibilitando acesso à informação, capacitação e desenvolvimento de competências.

## 2.1 INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: DESAFIOS

A Sociedade da Informação é marcada por reconfigurações na vida cotidiana resultantes do avanço tecnológico naturalizado e por reorganizações nos diversos âmbitos sociais. Jambeiro (2009) alerta para o teor polêmico do conceito “Sociedade da Informação” devido às suas contradições de acesso e à mediação tecnológica em sua caracterização, definida por ele em três aspectos. O primeiro é a formação e o desenvolvimento das redes digitais e virtuais que ligam pessoas e grupos, destacando também a mudança de percepção de tempo e espaço nas relações estabelecidas. O segundo aspecto levantado pelo autor é a reorganização interativa dos processos políticos, sociais, econômicos, culturais e institucionais com base nas tecnologias de informação e comunicação, ou seja, a informação e o conhecimento se reposicionam enquanto valor e alteram as relações nos processos. O terceiro aspecto levantado pelo autor também pontua as mudanças presenciadas no cotidiano dos indivíduos, bem como governos, empresas e instituições em geral pela expansão das redes digitais.

Contudo, a questão polêmica para o autor é que, mesmo assumindo a reconfiguração da vida cotidiana com a integração das novas tecnologias e reorganização interativa dos processos políticos/sociais, Jambeiro (2009) argumenta que a tecnologia não é mandante das transformações, tratando apenas de um dos pilares, sendo interdependente. É a estrutura resultante dessa interdependência e, conseqüente integração, que condiciona a existência e o desenvolvimento da chamada Sociedade da Informação (JAMBEIRO, 2009, p. 22).

O autor assinala como paradoxo central da evolução dos processos de informação e comunicação à disponibilização, veloz, crescente e intensa de informações que não se faz acessível à boa parte da humanidade, mas a educação e as tecnologias podem possibilitar seu uso.

Martín-Barbero (2006), ao abordar peculiaridades latino-americanas da sociedade do conhecimento, ironiza essas “sociedades do desconhecimento”, ressaltando a polaridade criada no mesmo grupo pelo não reconhecimento da pluralidade de saberes e concorrências culturais que, sendo compartilhadas pelas maiorias populares ou minorias indígenas ou regionais, não são integradas nem aos mapas da sociedade e sequer aos de seus sistemas educativos. O autor destaca que o condicionamento dos saberes orais e visuais à ordem habitual sofre atualmente uma erosão que se origina nos novos modos de produção e circulação de saberes e de novas escritas que emergem por meio das novas técnicas, especialmente do computador e da internet.

A centralidade que as tecnologias ocupam nessa concepção da sociedade torna-se desproporcional e paradoxal em países nos quais o crescimento da desigualdade atomiza as sociedades, deteriorando seus dispositivos de comunicação, isto é, de coesão cultural e política. Daí o aumento das brechas e desmoralização coletiva: nossos povos podem assimilar com certa facilidade as imagens da modernização que as mudanças tecnológicas propõem, mas é em outro ritmo, bem mais lento e doloroso, que podem recompor seus sistemas de valores, de normas éticas e virtudes cívicas. (MARTÍN-BARBERO, p. 56, 2006).

O autor faz críticas à lógica da Sociedade da Informação propagada de maneira uniforme, em que a informação, entendida como matéria-prima, movimenta o mercado e estabelece novas condições de acesso à informação e ao conhecimento. Lembrando que a realidade nos países desenvolvidos segue outra dinâmica e, mesmo com assimilação dos conceitos da modernização que a

tecnologia propõe, os sistemas de valores, normas éticas e virtudes cívicas se recompõem em outro ritmo.

Assim, a fragilidade social na disputa por interesses é apresentada por Takahashi (2009) como desafio quando a falta de infraestrutura na disponibilização das novas tecnologias impacta no aumento da desigualdade social por dificultar o acesso à informação de maneira igualitária. Nesse ponto, Melo (2001) faz advertências em relação à temeridade de exclusão digital. De acordo com o autor, a exclusão não é privilégio da lógica digital, possui essência histórica; foi assim com o rádio, a televisão e se se repetiu na apropriação da cibernídia. Para o autor, qualquer sociedade que possui excluídos do bem-estar social, evidentemente apresentará exclusão social midiática. Sendo assim, não é um problema de natureza comunicacional, mas de natureza socioeconômica, um problema político de relações sociais.

Melo (2001) traz pontos de atenção a partir da premissa de que o acesso à informação e ao conhecimento são bases nos valores sociais e econômicos. Segundo o autor, quem não tem acesso à Sociedade da Informação continua à margem da sociedade. Ou seja, mantém-se a lógica que acentua as desigualdades e as exclusões, tanto entre sociedades, como, no interior de cada uma delas, entre setores e regiões de maior e menor renda.

Jambeiro (2009) também discute a cidadania na era digital sendo exercida completamente apenas por grupos com acesso à educação e poder aquisitivo para estar nos fluxos dessa dinâmica. O autor defende a formulação de políticas adequadas à realidade contemporânea, motivadas por mobilização, articulação e confrontação de grupos de interesse.

[...] São determinadas por processos políticos, nos quais esses grupos buscam impor, via negociação ou coerção, o atendimento de suas demandas. Mudanças nas políticas ou criação de novas ocorrem quando há alteração na influência relativa dos grupos dominantes. À medida que a democracia se amplia e novos grupos entram nos processos decisórios da sociedade, o ímpeto de sua atividade pode gerar crises e impasses, a partir dos quais os mecanismos de formulação e execução de políticas de comunicação são alterados. (JAMBEIRO, 2009, p. 26).

Desse modo, as reflexões e as discussões sobre a Sociedade da Informação perpassam por políticas de comunicação que estruturam o avanço da democratização da informação a partir da infraestrutura disponibilizada pelas novas

tecnologias. Assim, para questionar o atendimento de demandas sociais, é preciso considerar o Brasil, suas dimensões e distintas realidades.

Melo (2001) traz destaque para o que chama de “muralha digital” quando direciona sua preocupação para a Sociedade da Informação enquanto instrumento que amplia o distanciamento de classes, com divisões entre ricos e pobres, superinformados e subinformados. O autor relata o quanto níveis de renda e educação mais elevados privilegiam o acesso à sociedade do conhecimento como também a prevalência de interesses privados, com destaque mercadológico, atua em detrimento ao interesse coletivo.

Melo (2001) afirma ainda que o Brasil é marcado por seu caráter de arquipélago cultural, ou seja, não deve ser pensado de forma nacional, mas considerando particularidades e realidades regionais. Sendo assim, o acesso à informação é pautado por discrepâncias como, por exemplo, a escolaridade e a idade, que influenciam nos níveis de conhecimento e habilidade, na interação e apropriação dos ambientes informacionais digitais. O autor aborda os aspectos da dívida educacional, que aumenta a desigualdade de acesso à sociedade do conhecimento. Fato que demanda investimentos em escolarização básica de qualidade, promovendo a formação necessária para autonomia do indivíduo. Esses investimentos devem abarcar os principais atores, incluindo os educadores formais e não formais.

A relação entre renda e inclusão também é destaque no chamado “hiato digital” entre o grupo de cidadãos conectados, com acesso à informação, e os cidadãos com dificuldades de acesso a ela. Melo (2001) afirma que, para construir uma sociedade do conhecimento, é preciso saldar a dívida social, com distribuição de renda proporcionada pela geração de emprego permanente, visando garantir distribuição de produto social. Do contrário, o país segue promovendo a exclusão social ao desenvolvimento.

Desse modo, para que a realidade brasileira possa vivenciar a geração de valor proposta pelos conceitos da Sociedade da Informação, é necessário assumir as indicações Melo (2001), com iniciativas que visem diminuir o déficit cultural, ações com foco na dívida social e na dívida educacional. Mas não apenas com diplomas e certificados, é preciso estratégias que disponibilizem acesso a conteúdo relevante e bens culturais. O autor é taxativo ao afirmar que não será possível sanar a

dificuldade da exclusão digital sem acesso igualitário a livros, jornais, revistas, cinema, à ficção de boa qualidade, é preciso gerar interesse de usar a internet para deleite cultural e crescimento intelectual.

Assim, Takahashi (2000) também adverte que não basta dispor de uma infraestrutura moderna de comunicação, pois isso é suporte. É preciso desenvolver competência em transformar informação em conhecimento. Reforçando o papel da educação, nesse processo de formação social.

Neste ponto, pode-se admitir que educação é o combustível para a dinâmica da Sociedade da Informação, de maneira justa, pois respalda o desenvolvimento social. Quando admitimos que a tecnologia é o suporte, a educação continuada permite o uso da tecnologia para dar autonomia, capacidade de desenvolvimento e inovação ao indivíduo (cidadão) e ao coletivo (sociedade), gerando competências equivalentes ao avanço tecnológico. Takahashi (2000) detalha o cenário com dois desafios: o primeiro é superar antigas deficiências e o segundo é criar competências requeridas por uma lógica econômica em constante evolução. Portanto, entende-se que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) funcionam como suporte, contribuindo para que os programas de educação sejam eficientes e com capacidade de alcance a todas as comunidades e regiões, considerando a infraestrutura disponível.

Para o autor, é imprescindível que a capacitação pedagógica e tecnológica de educadores siga o desenvolvimento de conteúdo. Capacitar educadores é aumentar as possibilidades de inclusão dos diversos profissionais aos recursos tecnológicos alcançando, assim, o potencial didático dos novos meios, multiplicando competências. Takahashi (2009) destaca a grande quantidade de informações, sobre os mais variados temas que são “designados pelo nome genérico de conteúdos”, disponíveis em escala planetária e circulando de forma acelerada, por meio da Internet e das novas mídias eletrônicas. Esse repertório possibilita o compartilhamento de conhecimentos, informações e dados, apoiando o desenvolvimento humano.

Dentro das discussões sobre a importância do conteúdo, retoma-se Melo (2001) para explicar que, mesmo os problemas da exclusão digital sendo de natureza política, o campo de comunicação social tem responsabilidades éticas, no papel de reduzir as distâncias que excluem pessoas, justamente com a produção e a

disseminação de conteúdos. O autor atribui aos profissionais e veículos de comunicação o encargo de produção de conteúdos de boa qualidade, sintonizados com as demandas sociais não apenas conteúdos para elites ou para demandas mercadológicas.

Melo (2001) pondera que, para transitar da Sociedade da Informação para sociedade do conhecimento, o grande desafio é criar competência cognitiva. O autor explica que, para criar competência cognitiva, é imprescindível produzir conteúdos que levem conhecimento às diversas camadas sociais; esses conteúdos devem ter boa qualidade, serem acessíveis incluam o cidadão nas discussões sociais. A crítica do autor é que os conteúdos atuais acabam imitando o padrão de conteúdos já existentes e culturalmente excludentes.

Takahashi (2000) ressalta que a questão estratégica nas políticas dos e programas de inserção na Sociedade da Informação é cuidar do uso apropriado das tecnologias, além de aumentar a quantidade e a qualidade de conteúdos confiáveis disponíveis nas redes eletrônicas e nas novas mídias.

Sobre os desafios encontrados nos conceitos da muralha digital, Melo (2001) lembra que os estudos comunicacionais pertencem à área de conhecimento aplicado, logo, é preciso gerar novos produtos, novos formatos; essa é a função social dos comunicadores na sociedade do conhecimento: entender a realidade dessa sociedade e propor inovações comunicacionais que considerem os desafios da realidade brasileira; produzir conteúdo para aquele grupo que já está interconectado, mas também para os “Brasis” menores, aqueles que vivem nas realidades regionais e locais e permanecem à margem, na periferia rural ou nos aglomerados suburbanos, conclui Melo (2001).

Para Orozco (2006), ao empreender uma pesquisa no âmbito da transformação das interações midiáticas a partir da exploração dos processos comunicativos, das mediações e dos contextos que o circundam – considerando o campo da comunicação vinculado à mudança tecnológica e o contexto da sociedade do conhecimento – há uma forte tensão entre duas perspectivas, que se denominam: tecnocêntrica e sociocêntrica.

De acordo com o autor, a perspectiva tecnocêntrica atribui grande relevância à questão da transmissão e pensa os referentes midiáticos analisando os efeitos que provocam. Conseqüentemente, essa perspectiva traz o olhar mais atento à

tecnologia como principal força das transformações vivenciadas na sociedade. Já a perspectiva sociocêntrica busca compreender a comunicação e a produção de conhecimento a partir das reproduções que realizam os atores sociais, considerando os referenciais informativos e tecnologias com as quais interagem. Para o autor, essa perspectiva pode ser considerada mais culturalista, nutrida também de outras disciplinas humanísticas.

Orozco (2006) faz críticas à visão de alguns autores que apresentam a contraposição das perspectivas passíveis de extinção, com afirmações de que, na sociedade do conhecimento, seria diluído o conceito de produtores e usuários daquilo que é produzido, já que todos poderiam fazer os mesmos papéis indistintamente.

Com a exuberância tecnológica contemporânea, mais que a ampliação concomitante do poder de produzir e difundir conhecimentos – o que, para alguns, seria uma democracia cibernética, e, certamente, para todos, poderia ser um grande objetivo a se alcançar –, parece-me que hoje assistimos a um crescente despoder social que aumenta geometricamente em sociedades como as latino-americanas, justamente por meio ou através da tecnologia de informação. Um despoder particularmente comunicacional, que desafia as tentativas de fortalecer as cidadanias e tornar possível o desenvolvimento da democracia. Um despoder que há de se entender em sua complexidade para não sermos idealistas com as grandes coisas que a tecnologia promete. (OROZCO, 2006, p. 82).

O autor defende que muitas mudanças que já foram e continuarão sendo presenciadas no campo da comunicação social não são devidas ao potencial tecnológico mais recente, que dependeria das últimas tecnologias ou da racionalidade tecnoinformática como tal, mas à extensa presença das mídias e tecnologias nascidas na modernidade. São mudanças como trânsito de um paradigma para outro que devem ser consideradas e analisadas, pois podem anunciar as transformações futuras possíveis. É importante entendê-las para não cair no terreno das especulações ou nos futurismos idealistas ou otimistas (OROZCO, 2006).

O autor define como “miragem tecnocrática” a crença de que as mídias e as tecnologias de informação geradas ao amparo da modernidade e inseridas socialmente durante o século 20 perderam relevância diante do conjunto de mudanças tecnológicas mais recentes. Sendo assim, o encontro de todos os meios,

ditos velhos e novos, assim como as diversas tecnologias, constituem ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos.

Orozco (2006) ressalta que a chegada de um novo meio ou tecnologia não supõe necessariamente a suplantação do anterior, por várias razões. Para ele, cada meio ou tecnologia é muito mais que isso, sua transformação envolve outros fatores, além dos técnicos e instrumentais; cada tecnologia demanda um tempo de aprendizagem e apropriação por parte dos usuários; as tecnologias demandam atenção diversificada para gratificar seus usuários; além disso, cada tecnologia atende melhor à satisfação de uma ou mais necessidades que as anteriores, mas não todas. Logo, cada nova tecnologia provoca outras mudanças subsequentes que também requerem reajustes variados por parte dos usuários. Sobretudo, ao assumir os recursos limitados das sociedades, também é preciso considerar que, quando não há poder aquisitivo para acompanhar o desenvolvimento tecnológico do mercado, as mudanças também sofrem atrasos (OROZCO, 2006).

O autor ilustra que, assim, a sociedade transita de um ambiente para o outro, sem abandonar completamente o ponto de partida, com um trânsito cheio de hibridações e motivado por mudanças tecnológicas em que os resultados não são imediatos. A demora também é justificada porque não só o instrumental está envolvido no processo, mas também o sociocultural e o perceptivo. A rapidez do desenvolvimento tecnológico não acompanha sua assimilação cultural nem perceptiva, tampouco política, mas mercadológica. Para o autor, uma mudança sociocultural demanda mudanças de sedimentação simbólica e isso requer tempo. A mudança demanda também, da parte dos Estados e das instituições, formulações adequadas de políticas públicas que permitam a todos a transição de um meio a outro, de uma tecnologia a outra, de uma ritualidade a outra. (OROZCO, 2006).

A partir dos desafios existentes na Sociedade da Informação, Peruzzo (2001) pondera a utopia na igualdade do poder de se comunicar. A autora apresenta a utopia como fator de mudança, indicando a possibilidade de uma sociedade diferente, com acesso igualitário a riquezas e a bens gerados coletivamente, mesmo que futuramente. Assim, a utopia é utilizada não como algo não realizável, mas passível de realização, já que se expressam indicativos, ou sonhos, de onde se pretende chegar, muito embora distante de atual realidade. Ou seja, a Sociedade da

Informação propõe metas ao acesso à informação e às formas de comunicação que podem ser utópicas, mas alcançáveis (PERUZZO, 2001).

### 3 AMBIENTES INFORMACIONAIS DIGITAIS

Depois de contextualizar a Sociedade da Informação em relação ao avanço tecnológico, considerou-se importante abordar neste capítulo temas que permeiam os ambientes informacionais digitais: ciberespaço, cibercultura, e o desdobramento das relações nos conceitos de identidade e reconhecimento a partir da comunicação. Refletindo ainda sobre tais ambientes como espaços de conversação digital e suas formas de relações, buscou-se também apresentar contrapontos e questionamentos que equilibram a análise, evitando verdades absolutas. Julgou-se relevante apresentar como o uso do ciberespaço e suas ferramentas para produção e disponibilização de conteúdo por emissores, além das potências comunicacionais já conhecidas, podem impactar na relação de consciências individuais, coletivas e, conseqüentemente, na cultura e no reconhecimento de identidades construídas nesses ambientes.

Para tanto, recorreu-se a Pierre Lévy (1999) para as definições de ciberespaço e cibercultura, utilizando as abordagens de Rüdiger (2011) como contraponto com críticas às conceptualizações iniciais dos conceitos. Para discutir a comunicação e suas interferências na legitimação da cultura e percepção de consciências coletivas e individuais, foram utilizadas as abordagens de Lemos (2009), Vicente (2009) e Duarte (2003). Por fim, serão apresentadas as contribuições de Castells (2003) sobre a linguagem digital, a identidade como fonte de significados e reconhecimento que precisam ser ponderados pelo fazer comunicacional.

#### 3.1 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA

Pierre Lévy é referência nos estudos sobre o uso e apropriação das novas tecnologias no âmbito social e comunicacional. Segundo ele, a internet, bem como a revolução tecnológica, não resolveria todos os problemas culturais e sociais do planeta, cabendo aos estudiosos e comunicadores explorar as potencialidades mais positivas do espaço cibernético nos planos econômico, político, cultural e humano (LÉVY, 1999).

Para tanto, o autor pontua que as relações passaram a acontecer também em um espaço virtual de conversação, troca de informação e produção de conhecimento; entonando a discussão do real e virtual; *online* e *off-line*. Assim, a lógica de redes nas relações e conversações surgiu pela conexão reticular entre

indivíduos, em diversos pontos. Dentro dessa dinâmica, a Sociedade da Informação tem o ciberespaço como estrutura comunicativa.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos. Cibercultura especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17).

Assim, de acordo com o autor, o ciberespaço é estrutural por abrigar uma infraestrutura e um universo de informações que possibilitam a comunicação digital, enquanto a cibercultura se refere às novas formas de relações sociais advindas das vivências adquiridas e estabelecidas com a estrutura do ciberespaço, que media a comunicação digital. De tal modo, Lévy constatou que o crescimento do ciberespaço foi resultado da busca de indivíduos abertos a experimentar, de maneira coletiva e colaborativa, novos formatos de comunicação, por saturação do proposto pelas mídias, até então, consideradas clássicas.

Em contraponto, Rüdiger (2011) critica a exploração do termo cibercultura em meados da década de 1990, com a popularização da internet como plataforma de comunicação cotidiana.

Cibercultura pode ser entendida como uma formação histórica de cunho prático e cotidiano, cujas linhas de força e rápida expansão, baseadas nas redes telemáticas, estão criando, em pouco tempo, não apenas um mundo próprio, mas, também, um campo de interrogação intelectual potente, dividido em várias tendências de interpretação. (RÜDIGER, 2011, p. 7).

Rüdiger se preocupa com a velocidade das transformações e o impacto real na estrutura social pela pluralidade de caminhos investigativos acerca da cibercultura. Sua crítica considera a criação de um mundo com lógica conveniente discutindo interesses questionáveis. Sobre a velocidade da informação e a construção do conhecimento, apresenta questionamentos sobre o campo intelectual construído. Assim, para o autor, a cibercultura, pode ser entendida como uma exploração do ciclo evolutivo tecnológico, um cultivo do mundo, dos nós incluídos,

em termos cibernéticos. Define duramente como a exploração do pensamento cibernético e de suas circunstâncias, conforme interesses, criando projetos historicamente e incorporando inúmeras ordens de outros fatores, levam à ideia de cultivo. Ainda segundo o autor, com tantas vertentes, o termo foi perdendo o embasamento original nos pensamentos e seus desenvolvimentos especializados, “a projetar-se de um modo cada vez mais cotidiano e profano, em que só de forma muito mediada, estranha para o seu sujeito, está em jogo a cibernética” (RÜDIGER, 2011, p. 11).

Em resumo, Rüdiger afirma que cibercultura designa “o conjunto dos fenômenos cotidianos agenciados ou promovidos com o progresso das telemáticas e seus maquinismos”. O autor propõe um conceito mais afinado, definindo como a formação histórica, prática e simbólica, de caráter cotidiano, se expandem com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação, uma visão crítica e com ressalvas nos interesses e riscos oferecidos pela dinâmica tecnológica/social estabelecida pela cibercultura (RÜDIGER, 2011).

Julga-se importante recorrer ao ponto de vista de Rüdiger na busca por equilíbrio ao assumir as fragilidades na flexão das definições e diversas definições tendenciadas se subjetivas ao contexto, bem como o questionamento de interesses por trás das reflexões. O autor adverte que a comunicação humana é sempre interativa, “mas caem os termos desta última quando ela deixa de ser imediata e passa a depender de outros meios que não a linguagem, quando, vendo por outro ângulo, se desenvolvem os meios materiais de comunicação” (RÜDIGER, 2011, p. 13).

Segue, assim, o paradigma encarado pela cibercultura: uma estrutura que se propõe a estabelecer comunicação horizontal, aproximando realidades, apoiando ambientes informacionais capazes de produzir conhecimento e inovações, com valor social; mas também questionada com fortes críticas e acusação de deteriorar estruturas sociais e culturais estabelecidas, sendo manipulada por interesses de poder, políticos e econômicos, distanciados dos interesses públicos, que fragilizam ainda mais as relações sociais e culturais.

Lemos (2014) pondera que, independentemente da corrente teórica adotada compreender a atuação das tecnologias de comunicação e informação no contexto

da cibercultura, é fundamental para entendimento do campo comunicacional contemporâneo, uma vez que são alicerces da cultura no Século XXI.

As NTICS são alicerce da cultura do século XXI. Assim, tanto correntes teóricas, que ressaltam os aspectos negativos (isolamento social, excesso de informação, virtualização, fim da intermediação, amadorismo, pirataria, racionalidade técnica instrumental), como os positivos (liberdade de expressão, circulação do conhecimento, inteligência coletiva, cultura do compartilhamento, conversação democrática, reforço dos vínculos comunitários), reconhecem a importância das NTICS e da nova cultura. (LEMOS, 2014, p. 413).

O autor defende que já se superou a fase centrada no determinismo futurista alcançando uma visão mais elaborada dos fenômenos cotidianos. Lemos (2014) esclarece que a discussão deve tomar caminhos menos especulativos e mais focados em estudos empíricos, sobre o uso das ferramentas e seus impactos nas relações sociais.

Para Lemos (2009), os estudos em torno da cibercultura buscam entender a emergência das diversas práticas sociais, comunicacionais e produtivas que criam diversas possibilidades de recombinações na cultura contemporânea. O autor afirma que a cibercultura é um “território recombinante”, explorando os princípios da Sociedade da Informação e a noção de território para entender a hipótese da criação de territórios informacionais, em expansão com as tecnologias de comunicação sem fio.

Ainda na dimensão tecnológica e técnica, Lemos (2014) destaca que a relação “um-todos” da cultura de massa deu espaço a relação “todos-todos”. Para o autor, é preciso assumir que a facilidade de produzir, emitir e distribuir informação, com certa autonomia dos mediadores clássicos, criou condições propícias para reconfiguração do conjunto de práticas sociais, econômicas e culturais, ancoradas na conexão em rede. Assim, o portal Porvir se apropria das inovações tecnológicas e técnicas da relação “todos-todos” para se posicionar como ferramenta de apoio a professores, que buscam se instruir nesse novo ambiente.

As reflexões de Lévy (1999) direcionam o olhar para a sociedade conectada por vários tipos de relações e identidades, um ambiente social que pode possibilitar, por meio da interação e colaboração, a construção de uma consciência coletiva pela soma de consciências e individuais. Dessa forma, a construção de conhecimento

seria enriquecida pela soma de saberes; essa inteligência construída na sociedade em si é o capital, a matéria-prima de geração de valor. O autor evidencia que as interações e trocas ocorrem nessa dimensão por existir um ambiente que possibilita conexões, por meio de uma lógica de redes interligando pessoas, estabelecendo vínculos e indicações. Por se tratar de uma realidade mais flexível, os efeitos da tecnologia têm alta penetrabilidade e a pluralidade de tecnologia permite convergência entre elas.

Sobre as relações de interesses privados e mercadológicos que fragilizam o social no ciberespaço, Lévy (1999) lembra a mesma crítica feita às tecnologias anteriores, como no surgimento do telefone com a geração de riquezas para companhias de telecomunicação, mas, ainda sim, as redes de telefonia possibilitam uma comunicação interativa e global. Assim, o autor faz crítica ao pensamento impositivo de que o problema é apenas técnico ou apenas cultural, ou ainda apenas econômico.

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas. (LÉVY, 1999, p. 23).

Lévy esclarece que a técnica (habilidades e tecnologias) é produzida dentro de uma cultura, em meio a relações, cotidianidade, crenças e atitudes; e, por isso, absorvida, utilizada, conseqüentemente, condicionando a sociedade à técnica; porém, o autor adverte que ela é condicionada e não determinada por suas técnicas. Condicionada porque, de acordo com Lévy, sem o desenvolvimento de algumas técnicas naquela sociedade, é possível que algumas opções culturais ou sociais não pudessem ser conhecidas ou experimentadas. Na relação técnica-sociedade-cultura, o autor defende que não se propõe avaliar possíveis “impactos” gerados nas novas formas de fazer. Contudo, é preciso identificar e estabelecer as “irreversibilidades” que o uso das técnicas ocasionou e continuará gerando socialmente, estabelecendo, assim, o grande marco, uma vez que a apropriação e o uso são mais importantes do que as “particularidades sistêmicas e técnicas”.

Nesse ambiente de paradoxos, Lévy (1999) discute sobre o que julga essência da cibercultura: universalidade sem totalidade. Assim, o autor detalha que,

quanto mais o ciberespaço se desenvolveu, aumentando dimensão e alcance, mais se tornou mais “universal”. Conseqüentemente, o ambiente informacional universal se tornou menos totalizável, pois o pensamento da cibercultura é reticular, não possui nem centro nem linha diretriz. Logo, cada ponto de conexão na rede de relações pode se tornar um emissor ou receptor de informação. Contudo, o autor lembra que a universalidade percebida não é “neutra”, afinal, conforme reflexões apresentadas, as relações estabelecidas a partir da interconexão estão relacionadas a resultados da atividade econômica, política, educacional e cultural. De tal modo, é preciso refletir sobre a mediação no espaço digital, que também tem essência de possibilitar o acesso, ampliando os pontos de conexão que conduzem o crescimento da Rede.

A *world wide web* é vista por Lévy (1999) como um fluxo com inúmeras fontes, uma inundação de informação contemporânea que o autor denomina um dilúvio de informações, sem qualquer vazante, com profusão e desordem já estabelecidas. Assim, o autor alerta que a emergência do ciberespaço não nos traz a garantia de acesso a tudo e afirma que o todo está completamente fora de alcance. A tentativa de acesso ao principal é vista por Lévy (1999) como ceder à ilusão da totalidade que inexiste no ciberespaço. Diante de tamanho fluxo informacional, o autor declara ser possível que cada mediador do conhecimento construa suas “totalidades parciais”. Para tanto, é preciso estabelecer critérios de pertinência ou objetivos de discussão e construção do conhecimento. Assim, de acordo com o autor, será possível considerar o ciberespaço e as redes digitais interativas elementos potenciais na personalização do conhecimento. Desse modo, um portal ao segmentar e definir seu objetivo de comunicação busca construir sua totalidade parcial no dilúvio de informação, deixando claro para seu público o tipo de conteúdo que será publicado naquele espaço.

Nesse âmbito, o portal Porvir pode ser considerado um mediador/curador de conteúdo; dentro da universalidade de informações, propõe-se a selecionar e produzir conteúdos na proposta de entender a totalidade dos temas educação e inovação, a partir de conexões reticulares entre produtores e consumidores de conteúdos, que trocam informações e saberes.

Ramos (2012) aborda o valor da informação na sociedade ao discutir o conceito de “curadoria da informação”, sobretudo no meio digital. A autora explica

que, no momento em que se estabelece um ambiente de informação excessiva, o “alguém” que diz “preste atenção nisso e não naquilo”, no campo da comunicação, tem recebido o *status* do de “curador”. Isso ganha força quando o fator tempo de absorção e entendimento em meio ao volume informacional valoriza quem facilita e organiza as informações destinando-as a quem pretende consumi-las.

Como sabemos, dados podem não gerar informação e é aí que entraria o papel do curador de informação, proporcionando contexto e percursos. Weisgerber (2012) define os processos da etapa de curadoria da informação digital em:

- 1) Achar: identificar um nicho; agregar
- 2) Selecionar: filtrar; selecionar: qualidade / originalidade / relevância
- 3) Editoriar: contextualizar conteúdo; introduzir / resumir (não simplesmente postar); adicionar a sua perspectiva;
- 4) Arranjar / formatar: classificar conteúdo; hierarquizar; leiautar conteúdo;
- 5) Criar: decidir por um formato: Paper.li, Scoop.it, Storify, Storiful, Twitter curation<sup>2</sup>; creditar fontes;
- 6) Compartilhar: identifique sua audiência; qual mídia eles usam?
- 7) Engajar: seja o anfitrião da conversação; providencie espaço; participe; anime;
- 8) Monitore: monitore o engajamento; monitore a liderança da conversação; melhore. (RAMOS, 2012, p. 13).

Porém, a autora chama a atenção para o problema da definição do termo e do ofício do curador de informação. Reforça que a origem do termo remete ao cuidado, mas também é preciso considerar que a função do curador passou por modificações. Considerando o dinamismo da cultura contemporânea, a autora sugere alguns caminhos para o termo de curadoria da informação, para que não se trate apenas de produzir novas formas, mas também buscar novos arranjos e formatos. Além disso, como no contexto das obras de artes, o curador deve acompanhar as performances e processos que o material pode constituir a partir das relações que gera entre pessoas, o intercâmbio de ideias, as interações resultantes a partir da informação emitida naquele espaço. “O gesto curatorial é uma importante modernização na cultura e adquire papel central no contexto da sociedade informativa. Por isso, a informação é um bem do patrimônio individual imaterial contemporâneo.” (RAMOS, 2012, p. 21).

Assim, diversos portais assumem a função de curadores de informação discutindo temas que são presentes nos ambientes informacionais digitais, contudo, é necessário ir além, buscar novos formatos e arranjos. É preciso atuar como

facilitador ao seu público, agregar valor a informação e gerar relacionamentos a partir do conteúdo. É imprescindível estimular o público a interagir, discutir e construir a partir das pautas, não apenas consumir conteúdo de maneira mercadológica.

Corrêa e Bertocchi (2012) apresentam o atual cenário alertando para a abundância informativa na rede digital que demanda e, conseqüentemente, recebe a oferta de ferramentas como suporte para busca e organização das informações, fato que constitui um campo possível para a atividade de curadoria de informação. As autoras alertam para o risco de os indivíduos se tornarem grandes acumuladores de dados e eventos, mas com pouca capacidade de desenvolver pensamento crítico e profundo. Esse caso permite uma discussão acerca da crise do conhecimento em um ambiente com volume informacional. Por outro lado, as autoras apresentam a capacidade da rede para agregar pessoas e ideias e explicam que não se trata de a rede se tornar um supercérebro, mas de o conhecimento se tornar inextricável, ou seja, conhecimentos individuais entrelaçados a ponto de não serem reconhecidos separadamente. As autoras refletem ainda sobre o conhecimento em rede ser menos preciso, porém mais humano. Com isso, caberia à comunicação construir espaços que somem inteligências, espaços mais inteligentes que estimulam relacionamentos, discussões e debates, proporcionando aprofundamento.

Corrêa e Bertocchi (2012) abordam a existência de algoritmos matemáticos e seus diversos graus de complexidade como a principal consolidação da atividade curatorial na rede, que pode ampliar as possibilidades de construção coletiva do conhecimento, mas também limitar tais possibilidades diante do mecanicismo de interesses. Logo, destacam o papel do campo da Comunicação e do profissional de comunicação nesse cenário, estabelecendo uma relação possível entre sofisticação algorítmica e envolvimento do comunicador.

As autoras acenam para um campo de atuação com a ação do comunicador na construção coletiva do conhecimento e na formação de opinião na sociedade, assim, o comunicador é responsável pela curadoria de informação em rede, que subsidia demandas sociais. Para tanto, destacam a necessidade de um conjunto de atribuições e aprimoramentos da atividade comunicacional sugerindo novas reflexões e discussões. Com um discurso sobre pensar fora da caixa as autoras destacam que o exercício da comunicação contemporânea demanda atribuições como o

predomínio do pensamento não linear que permite o desenvolvimento de conteúdos informativos em fluxo contínuo, “competências que vão para além do formalismo das grades curriculares.” (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 37).

As autoras defendem que se espera do comunicador-curador participação e diálogo com a tecnologia da construção de algoritmos, sistemas e aplicativos, junto a uma visão socioantropológica do comportamento e das tendências de seu público. Reforçam a importância de não deixar de lado o processo histórico da informação e sua correlação com mensagens atuais. Para Corrêa e Bertocchi (2012), trata-se de uma dinâmica de mediação e remediação contínua entre públicos, fontes, sistemas, ferramentas com foco nas sociabilidades. Defendem que ou a ação comunicacional atende às novas demandas ou o perfil da atuação do comunicador corre o risco de ser repassada aos algoritmos.

Esse cenário é justificado pelas reflexões de Lévy (1999) ao afirmar que, à medida que o digital se estabeleceu como “suporte privilegiado” para o formato de comunicação interativa, colaborativa e participativa, aumentou-se a disposição para a universalização, que permite a interconexão de conteúdo, máquina e homem. Tal fato é evidente quando refletimos a condição de que qualquer indivíduo, instituição ou grupo pode ter uma câmera de filmagem, com o celular, que permite não apenas captar imagens, mas também realizar transmissões ao vivo. Além disso, o conteúdo produzido pode ser disponibilizado em uma plataforma com potencialidades de canal de TV, possibilitado por plataformas de vídeos como o YouTube. Aqui também cabe considerar a autonomia proposta pelas redes sociais digitais, quando proporcionam recursos e estruturas tecnológicas que permitem ao indivíduo comum ter seu próprio espaço de notícias e discussões, cada uma ao seu formato. Assim, a legitimação de “verdades” mediada pela comunicação passou a ter possibilidades mais democráticas quando, por exemplo, os canais de vídeos produzidos por jovens discutindo aspectos culturais de sua comunidade pressionam a mídia de massa a olhar para esse conteúdo que emerge no ambiente da cibercultura.

Nesse contexto, Lemos (2009), em suas reflexões acerca da cultura contemporânea como território recombinate, afirma que a novidade não é a recombinação em si, mas o seu alcance. O autor explica que a cibercultura propõe uma estrutura midiática singular, que define como estrutura “pós-massiva”, assumindo que, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode produzir e publicar

informação em tempo real, sob diversos formatos, de maneira colaborativa, reconfigurando a indústria cultural, massiva. O autor descreve uma crescente troca e processos de compartilhamento de diferentes elementos da cultura, partindo de possibilidades abertas pelas tecnologias e pelas redes telemáticas contemporâneas.

Contudo, Lemos (2009) esclarece que o aspecto recombinante da cultura não é privilégio das experiências sociais atuais.

Sejamos diretos: recombinar, copiar, apropriar, mesclar elementos os mais diversos não é nenhuma novidade no campo da cultura. Toda cultura é, antes de tudo, híbrida; formação de hábitos, costumes e processos sócio-técnico-semióticos que se dão sempre a partir do acolhimento de diferenças e no trato com outras culturas. A recombinação de diversos elementos, sejam eles produtivos, religiosos ou artísticos, é sempre um traço constitutivo de toda formação cultural. Por outro lado, toda tentativa de fechamento sobre si acarreta empobrecimento, homogeneidade e morte. A cultura necessita, para se manter vibrante, forte e dinâmica, aceitar e ser, de alguma forma, permeável a outras formas culturais. (LEMOS, 2009, p. 38).

O autor defende que esse processo ocorre desde as culturas “primitivas” até o que define como cultura contemporânea, a cibercultura. Dessa forma, Lemos (2009) reforça que não é a recombinação a grande novidade, mas a forma, a velocidade e o alcance global do movimento. Nesse processo, o autor assegura que as novas tecnologias de comunicação e informação podem ser vetores de agregação social, vínculo comunicacional e recombinações de informações nas mais diversas formas, podendo ser textos, imagens fixas e animadas e sons (LEMOS, 2009).

Na relação construção social e comunicação, vale retomar reflexões acerca da histórica influência da comunicação na sociedade e nas escolhas coletivas, que conduzem as individuais.

Escrever a história da comunicação social seria, então, mostrar esse relacionamento de interferências capazes de alterar costumes, tradições ou dialogar com novas interpretações criadas pela exposição da informação na sociedade. (VICENTE, 2009, p. 28).

De acordo com Vicente (2009), por meio da construção social, as pessoas materializam suas representações e crenças influenciadas pelas mensagens transmitidas pela comunicação.

Duarte (2003) esclarece que é na cultura que uma consciência individual percebe que está inserida em um mundo de objetos culturais que foram produzidos por outras consciências. O autor também adverte que a consciência comum não anula a consciência individual, apenas permite participar e interagir com a consciência coletiva e voltar às suas percepções.

Martino (2011) também considera as contribuições do campo comunicacional para a legitimação da cultura (representações e crenças) afirmando que a comunicação possui autoridade de transmissão de um patrimônio através das gerações, trazendo à luz uma concepção de que o homem é essencialmente simbólico, em oposição à concepção de um “animal homem”, apenas ser biológico. Para o autor, o simbolismo mencionado está diretamente associado ao aprender nas relações que estabelece com seus semelhantes.

O ser humano é um ser da comunicação: consigo (subjetividade) e com o mundo, ambos entendidos como produto da comunicação com outrem, pois, assim como a subjetividade não é um dado natural, as coisas não se apresentam ao ser humano de forma direta, mas são construídas graças à medição do desejo, conhecimento e reconhecimento de outrem. (MARTINO, 2011, p. 23).

Assim, comunicar é afetar a consciência de outra pessoa, tornar comum, participando um mesmo objeto mental: sensação, emoção, envolvimento, etc. Logo, se por meio da comunicação a sociedade legitima cultura e crenças, afetando consciências individuais e construindo consciências coletivas, por meio da troca de informações, no ambiente que ela se torna mais reticular e participativa, o conteúdo trocado pode ser mais plural enriquecendo o processo social da comunicação. Logo, o ciberespaço como estrutura comunicacional e os aspectos da cibercultura estão diretamente relacionados à comunicação na relação de consciências e na construção de identidade.

Castells (2008) aborda a questão da identidade social considerando-a diretamente relacionada à “língua universal digital”, com capacidade de promover uma integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de cada cultura, bem como personalizá-los aos anseios de “identidades e humores” dos sujeitos, com seu próprio sistema de comunicação. O autor destaca o desenvolvimento das redes interativas como formas e canais de comunicação, com

disposição para moldar a vida e também ser moldada por ela. Faz reflexões acerca da estrutura social e sua organização, no contexto histórico, sendo determinada pela produção, experiência e poder. O autor define produção como ganho de valor, ou riqueza, gerado e acumulado sobre a transformação da natureza pelo homem, de modo material; a experiência como acúmulo de aprendizado do homem resultado de interações entre identidades biológicas e culturais em seus ambientes sociais e naturais, e o poder como necessidade humana de impor sua vontade sobre o outro indivíduo ou grupo, com base no valor adquirido, pela experiência ou produção, por justificativas de ordem ou simbólicas. Castells (2008) atribui a instituições sociais a missão de impor o cumprimento das relações estabelecidas pelo poder de acordo com o momento histórico vivido. Assim, a organização social descrita está intrinsecamente envolvida nos aspectos de identidade. Desse modo, a comunicação se apoia no simbolismo determinístico dos três aspectos, para construir o que autor define como identidade coletiva.

Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. (CASTELLS, 2008, p. 33).

O autor considera como identidade a fonte de significados e experiências de um povo, uma comunidade. Ressalta que a premissa de identidade não se refere à dificuldade de relacionamento com outras identidades, ou ainda algo limitador e fundamentalista que determina uma única verdade, mas a um reconhecimento do indivíduo, pelas relações sociais estabelecidas, tendo com base atributos culturais específicos a cada identidade, aproximando do conceito de comunidades, pensando em grupos com pessoas que se identificam.

Contudo, o autor traz um ponto de preocupação às diversas rupturas ocorridas no processo evolutivo e que, de acordo com sua análise, ocasionaram “desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras”, fato resultante da relação com a identidade que seria a única fonte de significados para uma sociedade tão volátil, de acordo com o autor.

Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. (CASTELLS, 2008, p. 23).

Castells (2008) apresenta um conflito de interesses entre a “Rede e o Ser”, estabelecida por dois pontos: “o instrumentalismo universal abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas”. Denomina como tensão crescente o resultado do conflito entre função e significado, trazendo fragilidades à estrutura comunicacional com a alienação de indivíduos que não reconhecem mais em determinados grupos e se defendem de possíveis ameaças. O fator agravante no processo, segundo autor, é a fragmentação ocasionada pelo distanciamento das identidades que se tornam específicas dificultando o compartilhamento. O cenário é representado pelo autor em diversos conflitos de militâncias sociais, mas também é possível identificar no isolamento ou a falta de envolvimento de pequenos grupos.

Tal crítica traz à luz não um cenário perdido e devastado pela lógica social, mas pontos importantes sobre reconhecimento e identidade que precisam ser considerados no fazer comunicacional. Os ambientes informacionais apoiados na rede, como estrutura e função, precisam também dialogar com a identidade e o significado. Não se trata de utopia pensar na comunicação interativa e reticular que pondera o sujeito e o meio, mas de caminhos que precisam ser ponderados.

Castells (2008) acredita na liberdade que a identidade pode trazer quando rejeita a individualização fundamentalista.

E acredito, sim, apesar de uma longa tradição de alguns eventuais erros intelectuais trágicos, que observar analisar e teorizar um modo de ajudar a construir um mundo diferente e melhor. Não oferecendo as respostas, mas suscitando algumas perguntas pertinentes. (CASTELLS, 2008, p. 24).

O autor defende que a tecnologia precisa ser levada a sério e seu uso e apropriação são pontos de partida aos estudos que buscam subsidiar o desenvolvimento social, em meio a processos acelerados de desenvolvimentos tecnológicos, para que a instabilidade desses processos não traga rupturas aos laços identitários.

O autor ressalta que tecnologia não tem poder para determinar a sociedade, como ela também não é responsável por definir o exato caminho dos avanços tecnológicos, pois criatividade, iniciativa empreendedora e outros fatores interferem nas relações do processo tecnológico, descoberta científica e contexto social. Castells (2008) designa como “dilema do determinismo tecnológico” o fato de a tecnologia e a sociedade não poderem ser pensadas sem considerar as ferramentas tecnológicas. Contudo, lembra que, apesar de a sociedade não determinar a tecnologia, ela é capaz de sufocar seu desenvolvimento, com a atuação do estado, sendo-se imprescindíveis políticas públicas que aparem o processo.

O ambiente informacional estudado por este trabalho considera o espaço digital como suporte para uma comunicação interativa e participativa a partir da interação e da produção de conteúdo por um grupo de pessoas que busca se apropriar dos avanços tecnológicos. Assim, o portal explora a construção coletiva apoiada no reconhecimento dos pares por meio da identidade. Logo, educadores reconhecem sua consciência individual em meio a uma consciência coletiva que expressa suas crenças, histórias e anseios na busca por entendimento do campo por meio de trocas e diálogos estabelecidos na rede. Além disso, o Porvir foca sua estratégia em agrupar produtores de conteúdo explorando o conceito democrático da rede, sugerindo assuntos que emergem da necessidade do público que atende e, dependendo da relevância, disponibilizam o conteúdo para a mídia clássica, demonstrando a inversão de fluxo informacional já mencionada neste capítulo. Para tanto, a produção de conteúdo explora a potencialidade de convergência, participação e interação dos ambientes informacionais.

### 3.2 PARTICIPAÇÃO E CONVERGÊNCIA

Bordenave (1995) reflete sobre o conceito e a origem do termo “participação” e lembra que, inicialmente, os regimes totalitários usavam o discurso de que a população tinha receio da liberdade que trazia a responsabilidade de deliberar sobre questões sociais, com isso, abriam mão da autonomia pela segurança do autoritarismo. O autor defende que tal pensamento foi o maior erro das ditaduras e esclarece que alguns grupos até podem pensar dessa maneira, mas a maioria prefere a democracia. O autor explica que, para um expressivo número de pessoas, democracia supera a definição de método de governo que exige eleições, é um estado de espírito, modo de relacionamento, é um estado de participação.

O autor lembra que o hábito da participação é cotidiano; as pessoas participam junto a seus pares na comunidade, no trabalho, na luta política. Bordenave (1995) já destacava a crescente participação social devido ao descontentamento da população que se sente marginalizada em relação às decisões que refletem no todo, mas são concentradas em poucos. O autor lembra que tanto os progressistas como os tradicionalistas defendem a participação do povo:

Do ponto de vista dos setores progressistas, a participação facilita o crescimento da consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais poder na sociedade. [...] Do ponto de vista dos planejadores democráticos, a participação garante o controle das autoridades por parte do povo, visto que as lideranças centralizadas podem ser levadas facilmente à corrupção e à malversação de fundos. Quando a população participa da fiscalização dos serviços públicos estes tendem a melhorar em qualidade e oportunidade. (BORDENAVE, 1994, p.12-13).

Além da importância social, o autor lembra que a participação é necessidade fundamental do ser humano, pois contribuir traz satisfação pessoal. Logo, o autor defende que a participação tem base afetiva (participar é fazer parte, pertencer a um grupo) e a base instrumental (juntos somos mais eficazes que sozinhos).

Quando não há participação, há marginalização, segundo Bordenave (1995), sendo marginalidade o ato de ficar de fora de algo, às margens de um processo sem poder intervir nele. Para o autor, o preço da participação está na autonomia de grupos populares organizados discutirem os objetivos sociais junto aos poderes do estado e classes dominantes. Autonomia que represente um aumento no grau de consciência política dos cidadãos, reforço do controle popular (BORDENAVE, 1995).

O autor explica que não se trata apenas de fazer parte, mas de tomar parte com participação ativa e qualidade de participação. Para isso, é preciso, de acordo com o autor, tomar parte no constante processo de tomada de decisões e não somente nas eleições. “Uma sociedade participativa seria, então, aquela em que todos os cidadãos têm parte na produção, gerência e usufruto dos bens da sociedade de maneira equitativa” (BORDENAVE, 1995, p. 25).

Ao abordar os graus e níveis de participação, o autor explica que o menor grau de participação é o de acesso à informação. A condição de acesso e conhecimento é premissa inicial para que o indivíduo comece a fazer parte e tomar

parte nas discussões do grupo em que está inserido. Para tanto, o ambiente informacional digital, objeto deste estudo, atua no primeiro grau de participação, disponibilizando o acesso à informação a partir do conhecimento de outras possibilidades, estimulando o educador a pensar sobre as demandas sociais que precisam ser discutidas e atendidas, principalmente por políticas públicas. Além disso, essa nova lógica ensina ao professor como utilizar os ambientes informacionais digitais para apresentar sua opinião e conteúdos formulados, participar e interagir em discussões de seu interesse, assumindo o processo recombinate discutido por Lemos (2009).

Para compreender a cultura e seu processo recombinate, Lemos (2009) define princípios norteadores indicando como hipótese três leis que estão na base do processo cultural da cibercultura: a liberação do polo de emissão; o princípio de conexão em rede, e a reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinaórias. Os três conceitos defendidos pelo autor permeiam os conceitos de interação, participação e convergência.

O primeiro princípio defendido pelo autor é a liberação do polo de emissão definida por ele como primeira característica da cultura digital “pós-massiva” que se diferencia pela evolução histórica no acesso à informação e à comunicação devido ao fenômeno social em que o antigo “receptor” agora também produz e emite informação, de forma livre, multimodal e planetária, deixando a percepção de “excesso” de informação.

Lemos (2009) ressalta que as práticas sociocomunicacionais da internet registram pessoas produzindo vídeos, fotos, música, escrevendo em blogs, criando fóruns e comunidades, desenvolvendo *softwares* e ferramentas da Web 2.0, trocando músicas, etc. Tais práticas, de acordo com o autor, refletem a potencialidade reprimida pelos meios massivos de comunicação que sempre dominaram o polo da emissão.

Editoras, empresas de televisão, jornais e revistas, indústrias da música e do filme controlam a emissão na já tão estudada cultura da comunicação de massa. Na indústria cultural massiva, há um emissor de informação que dirige sua produção para uma massa de receptores, transformada, com alguma sorte, em público. Isto não significa que não havia possibilidades de acesso e produção underground da informação: fanzines, rádios e TVs piratas etc.

sempre existiram, mas com alcance bastante limitado. (LEMOS, 2009, p. 39).

Além do alcance ampliado, o autor também evidencia a efervescência da informação nos ambientes informacionais digitais, causando um aspecto de excesso de conteúdos pela possibilidade de novos produtores e emissores em pontos espalhados pelo globo. Para o autor, esses fatores comprovam a potência da liberação do polo de emissão na atual cibercultura recombinante.

Apoiando-se nas reflexões do autor, neste trabalho, considera-se que a educação também era discutida e apresentada apenas sob a ótica dos meios massivos, ou oficiais, com questionamentos delimitados por esses, deixando de atender e representar realidades sociais de vários educadores que enfrentam as diversidades sociais de um país com as proporções territoriais do Brasil. A consequência da discussão centralizada no polo de emissão é a legitimação de um cenário tomado como verdade e totalidade que não representava a realidade de boa parte dos educadores sem fazer sentido e reconhecimento aos grupos que não se sentiam representados nas discussões, levantando a necessidade de entendimento acerca de como a liberação dos polos de emissão, a partir da estrutura tecnológica, pode trazer o educador ao centro da discussão representando as diversas realidades educacionais do país e do mundo.

Lemos (2009) ressalta que, além da emissão, a conexão reticular em diversas partes do mundo é o que faz o conteúdo circular e ganhar alcance.

Não basta emitir sem conectar, compartilhar. É preciso emitir em rede, entrar em conexão com outros, produzir sinergias, trocar pedaços de informação, circular, distribuir. Esse segundo princípio, a conexão em rede telemática, parece ser mesmo uma característica fundamental da cibercultura. A internet, desde seus primórdios, configura-se como lugar de conexão e compartilhamento. (LEMOS, 2009, p. 40).

Lemos (2009) defende que a conexão no ciberespaço é responsável pelo crescimento das formas de produção, do consumo informacional pela produção livre, da circulação e dos processos colaborativos. A economia política atual foi formada a partir de uma nova dinâmica: a produção é liberação da emissão e consumo é conexão, circulação, distribuição.

Assim, o autor define como traço característico da cibercultura o uso das redes e tecnologias de comunicação e informação para a criação de vínculos sociais locais, comunitários e globais. Portanto, para Lemos (2009), o princípio de emissão está interligado ao princípio de conexão generalizada de troca de informação, não ignorando a multiplicidade de consequências.

O terceiro aspecto abordado pelo autor é a reconfiguração, com caráter de transformação, de práticas e instituições, da indústria cultural massiva e das redes de sociabilidade da sociedade industrial. No âmbito das reconfigurações da indústria cultural, o autor chama a atenção para as discussões sobre autoria e proteção de obras para reprodução, uso e cópia. Assim, surgiram sistemas como opção de mecanismos legais no processo de recombinação e transformação, conhecidos como licenças abertas ou *copyleft*. Lemos, trata-se, de uma transformação necessária nos sistemas culturais, legais e econômicos para possibilitar a reconfiguração da indústria cultural clássica.

Lemos (2009) relata que há reconfiguração e remediação. Quando jornais e rádios se reconfiguram utilizando *blogs*, *podcast* e a televisão faz referência à internet, inclusive como fonte, a internet também referencia a televisão. Assim, para o autor, as remediações ocorrem na esfera das mídias, enquanto há reconfigurações de práticas sociais e de instituições (organizações, leis, regulações...).

Para o autor, a cultura digital pós-massiva não define o fim da indústria massiva. E, conseqüentemente, a indústria massiva não absorverá a cultura digital pós-massiva. Lemos (2009) defende que a cibercultura é configurada pela alternância dos processos massivos e pós-massivos, na rede ou fora dela. LOGO, o autor explica que a reconfiguração na cibercultura é infocomunicacional e não o fim da cultura de massa, pois a transformação percebida acolhe processos bidirecionais, abertos, nos quais prevalece a liberação da emissão sob diversos formatos e modulações, e uma conexão generalizada e planetária por redes telemáticas.

Jenkins (2009) apresenta o cenário em que as velhas e as novas mídias entram em embate, como cultura da convergência. Para o autor, a globalização, o avanço tecnológico e a nova lógica comunicacional também resultaram na colisão histórica dos meios, no cruzamento das mídias corporativas e nas mídias alternativas e na discreta, mas real, redistribuição de poderes entre produtor e consumidor de mídia. O autor define como convergência o fluxo de conteúdo por

meio de múltiplas plataformas que gera a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos. Considera também, como aspectos da convergência, o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, com aparente maior liberdade para ir a novos espaços na busca por experiências de entretenimento.

Para que haja a circulação de conteúdos pelos diferentes meios, Jenkins (2009) defende que é indispensável a participação ativa dos consumidores. E argumenta contra a ideia da convergência ser compreendida principalmente como um processo tecnológico, reunindo múltiplas funções no mesmo aparelho. Afirma que convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são estimulados a buscar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídias dispersos, considerando o volume, a variedade e a velocidade da rede. Analisando a discussão do conceito de convergência aborda a transformação cultural que estimula os consumidores de conteúdo a buscar novas informações, por meio de conexões, participando e contribuindo para produção de conteúdos que representam a demanda social de acesso à informação.

Nesse contexto de convergência e participação na produção de conteúdo, Jenkins (2009) cunha a expressão “cultura participativa”, que contrasta com a ideia de passividade do espectador aos meios de comunicação, sugerindo um espaço em que os responsáveis por produzir conteúdos possam interagir com quem consome por meio das mídias, que disponibilizam ferramentas de interação e colaboração. Assim, o público tem poder de participação e colaboração nos conteúdos vinculados não apenas na rede como também, nas mídias ditas tradicionais. O autor não ignora que o poder dos grandes grupos não é igualitário comparado ao consumidor individual, mas assume um grande ganho nessa relação.

Para este estudo, os ambientes informacionais educacionais se apropriam do fluxo de conteúdo por meio de múltiplas plataformas oriundos da cultura de convergência e se apoiam na cultura participativa para produção de conteúdo com valor social, entendimento apoiado na afirmação do autor de que, no aspecto social, a convergência não ocorre entre aparelhos, mas dentro dos cérebros dos indivíduos e em suas interações sociais. Assim, para Jenkins (2009), a convergência permeia as relações sociais, com o suporte tecnológico e alcança a produção cognitiva que pode ser ampliada pela disseminação e pelo compartilhamento do conteúdo.

O autor explica que cada um constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos a vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que se converse sobre a mídia consumida.

Assim, essas conversas alinhadas à estrutura do ciberespaço contribuem para o consumo de informação caminhar a um processo coletivo, de discussões, contribuições e ambientes informacionais. O autor ainda afirma: “Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades”. (JENKINS, 2009, p. 30).

Com isso, o autor aborda os aspectos da inteligência coletiva e sua atuação como fonte alternativa ao poder midiático. Ressalta que a sociedade ainda está aprendendo a utilizar esse poder, por meio das interações cotidianas apoiadas no ciberespaço e na cultura da convergência. Nos ambientes informacionais, a convergência contextualiza o consumo de conteúdo nas diversas plataformas, as conversas produzidas a partir dos assuntos consumidos e o conteúdo resultando dessa discussão que será disseminado para novas reflexões e abordagens. Este trabalho entende tais reflexões e evidencia a atuação da comunicação como ferramenta capaz de gerar demandas sociais a partir das discussões que emergem dos conteúdos disseminados, trazendo questionamentos ao público sobre suas necessidades, com apoio do ciberespaço, da convergência e da participação no consumo de conteúdos.

Primo (2013) faz ressalvas aos argumentos com caráter radical e revolucionário no contexto cibercultura e convergência. Revolucionário por fazer acreditar que tudo mudou com o avanço tecnológico, antagonizando e contradizendo o que passou. O autor questiona *slogans* generalistas que permeiam as discussões sobre mídias digitais. Para ele, já superamos os argumentos “tudo ou nada”, posturas determinísticas e mantras libertários. E, por isso, julga importante questionar e refletir sobre os conceitos estabelecidos nos relacionamentos e no mercado em tempos de convergência. Primo (2013) reflete sobre o conceito de convergência estabelecido por Henry Jenkins:

O autor acerta ao reagir ao enfoque tecnicista nos debates sobre convergência tecnológica (o smartphone, a TV interativa etc.). O que lhe importa são os aspectos culturais que decorrem da aproximação entre audiências e as grandes instituições midiáticas e a circulação de tais produções entre diferentes meios de comunicação. O livro de Jenkins (2009) demonstrou sua relevância e fôlego ao circular tanto na academia quanto no mercado. (PRIMO, 2013, p.14).

O autor trata a relevância da abordagem com enfoque nos aspectos culturais que aproximam consumidores e produtores de conteúdo, pilares da cultura participativa, e o interesse do público acadêmico e de mercado. Porém, faz uma ressalva lembrando que o interesse da indústria por seus textos acadêmicos pode ser justificado pela ênfase do autor ao estudo de como audiências de produtos massivos podem dar força à nova lucratividade. Porém, Primo (2013) pondera também sobre a participação colaborativa do consumidor atuando até mesmo como movimento de resistência, à medida que o público se apropria de conteúdo que é de posse da grande indústria.

Apresentadas as polaridades, o autor defende que posições maniqueístas não são suficientes para a compreensão da estrutura midiática contemporânea e dos processos comunicacionais envolvidos. Isso porque, no cenário midiático atual, já não cabem mais “análises fundamentadas em polarizações como indústria *versus* audiência, celebridades *versus* fãs, produtos culturais massivos (maus) *versus* produção independente (boa e autêntica)” (PRIMO, 2013, p. 15).

Assim, tomando a popularização das mídias digitais como real, o autor propõe que as análises abordem como os relacionamentos são estabelecidos, verificando se de fato a hierarquia assume posições mais horizontais, considerando como se relacionam as produções de organizações massivas em relação à independente. Ao atender essa nova dinâmica, criam-se ambientes que explorem estratégias e estímulo à cultura participativa. Ao se libertar do discurso profético, é possível observar que todas as promessas revolucionárias do avanço tecnológico não foram cumpridas, mas o cenário midiático atravessou e continua passando por significativas mudanças. As reflexões apresentadas subsidiam estratégias comunicacionais no ambiente de cibercultura, deixando as polaridades à margem, portais que assumem uma militância no terceiro setor buscam, de alguma forma, alcançar a horizontalização hierárquica e a construção coletiva mediada pela cultura

participativa. Apropriam-se da sociedade estruturada em rede para conectar pessoas com objetivos e interesses comuns.

Como afirma Primo (2013), a emergência das tecnologias de comunicação e informação pode potencializar a liberdade de expressão dos cidadãos por meio das mídias digitais.

A rigor, não há como deixar de reconhecer a importância política da liberdade de expressão promovida pelas interfaces fáceis e baratas (ou gratuitas) dos meios digitais. Nem tampouco pode-se ignorar a força dos movimentos espontâneos em rede, cujos efeitos antes não eram possíveis em uma sociedade caracterizada pela mídia de massa. As próprias práticas de ciberativismo comprovam a força dos meios digitais para a articulação, mobilização e ações políticas. (PRIMO, 2013, p.17).

O autor lembra que não só a comunidade, os movimentos sociais e os meios alternativos se apropriaram da cibercultura, como também o grande mercado com seus interesses. Mas, ainda sim, é um espaço que, popularizado, aproxima produtores e consumidores de conteúdo, com alternância de papéis entre eles, devido ao formato mais colaborativo e participativo. Nessa reflexão, Primo (2013) sinaliza uma polarização de interesses mercadológicos e sociais, mas reforçando que, em qualquer um dos interesses, o conhecimento e a colaboração tomaram o palco central, antes ocupado pela fábrica. Dessa forma, propõe que a fronteira entre os polos de interesses, com as novas mídias e os novos formatos comunicacionais, está sendo “borrada”, sem a definição exata de limites, já que os atores trafegam entre os lados pelo formato colaborativos.

O *site* Porvir tem sua produção de conteúdo planejada pelo aspecto colaborativo das redes. O portal conta com um grupo de jornalistas e também com várias fontes espalhadas em diversos pontos do globo na busca por fazer circular inovações e discussões educacionais, considerando velocidade e volume de informação. Para esse estudo, os conceitos de convergência no campo comunicacional objetivam refletir como as audiências passaram a se envolver ativamente com a produção e circulação dos produtos midiáticos, e conteúdos, que consomem.

O grande capital não iria retrair-se tão facilmente diante dos públicos que ameaçavam tomar o poder para si por meio de interações

colaborativas em redes digitais. De fato, as organizações midiáticas perderam muito desse controle, sendo que o poder passou a ser dividido com milhões de cidadãos pilotando diferentes tecnologias. O que se pretende aqui chamar a atenção é que a proposta teórica de uma Cultura da Convergência discute alguns aspectos da transformação da estrutura midiática contemporânea, mas não pode ser encarada com a descrição definitiva das relações na cibercultura. (PRIMO, 2013, p. 22).

Santaella (2013) pontua que o acesso à internet via banda larga, somada aos dispositivos móveis, impulsionou a conexão *online* a partir do ano 2000 até alcançar o cenário a que se refere como hiperconexão, transformando o “estar conectado” em “ser conectado”. A autora explica que hiperconexão significa não apenas ligação entre pessoas, como também entre sistemas e, com a emergente internet das coisas: ligação entre gente, animais, coisas e lugares. A autora destaca a transição de uma *web* estática para uma *web* dinâmica, assim, além de páginas, as interfaces contam com plataformas mais participativas.

Santaella (2013) elucida que saber o que fazemos com as ferramentas de comunicação e o acesso digital não são mais importantes do que saber como elas estão alterando os relacionamentos cotidianos.

O que estão fazendo com a nossa subjetividade e sociabilidade, com a nossa memória, com as nossas expectativas, anseios e desejos, o que estão fazendo com nossos modos de receber informação, de nos darmos conta dos fatos, de adquirir conhecimento, de perceber e representar o mundo, enfim, o que estão fazendo com nosso processo de aprendizagem e, possivelmente, com as nossas maneiras de ensinar e educar. (SANTAELLA, 2013, p. 34).

Para a autora, as inovações tecnológicas resultam da popularização da banda larga, permitindo o armazenamento de informações em diversos formatos nas próprias redes, a computação em nuvem; impulsionou o comércio eletrônico; e ampliou e diversificou os espaços virtuais de sociabilidade, as plataformas foram incrementadas pela conexão permanente viabilizada pelos dispositivos móveis.

Para Santaella (2013), a principal contribuição da Web 2.0 está na promessa de ampliar o acesso do usuário, aspirando-se a um senso de democratização da *web* pela distribuição dos conteúdos gerados e mantidos pela conectividade social esperada. A autora destaca a importância de reconfigurações promovidas pela

indústria da informática e telefonia móvel, que alteraram protocolos de convivência, trazendo novos contornos para a transparência e o acesso. Tais alterações como precedente para a abertura de espaços a criação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas, propiciando condições para uma cultura participativa. Espaços onde, para Santaella (2013), é possível a troca e as discussões de conteúdo, gerando, deste modo, uma cultura integrativa, assimilativa; uma cultura da convivência que pode evoluir de acordo com as exigências impostas pelo uso dos participantes.

Para uma efetiva participação e cocriação, Santaella (2013) estabelece que é preciso seus membros acreditarem que suas contribuições importam e desenvolverem determinado grau de conexão social, atribuindo importância ao que os demais pensam ou supõem que pensam sobre o que cada um cria. Para a autora, culturas de participação incluem: afiliações, formais e informais, sem comunidades *online* centradas em diversas formas de mídia; usos que potencialmente produzem mudanças na plataforma; usos baseados em valores de afinidade, confiança e afetividade; solução colaborativa de problemas pelo trabalho conjunto de equipe para realizar tarefas e desenvolver novos conhecimentos; circulações que determinam o tipo de fluxo entre mídias.

Para tanto, a autora cita como palavras de ordem expor-se, trocar, colaborar em atividades de interação com relações baseadas em confiança e de compartilhamento. Santaella (2013) defende a potencialidade do hiperespaço em um formato plural, para produção, publicação, distribuição e consumo mensagens multimídia em um sistema de trocas e reciprocidades. São redes de cooperação recíproca nas quais se fazem coisas e se resolvem problemas juntos. A autora explica que uma nova geração de computadores surge quando há mudança na interação entre seres humanos e máquinas e afirma que o momento vivido pode ser considerado uma era “Pós-PC”. Isso porque, considera a emergência de categorias de máquinas inteligentes “os *tablets* e outros dispositivos de interface gestual, cujo potencial revolucionário pode ser medido tanto pela enorme receptividade que gozam com os novos usuários – as crianças e os adolescentes – quanto pelo seu potencial inegável para a reconfiguração qualitativa da educação na pluralidade de seus aspectos.” (SANTAELLA, 2013, p. 46).

Porém, a autora destaca que essa reconfiguração ocorre a medida que se redefine os paradigmas pedagógicos, “herdados da era de Gutemberg”, a partir dos pressupostos digitais atuais.

### 3.3 MIDIATIZAÇÃO, MEDIAÇÃO E INTERAÇÃO

Martín-Barbero (1997), ao escrever *Dos meios às mediações*, propõe pensar comunicação como relações que não sejam apenas instrumento, mas discutir as mediações culturais na sociedade. Para o autor, a mediação esclarece que o sentido da mensagem não é igual para todo o mundo, a mudança depende do indivíduo e do momento, desse modo, muda a mediação, muda o lugar de leitura. A produção de sentido no composto meio e mensagem está nos processos de apropriação, nos elementos que estruturam esses processos, da própria relação que se tem com a mídia.

Portanto, Martín-Barbero (1997) define a comunicação midiática como comunicação nos meios enquanto a comunicação midiaticizada analisa a comunicação como estrutura, explicando o conceito de sociedade midiaticizada que descreve sociedades estruturadas por uma lógica midiática, não a mídia como instrumento, mas a mídia como parte integrante da estrutura social. Assim, para o autor, pensar em midiaticização é pensar na estruturação da sociedade, analisar a comunicação como elemento estruturante da sociedade. Por isso, mediações e midiaticizações guardam certo conceito complementar.

Para Braga (2012), comunicação também é relação e atua como resposta social, reação e interação, que se dá por um processo de mediação. O autor descreve que, em perspectiva genérica, a mediação ocorre a partir de um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e ações diversas, estabelecendo as relações entre eles. O autor explica que os sentidos específicos variam de acordo com o elemento mediador.

Em perspectiva epistemológica, trata-se do relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situado, por um ponto de vista – que é

social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento”. (BRAGA, 2012, p. 32).

Sodré (2006) aborda o conceito da midiatização com a hipótese, definida por ele como não tão nova, de uma sociedade contemporânea, dita pós-industrial, regida pela midiatização, uma tendência à virtualização das relações humanas, existente na articulação dos funcionamentos institucionais e de pautas individuais por meio das tecnologias da comunicação, justificando, para o autor, a multiplicação das tecnomediações setoriais.

É preciso esclarecer o alcance do termo “midiatização”, devido à sua diferença com “mediação”, que, por sua vez distingue-se sutilmente de “interação”, forma operativa do processo mediador. Com efeito, toda e qualquer cultura implica mediações simbólicas, que são linguagens, leis, artes, etc. Está presente na palavra mediação o significado da ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes (o que implica diferentes tipos de interação), mas isto é na verdade decorrência de um poder originário de discriminar, de fazer distinções, portanto de um lugar simbólico, fundador de todo conhecimento. A linguagem é por isto considerada mediação universal. (SODRÉ, 2006, p. 19).

O autor destaca a interação como forma operativa de um processo mais amplo ao qual denomina mediação. Sodré defende que toda cultura implica mediações simbólicas por meio das linguagens, leis, artes dentre outras. Logo, explica mediação, de maneira etimológica, como ação de ligação entre partes (uma ponte), a comunicação entre partes; e, para isso, demanda diferentes tipos de interações. Conseqüentemente, a linguagem é nossa mediação universal.

Já a midiatização, para o autor, é uma ordem de mediações socialmente realizadas, um tipo particular de interação, a qual chama de tecnomediações, caracterizando-as por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade. Um dispositivo cultural emergente no momento em que o processo da comunicacional é técnico e mercadologicamente redefinido pela informação.

A midiatização pode ser pensada como um novo bios, uma espécie de quarta esfera existencial, com uma qualificação cultural própria (uma “tecnocultura”), historicamente justificada pelo imperativo de redefinição do espaço público burguês. A questão inicial é a de saber como essa qualificação atua em termos de influência ou poder na

construção da realidade social (moldagem de percepções, afetos, significações, costumes e produção de efeitos políticos) desde a mídia tradicional até a novíssima, baseada na interação em tempo e real e na possibilidade de criação de espaços artificiais ou virtuais. (SODRÉ, 2006, p. 22).

O autor defende que, a partir da questão de influência e efeitos, sobretudo políticos, a mídia pode ser estruturadora ou reestruturadora de percepções e cognições, assumindo o papel de agenda coletiva. Sodré (2006) explica que agendar é organizar uma pauta de assuntos aptos a serem levados em conta individual ou coletivamente. Assim, entende-se que a pauta definida pela mídia tem grande participação nas demandas sociais que serão discutidas nos grupos e nas sociedades. O autor ressalta que não se trata apenas de preocupação acadêmica, mas indagações acerca das possibilidades de democracia participativa na mídia ou sobre os poderes de transformação social, que demandam esclarecimento quanto à natureza do poder da informação, quanto à sua especificidade.

Para Sodré (2006), é fato que a democratização não é algo que se obtenha pela multiplicidade técnica de canais, nem por uma legislação liberal aplicada às telecomunicações, ou ainda pelo agrupamento de espaços promovido pelas redes cibernéticas, que faz os “grandes” equivalerem virtualmente aos “pequenos”. O autor defende que a tecnocultura, constituída por mercado e meios de comunicação, sugere uma nova tecnologia perceptiva e mental, assim, indica um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade.

Martín-Barbero (2006) destaca que o marco da revolução tecnológica para as sociedades não está relacionado à quantidade inusitada de novas máquinas, mas ao modo de relação entre os processos simbólicos (constituindo o cultural) e um novo modo de produzir, confusamente relacionado a um novo modo de comunicar, que propõe transformar o conhecimento em uma força produtiva direta.

Para o autor, a mediação tecnológica da comunicação deixou de ser instrumental no momento em que trouxe mudanças aos novos modelos de percepção e linguagem resultando em novas sensibilidades escritas nas relações estabelecidas a partir da mediação tecnológica. Destaca ainda que os saberes passam a ser difusos e têm o estatuto cognitivo e institucional alterado. Dessa forma, algumas estruturas e alguns limites estão se restabelecendo na lógica comunicacional e informacional.

Para Orozco (2006), entender o jogo atual das mediações implica inicialmente abandonar a ideia de que são exclusivamente originárias dos meios e, de certa maneira, sua extensão. Assim, entendem-se mediações como processos estruturantes que provêm de diversas fontes, incidindo nos processos de comunicação e formando interações comunicativas dos atores sociais.

O autor explica que, se antes as mediações institucionais competentes às diversas instituições sociais, às quais as audiências pertenciam, eram muito importantes na definição e na orientação das produções de sentido, como a escola ou o estado, por exemplo, agora as instituições típicas da modernidade e do século 20 perdem a força. O que “desordena” é justamente a ordem tradicional de mediações. O autor defende que, neste jogo, a mediação tecnológica adquire uma importância talvez desmedida, ao mesmo tempo em que outras mediações quase desaparecem.

Orozco (2006) reforça que, não contrárias às transformações midiáticas que teoricamente são possíveis ou se prenunciam em um curto prazo, as interações midiáticas com os velhos meios continuam e continuarão sendo as interações dominantes em amplos setores da maioria dos países, pelo que se faz necessária análise das articulações e tudo que implicam.

O autor reconhece, de maneira comedida, que a representação midiática e a virtualidade seguem em crescimento, consolidam-se duplamente como produtos e processos ao mesmo tempo como mediações privilegiadas para conhecer, sentir e gostar. A mediação informacional (digital) se baseia na interatividade que parece diluir fronteiras no meio dos produtores e consumidores de conhecimento ao propiciar a sensação de serem não só receptores, mas também emissores do conhecimento construído.

E aqui realmente eu tenho uma grande dúvida. Será que a nova tecnologia de fato nos permitirá modificar substancialmente as condições de produção de conhecimento que queremos, ou só nos facultará certas categorias de liberdade e criatividade maiores, mas sempre enquadrados em condições que não foram nem de nossa produção nem de nossa escolha? (OROZCO, 2006, p. 91).

O autor apresenta um posicionamento crítico a essas mediações (visuais e digitais) e acredita que, ao invadirem o espaço social, desgastam os modos

ilustrados orais e escritos de percepção, apropriação, produção e circulação de saberes, conhecimentos, juízos, opiniões e noções; o autor registra ponto de atenção ao demonstrar preocupação com a transformação desenfreada de alguns usos sociais do percebido, apropriado e reproduzido pelos atores sociais. O incômodo diz respeito à desordem de espaço e tempo promovida pelas verdades apresentadas nas mediações digitais, um “não lugar”, com relações à deriva e ancoragem reais difusas por ligações momentâneas, efêmeras, em relação à solidez cotidiana.

O resultado na vida cotidiana é uma crescente dependência da tecnologia em particular, da midiática e digital. Dependência que, no entanto, está sendo explorada e enquadrada não por razões de desenvolvimento humano, mas, essencialmente, por razões mercantilistas. Os valores de eficiência e competitividade mercantil sustentam ou direcionam muitos dos avanços tecnológicos contemporâneos.

Primo e Cassol (1999) reforçam que o conceito de interatividade é fundamental para estudos da comunicação mediada pelo computador. Os autores abordam a interatividade digital como uma relação *tecnossocial*, propondo um diálogo entre homens e máquinas, em tempo real, localizadas em zona de contato e de negociação – as interfaces gráficas. Mas os autores advertem que a relação deixa de ser passiva ou representativa para ser ativa e permitindo a relação engenhosa entre máquinas inteligentes sem mediação humana.

Desse modo, pode-se estudar uma possível relação de interdependência em que os agentes se influenciam, mas, de acordo com os autores, é preciso cuidado para não limitar interação entre ação e reação.

Primo e Cassol (1999) destacam os conceitos da comunicação pragmática na valorização da relação interdependente do indivíduo com o meio e seus pares, assim, cada comportamento individual é afetado pelo comportamento dos outros. Assim, os autores orientam que a interação pode ser percebida como uma série complexa de mensagens trocadas entre pessoas, mas o entendimento de comunicação vai além das trocas verbais, afinal, todo comportamento é comunicação. Logo, os autores defendem que comunicação pressupõe relacionamento e relação envolvendo elementos inter-relacionados: os participantes, a relação e o contexto.

Primo e Cassol (1999) recorrem às premissas da visão pragmática entendendo que comunicação é comportamento e não é possível não comunicar quando não existe um oposto a comportamento. Sobre o contexto na interação, os autores reforçam sua relevância, considerando que os fatores contextuais exercem influência na interação podem limitar ao oferecer restrições à interação.

A interação pressupõe relação entre consciências por meio da troca de informação e mensagem. Martino (2011) explica que ambas só se transformam em comunicação quando são tomadas pela consciência do indivíduo. Do contrário, mantêm-se como suporte (material) sendo apenas condições, indispensáveis, mas não suficientes, para comunicação. Assim, ressalta que a informação tem potencialidade de comunicação e pode ser ativada a qualquer momento, desde que haja interação, relação, uma tomada de consciência, decodificando ou interpretando aqueles traços materiais reconstituindo a mensagem e definindo informação como o rastro que uma consciência deixa sobre um suporte material, para que outra consciência resgate. Diante desses conceitos, fica claro compreender como, em tempos de avanço tecnológico, não é raro encontrar apreciações em que se confunde informação e comunicação, suporte material com capacidade comunicacional de interação entre consciências.

Dessa forma, Martino (2011) esclarece que informação é a parte propriamente material, enquanto o termo comunicação abrange a totalidade do processo que coloca em relação duas ou mais consciências, a interação. O autor lembra o sentido etimológico de informar, que significa “dar forma a”. Para o autor, a informação, com seus suportes materiais e códigos, permite ao receptor ter um objeto de consciência semelhante ao emissor, chegando a ter algo incomum, uma relação de consciências. Por fim, não há comunicação sem informação e também não haverá informação sem a possibilidade de se tornar comunicação, por meio de interação entre as partes.

Na relação da interação e construção cognitiva, Primo e Cassol (1999) citam Piaget (1966), quando afirmam que nenhum conhecimento é uma cópia do real e também não se descobre totalmente determinado pela mente do indivíduo. O conhecimento se dá pela interação inicialmente provocada por atividades espontâneas do organismo, tanto quanto pelos estímulos externos

Primo e Cassol (1999) destacam que o conhecimento é, portanto, fruto de uma relação. E relação nunca tem um sentido só. Ela existe entre todos os envolvidos. Para tanto, o conhecimento só emerge em resposta à relação entre sujeito e objeto.

Nesse contexto, os autores afirmam que o estudo da cooperação piagetina pode possibilitar o entendimento da interação mediada por computador e subsidiar a implementação de interfaces que valorizam o trabalho cooperativo. É possível também identificar que muitos *softwares* eliminam as possibilidades de relacionamento cooperativo, pois a máquina trabalha de forma bastante distinta da humana e é preciso ferramentas que possibilitem construção coletiva e cooperação.

Primo e Cassol (1999) abordam a cooperação como um alinhamento de pensamentos de uma pessoa e seus pares, propondo um controle mútuo das atividades. Assim, a cooperação pode surgir a partir do momento em que o diálogo se instaura, quando é percebida a perspectiva do outro. Consequentemente, a conversa acontece pelo desejo de escutar e compreender o interlocutor. Para tanto, cooperação implica respeito mútuo, reciprocidade, liberdade e autonomia dos interagentes. Os autores recorrem à proposta construtivista que julga se tratar de equilíbrio nas trocas; assim, o todo e as partes se conservam mutuamente, sem que um domine em detrimento do outro. Os autores reforçam que, no âmbito das relações sociais, cooperação se opõe à coação e à unidirecionalidade, valorizando a democracia e negando o autoritarismo. No plano científico, considera que a verdade científica não se impõe, afinal, os erros do pensamento podem ser corrigidos nas trocas entre os membros da comunidade científica.

Primo e Cassol (1999) fazem críticas aos estudos que são influenciados pelos paradigmas mecanicistas e as perspectivas lineares comprometendo as análises de interatividade em ambientes informáticos. Para os autores, nos estudos com foco na máquina (considerando a relação usuário e máquina), o indivíduo pode ser percebido como vítima de uma tecnologia limitante, enquanto as perspectivas que valorizam a técnica tendem a um diagnóstico ilusório e otimista.

Por isso, os autores propõem análises que busquem equilíbrio entre a percepção da interação de forma mais ampla, considerando que a relação homem e técnica ocorrem de forma mútua e negociada. Portanto, os estudos de interação buscam analisar a qualidade da relação que emerge da participação de ambos.

Nesse sentido, entende-se interação como “ação entre”. Isto é, recusa-se a valorização ou do chamado “emissor” ou do receptor, para se deslocar a investigação para o que ocorre entre os interagentes, isto é, a interação as ações entre eles as mediações. Quer-se também valorizar o contexto como ele influencia a interação. Além disso, não se quer reduzir a discussão das reações que o computador pode oferecer em um ambiente mediado, mas sim salientar as relações recíprocas que ocorrem entre as pessoas mediadas pelo computador. (PRIMO; CASSOL, 1999, p. 77).

O autor sugere um modelo que busca entender a interação homem e máquina, aproximando-se de ação e reação, como interação reativa, enquanto sugere um segundo modelo que considera a relação construída como interação mútua.

O portal Porvir compõe o grupo de ambientes informacionais que atuam a partir da liberação dos polos de emissão de conteúdo, trazendo à luz a potencialidade comunicacional que antes era reprimida por poucos meios que detinham o poder de fornecer conteúdo, conforme já defendido por Lemos (2009) e Lévy (1999) nesse trabalho. A disseminação do conteúdo ganha alcance pelo fortalecimento das redes de conexões que exploram os recursos ao permitir compartilhamento é colaboração a partir da aproximação dos produtores e consumidores de conteúdo, bem como com a inversão constante de papel entre quem produz e quem consome, criando também vínculo social e comunicacional entre a audiência do portal. Este também atua nas reconfigurações de práticas na produção e na reprodução de conteúdo e seus colaboradores.

Na colisão de “velhas mídias e novas mídias”, os ambientes informacionais digitais buscam integração tomando a proposta de redistribuição de poderes entre produtores e consumidores, que deixam às mídias massivas mais flexíveis as convergências de interfaces no compartilhamento de conteúdo e uso de novas fontes. Esse trabalho toma como convergência os fatores que permitem o envolvimento da audiência na produção e circulação dos produtos midiáticos, os mesmos que consomem. Com o comportamento migratório do público, a cultura da convergência contextualiza o espaço que demanda a participação do público, a cultura participativa que fomenta os ambientes informacionais digitais. Assim, as estratégias comunicacionais nos ambientes informacionais buscam, a partir da comunicação mais horizontal e participativa, formas de construção coletiva de

conhecimento. Mesmo com os interesses mercadológicos no discurso da cultura participativa, nota-se que o terceiro setor promove estratégias que aproximam o consumidor ao produto de conteúdo com objetivos de desenvolvimento social.

Para o conceito de interatividade, Neste trabalho entende-se que as ações precisam superar os conceitos de ação e reação, permeando pelo comportamento com a troca de consciência transformando a informação em comunicação, por meio do diálogo mediado nas interfaces tecnológicas. Assim é a comunicação, objeto de estudo deste trabalho, definida como um ato de troca, interação mútua, que estabelece relacionamentos e laços sociais (consciência). Dentro de um grupo, é responsável por constituir as relações e, por meio da troca de dados, informações, crenças, é possível construir conhecimento, estabelecer situações de aprendizagem e legitimar culturas. As interações nos objetos estudados são estabelecidas a partir da interação de educadores que buscam desenvolver competências informacionais e apropriação do uso da mídia e da tecnologia para impactar nas salas de aula.

Recuero (2013) destaca que a interação mediada pelo computador mudou com a pulverização e a apropriação dos *sites* de redes sociais digitais. Para a autora, o que antes era visto como interação passou a se constituir não apenas de ações verbais, mas de todo tipo de troca sinalizando de alguma forma participação. Recuero (2013) aborda a natureza dos laços sociais, que são estabelecidos por meio das relações no ciberespaço, e explica que eles também sofreram alterações. Os laços que antes precisavam de interação para serem estabelecidos (laços emergentes) passaram a ser estabelecidos também pela associação (laços associativos) e começaram a ser mantidos pelos próprios *sites*.

A autora aborda a conversação como um fenômeno emergente nos *sites* de rede social, com foco nas apropriações das redes para a interação. Explica que a conversação não é estratégia criada por sistemas técnicos, mas uma apropriação das redes sociais de forma a criar elementos e sentidos que precisam ser construídos na mediação das ferramentas digitais. Destaca que a conversação é um fenômeno que foca principalmente as interações orais entre leitores, ou consumidores de conteúdo:

É um evento onde os atores, por intermédio de interações verbais, negociam sentido, constroem relações sociais e dividem informações e valores sociais que vão estruturar os grupos sociais e a sociedade como por um todo. Por isso, a conversação precisa ser organizada, ou seja, necessita de cooperação entre os atores (seja na

negociação das regras, seja no objetivo, seja na legitimação dos discursos). (RECUERO, 2013, p. 53).

A autora esclarece que a conversação na mediação do computador expõe características diferenciadas. Assim, as ferramentas que são mais textuais surgem com o uso de indicadores de oralidade, como o uso de palavras referentes a falar e dizer, o uso de símbolos e onomatopeias ilustrando mensagens. Recuero (2013) enfatiza que, como essas práticas são eventos comuns na comunicação mediada por computador, diversos autores assumem e comparam a conversação mediada à conversação oral.

Recuero (2013) entende que as conversações convenham para proporcionar a interação entre os atores. Contudo, eles também a utilizam para construir valores e ter acesso a recursos do grupo, como a legitimação de impressões a respeito de si mesmo, o acesso a informações e participação social.

Consoni (2013) resgata que desde o final da década de 1990, os ambientes informacionais digitais possibilitam conversações no ciberespaço “nas quais os interlocutores não necessitam mais ocupar o mesmo espaço e tempo como nas conversações presenciais.” (CONSONI, 2013, p. 111). O autor propõe pensar a conversação a partir das alterações de tempo e espaço, mas com merecida atenção em relação às práticas interativas que ocorrem na *web*. O autor explica que a constituição do ciberespaço foi modificada após o surgimento da *web*, com a chegada das tecnologias digitais de comunicação que acarretaram rupturas na comunicação mediada por computador. Como, por exemplo, opções nos aplicativos que atuam como canais para que o interlocutor possa interagir com o produtor da mensagem/conteúdo e ainda com todos que acessarem o conteúdo, possibilitando, assim, conversações por meio de comentários. O autor apresenta alguns questionamentos que valem ser levados aos estudos desses novos ambientes comunicacionais acerca de como as conversas são organizadas nos comentários; se existe coerência conversacional; se os comentaristas “ouvem” uns aos outros ou todos falam e ninguém “se ouve”. De acordo com o autor, os sistemas informáticos permitem a conversação mediada entre usuários, em que algumas interações são complementares às conversações presenciais, mas também podem possibilitar novas conexões. O autor reforça que o virtual é complemento do presencial e um não deve excluir o outro.

O autor relembra que a conversa é uma atividade humana que permite interação entre as pessoas e é considerada a primeira forma de linguagem a que o homem é submetido. É essencial para a construção das relações sociais, pois, ao conversar, o indivíduo tem a possibilidade de expor ideias e opiniões ao grupo a que pertence, de se posicionar sobre temas em defesa de suas pretensões ao se engajar na voz do grupo, podendo modificar a sociedade.

Essa característica da conversação se torna um ponto importante, já que a atividade conversacional *online* ocorre sem identidade temporal e a coerência entre os comentários configura a relevância condicional entre eles, construindo-se em cada comentário uma parte para os pares adjacentes. Como já foi alertado, nem todo comentário pode ser visto como conversação. Um *blog* pode ter comentários e nenhuma conversação, enquanto outro pode possuir pouquíssimos comentários e haver conversação. O que determinará a conversação está na relevância e na apropriação do conteúdo e da interface.

Consoni (2013) entende que a postagem de um *blog* é uma declaração aberta, uma interrogativa indireta na conversação. Assim, as informações que o autor aborda naquele espaço podem ser consideradas pré-informações para iniciar uma conversação a partir dos comentários. E as conversações podem se desdobrar com opiniões de apoio, contrárias, com novas abordagens e pontos de vista.

As práticas de se concordar com a avaliação do autor confirmam a tendência social das pessoas preferirem respostas concordantes das discordantes. Porém, as respostas discordantes apresentam importante função, pois são elas que impulsionam a extensão dos *threads* com diálogos diretos entre os interlocutores envolvidos e produzem *spinning thread*. As postagens responsáveis pelo maior número de comentários em que conversas são encontradas são as que tratam de temas polêmicos em que seu autor se posiciona veemente. Quando o autor do *blog* trabalha o tema dessa forma, a tendência é dos interagentes uns aos outros. Dessa forma, no *blog* em que há pouco controle sobre os comentários, destacam-se as conversas entre os comentaristas que se engajam na discussão em torno de um *thread*. (CORSONI, 2013, p. 138).

O autor reforça a importância da conversação entre comentarista e o autor do conteúdo; resultando em alteração nas matérias postadas ou ainda novos conteúdos que surjam a partir da interação mantida no ambiente. O autor reforça que não se trata apenas de uma sugestão de pauta, comum na imprensa institucionalizada, mas

um ambiente de participação e colaboração em que autores desejam manter a bidirecionalidade da interação nos comentários para aprenderem com suas audiências. Logo, essa interação os transforma, os ambientes informacionais direcionados à participação e à interação podem se apresentar de maneira mais horizontal, com a pluralidade dos falantes comentando o conteúdo postado. (CORSONI, 2013)

#### 4 INTERFACES: EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS

As discussões sobre as interfaces comunicação e educação, com o advento tecnológico, detalham os objetivos informacionais do portal estudado. Dessa forma, buscou-se, neste capítulo, apresentar reflexões acerca das competências informacionais no contexto da Sociedade da Informação com as abordagens de Miranda (2004); será retomado também Lévy (1999), que discute as tecnologias intelectuais, a ampliação das capacidades cognitivas e os pontos de atenção na formação profissional e educacional, considerando o advento tecnológico atrelado à comunicação e à educação. Martín-Barbero (2000) abordará os desafios comunicacionais na educação resultantes das inovações tecnológicas. Objetivou-se também, neste capítulo, apresentar os conceitos de Educacomunicação, Mídia-educação e Alfabetização Midiática e informacional tomando o avanço tecnológico e as relações estabelecidas nos processos educacionais, citando Soares (2003), Bévort e Belloni (2009), Siqueira, Andrello e Almeida (2012), Mendel (2009) e Wilson et al. (2013).

Em um contexto de avanço tecnológico e alteração nas lógicas de acesso à informação e à produção de conhecimento, Martín-Barbeiro (2006) detalha um ambiente educacional difuso e descentrado, em que a escola não é mais o único lugar de legitimação do saber, já que é preciso assumir uma variedade de saberes que circulam dentre outros canais, difusos e descentralizados. Para o autor, a diversificação e a difusão do saber, fora do ambiente escolar, são dois dos desafios mais presentes que a comunicação propõe ao sistema educativo.

O autor aconselha que saberes fragmentados não impedem os jovens de ter conhecimento em disciplinas do ensino básico, em que muitas vezes é mais atualizado do que seu próprio professor. Isso, para o autor, na escola, acarreta não uma abertura a esses novos saberes, mas uma posição defensiva, que apoia a construção de uma ideia negativa e moralista de tudo que a questiona, desde o ecossistema comunicativo das mídias e das tecnologias de comunicação e informação.

Apesar de o cenário ter avançado e muitas escolas estarem abertas à assimilação dos diversos saberes, é verdade que algumas ainda resistem ou se

perdem no caminho da apropriação legítima dos conhecimentos advindos de formas menos estruturadas no plano pedagógico.

Martín-Barbero (2006) destacou que novos saberes remetem a novas figuras de razão que demandam entendimento desde a tecnicidade. O autor reflete que o computador (aqui se inclui demais dispositivos, como celulares) não é mais visto apenas como uma máquina com a qual se produzem objetos, mas um novo tipo de tecnicidade, possibilitando o processamento de informações tendo como matéria-prima abstrações e símbolos. Tal fato que estabelece uma nova fusão de cérebro e informação ao substituir a tradicional relação do corpo com a máquina. Mas o autor adverte:

Por outro lado, as redes informáticas, ao transformarem nossa relação com o espaço e com o lugar, mobilizam figuras de um saber que escapa à razão dualista com a qual estamos habituados a pensar a técnica, pois se trata de movimentos que são ao mesmo tempo de integração e de exclusão, de desterritorialização e relocalização, nicho no qual interagem e se misturam lógicas e temporalidades tão diversas como as que entrelaçam no hipertexto as sonoridades do relato oral com a intertextualidade da escrita e as intermediações do audiovisual. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 57).

Assim, a sociedade passa a vivenciar distintas experiências no processo educacional; além do público que presenciou o processo de transição e inserção das diversas tecnologias no artifício cotidiano de aprendizagem, as escolas enfrentam o desafio de ensino-aprendizagem a jovens que nasceram inseridos na realidade tecnológica contemporânea e exploram, bem como demandam, outras formas de experimentar o conhecimento.

Os impactos de formação e educação também resultam em mudanças nos mapas trabalhistas e profissionais. Para Martín-Barbero (2006), ainda que as universidades pareçam não se inteirar, caminhamos para uma transformação do mapa “moderno” de profissões e da necessidade de outro mapa mais atualizado, a configuração dos novos ofícios exigidos pelas novas formas de produção, de comunicação e de gestão, englobando tanto as novas habilidades mentais que a alfabetização introduz no mundo do trabalho quanto os novos modelos empresariais.

Assim, o ambiente difuso e descentralizado impacta desde a escola básica à formação profissional mediante as mudanças econômicas e sociais que demandam formatos de aprendizagem mais diversificados explorando as diversas formas de

difusão do saber, desenvolvendo competências que passam a ser necessárias nos novos mapas trabalhistas. Cabe também ao processo formativo equalizar possíveis desvios de aprendizagem pela diferença entre grupos que vivenciaram a transição tecnossocial e os que já nasceram em meio à mediação tecnológica.

Orozco (2006) julga algumas visões sobre a incorporação do que define como “audiovisual-informático” à educação, com uma alta dose de miopia e perversidade, a partir de análise das interações dos usuários com a tecnologia de informação, a educação possível e desejável dos indivíduos se comporta com grande incerteza. Para o autor, a fonte de incertezas é fundamentada nos “destempos” que permeiam e influenciam o cotidiano dos indivíduos. O autor comenta a efemeridade dos fatos presentes, a instantaneidade das transmissões, ao mesmo tempo em que transforma informação em novidade, mas se distancia da historicidade, resultando em um fluxo constante, sem começo, meio e fim de informação. Para o autor, o desencontro temporal do público faz com que o tempo novo, colocado pela lógica midiática, não corresponda aos seus tempos reais, contribuindo para se perder a oferta programática como ficção. Orozco (2006) aborda o termo ficção para explicar a dualidade criada entre as informações midiáticas que circulam e legitimam verdades e teorias, “uma ficção que comporta referentes reais, e que pode parecer inclusive mais real que a própria realidade, mas sem ancoragens no tempo, só na fantasia”.

Mas os destempos educativos dos atores, sujeito-audiência, também se manifestam na comparação com a vida escolar. A escola e a universidade têm horários fixos, turnos determinados, lugares certos. Em certa medida, mantêm-se como redutos da instrução e da preservação da cultura e das tradições autóctones. Voltada ao passado e resistente a olhar todo presente, a escola (pública) atual vê ameaçado seu futuro e “explode” diante do sempre presente midiático-informático, inovador e sem horários, fato possível pelas mais recentes tecnologia da informação. A esse referencial pode-se ter acesso em qualquer momento e quase de qualquer lugar, não tendo de fazer deslocamentos físicos. (OROZCO, 2006, p. 95).

Desse modo, o autor destaca que as mudanças educativas provocadas pelas mídias e as tecnologias compõem outra fonte de incertezas. Dentre as mudanças, a modificação da aprendizagem na escola e na vida, por influência das telas. O autor comenta as vivências e experiências a partir das telas, que, embora sejam virtuais,

comumente se transformam em “lições de vida”, tornando o aprendizado dessa experiência muitas vezes mais relevantes, na percepção do indivíduo, do que o que se aprende em instituições educativas formais.

O autor também comenta a mudança das fontes legitimadoras das aprendizagens e lembra que, antes, o livro utilizado pelo professor tinha a “última palavra”; agora ela está relacionada à última imagem vista na tela e a última palavra está no entendimento do sujeito que verifica o conceito abordado também nas telas. A preocupação do autor é que a visão, neste caso, assume função de legitimadora do que passa por ela, sem grandes preocupações com a verdade e integridade dos fatos ou dados. Assim, desde as interações midiáticas, os indivíduos questionam o professor, seus saberes enciclopédicos esvaziados de significado, diante da abrangência representacional dos ecossistemas comunicativos.

Sobretudo, o autor esclarece que o processo de aprendizagem, próprio do paradigma que possibilita a tecnologia informacional, acontece pelo descobrimento, pela exploração, não por imitação ou reprodução, caso predominante até então em muitas culturas e na própria educação escolar. Não se trata de um novo paradigma, mas a realidade presenciada o faz predominante, pois os descobrimentos possíveis com a tecnologia da informação – conhecimento que se constrói –, quando alcançados, servem de base para novos descobrimentos, estabelecendo uma árvore de conhecimento (OROZCO, 2006).

Nesse contexto, o autor aborda a quebra de paradigma no desgaste dos elementos que representavam “figuras de razão e autoridade tradicionais”, com mudanças inevitáveis aos papéis dos saberes. Assim, às bibliotecas e instituições já não cabem a função de saber-acervo, ao professor não se valoriza a função de saber-memória e ao livro não se reconhece a função de saber-modelo. Com a velocidade de acesso à informação e, conseqüentemente, outras opiniões e outros olhares teóricos, os elementos citados são fontes de informação e ponto de partida para a construção do conhecimento, mas já não representam figuras da razão e autoridades tradicionais.

Os docentes manifestam um temor profundo de serem substituídos pelas novas tecnologias da informação colocadas a serviço de objetivos de aprendizagem. E as instituições educativas acabam por não compreender a magnitude da mudança, e insistem

teimosamente em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Não é equipar de máquinas as escolas a única alternativa para abreviar o desafio, como insistiram muitos ministérios de educação latino-americanos. Na verdade, debater e repensar os motivos da educação e da comunicação em uma grande mudança de época como a atual é o que necessitamos continuar fazendo. (OROZCO, 2006, p. 97).

O autor esclarece que não se trata de extinguir o papel do professor ou apenas fazer investimentos em infraestrutura tecnológica de modo instrumental, é necessário debater e repensar a missão da educação e da comunicação mediante as transformações sociais e tecnológicas.

A partir de reflexões da Sociedade da Informação, Miranda (2004) aborda a importância da competência informacional. A autora esclarece que a informação sempre foi relevante, mas com o avanço da Sociedade da Informação se tornou primordial. Resgata a relação da informação e o mercado de trabalho lembrando que o camponês e o artesão usavam seus conhecimentos para produzir e o tempo era medido em função dessas produções. Com a Revolução Industrial, passaram a trabalhar em função do tempo e da conclusão das tarefas. Assim, com foco na produção, o trabalhador se distanciava do resultado final e se preocupava apenas com sua tarefa, uma etapa do todo.

A fábrica, como bem consagrou Marx, separou o trabalhador do produto de seu trabalho, ela praticamente inventou o trabalho como algo separado do trabalhador. A noção de produto e produção passou a pertencer ao dono da fábrica. Somente ele sabia o que produzir, como, quando e por quê. (MIRANDA, 2004, p. 112).

Para Miranda (2004) a situação industrial começa a mudar com o aumento do número de empresas e, conseqüentemente, da concorrência. As fábricas passaram a buscar por diferenciação nos seus produtos e o cliente se torna mais exigente, já que pode escolher dentre tantas opções. O resultado foi uma produção fortemente influenciada pela qualidade do produto e pela exigência do consumidor. Assim, Miranda (2004) relata que a economia do serviço, o valor agregado, passou a ser mais importante que a economia do produto. Desse modo, a atividade humana voltou a estar em função das irregularidades, novidades e inovações e a informação ganhou importância na produção.

Miranda (2004) destaca que, apesar de a informação estar presente no trabalho produtivo, é a partir da necessidade de diferenciação na produção que sua importância é de fato reconhecida. E mais, o conhecimento só pode ser mobilizado pelo fator humano, invertendo a lógica proposta até o momento. Tais transformações recolocam o indivíduo no centro da economia, com isso, a qualificação para o trabalho, no contexto social de conhecimento, também é redefinida. A autora afirma que, assim surge o conceito de competência que ocupa o espaço da qualificação, o indivíduo e suas características mais completas que interessa.

Na lógica em que conhecimento é fator econômico chave, a autora destaca a competência informacional como essencial para lidar com a informação. Competência demandada em diversos tipos de trabalho e nas mais diversas organizações. “Essa competência pode ser expressa pela *expertise* em lidar com o ciclo informacional, com as tecnologias da informação e com os contextos informacionais” (MIRANDA, 2004, p. 118). Se a informação é elemento-chave na economia, a competência informacional é entendida como requisito aos diversos profissionais em diversas áreas.

Nesse contexto, Lévy (1999) escreveu sobre a lógica de mudança proposta pelas tecnologias de informação, somada à potencialidade interativa e colaborativa da cibercultura, reconfigurando a relação com o saber. A primeira constatação do autor é referente à obsolescência dos saberes adquiridos por um profissional, lembrando que, se não houver atualização, as competências que o levou à inserção ao mercado de trabalho rapidamente estarão ultrapassadas e antiquadas às demandas de mercado. Outra constatação é em relação à natureza do trabalho, em que trabalhar se tornou sinônimo de aprender, produzir e transmitir conhecimento. Essas duas constatações, questionam a dinâmica de favorecimento ao tempo de trabalho, na mesma função e na mesma instituição, que agora passa a ser mensurada pelo conhecimento e soma de competências adquiridos no período trabalhado.

O autor constata também a capacidade de as tecnologias intelectuais amplificarem as funções cognitivas humanas como: memória, imaginação, percepção e raciocínio, dispensando algumas competências que serão, e já são, supridas pelos aparatos tecnológicos, abrindo possibilidade para outras funções. Aqui, a preocupação é com a redução de postos de trabalho, bem como

mecanismos de desenvolvimento profissional para que trabalhadores possam assumir as novas funções demandadas e até mesmo desenvolver serviços a esse novo mercado.

Assim, ao refletir sobre as competências necessárias para a formação e a educação, Lévy (1999) destaca três principais fatores: o saber fluxo, pensando no processo contínuo de construção do saber; o trabalho como transação de conhecimento, já que o termo se afasta cada vez mais da ideia de mão de obra; e as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva, que apresentam novas possibilidades cognitivas.

Dessa forma, espaços de discussão e reflexão sobre as competências do século 21 ampliam o olhar do educador para além da formação cognitiva, como social e política, preparando os profissionais da educação não apenas para a sala de aula, mas também para entender a relação do conhecimento, tecnologia e competências informacionais, trocar experiências com profissionais de diversas realidades, para, então, discutir com o aluno quais as demandas sociais, políticas e econômicas.

Logo, o grande incômodo provocado pelas afirmações de Lévy (1999) é acerca da formação ou atualização dos profissionais responsáveis pela educação, para atuar em um ambiente dinâmico, interativo e colaborativo; assim, o que será preciso ensinar não necessariamente será planejado e estabelecido (de maneira rígida) com antecedência, uma vez que o aprendizado se dará a partir dos conhecimentos já disponíveis e até mesmo promovidos pelo que o autor define como inteligência coletiva. Lévy (1999) já constatava que os percursos e perfis de competências para cada aluno são singulares e, com o tempo, demandariam flexibilidade para que o indivíduo pudesse moldar os conhecimentos que já tem aos que precisa desenvolver.

O que o autor propôs foi a construção de novos espaços de conhecimentos, não mais estruturados sob a lógica hierárquica, linear e paralela, que classificava saberes superiores, ainda embasada em pré-requisitos que condicionavam o avanço ao próximo conhecimento que seria adquirido. Os novos espaços sugeridos consideram a velocidade, a variedade e o volume de informação a que o indivíduo tem acesso e, por isso, devem ser mais abertos, contínuos, em fluxo não linear,

sendo reorganizados de acordo com o contexto em que se insere e os objetivos a serem atingidos.

A realidade apresentada pelo autor é assumida, atualmente, em diversas instituições que já atuam ou caminham para construir espaços de aprendizagem mais aptos à nova ordem estabelecida pelo ambiente informacional e tecnológico. A pesquisa que aqui se apresenta também considera que será necessário tempo para adequação e reestruturação não só das instituições como também das normas e legislações que regulam os processos educacionais. Contudo, aqui, o olhar está voltado ao ator principal do cenário que já teve sua atuação e função alterada pela lógica da Sociedade da Informação, o educador e os ambientes informacionais direcionados a esse profissional.

Lévy (1999) aponta como ponto de reforma o essencial “estilo de pedagogia” que precisa atender aprendizagens personalizadas e aprendizagens coletivas no formato de rede (não mais linear). Nesse contexto, o autor destaca o quanto o educador caminha para um papel de mediação, conduzindo-o à construção de inteligências, em vez de detentor e fornecedor de conhecimento. Outro ponto que o autor apresenta é em relação ao reconhecimento das experiências adquiridas. Ou seja, se trabalho é visto como sinônimo de conhecimento, as atividades sociais também geram aprendizado e tais conhecimentos devem ser considerados para construção de novos saberes. O autor sugere que as instituições e os educadores não se comportem como “monopólio da criação e transmissão do conhecimento” e para isso é preciso que tenham como missão orientar os percursos individuais, contribuindo para a construção do saber a partir do conhecimento que o aluno já tem (não acadêmicos) para a construção do novo conhecimento.

Por mais que esse cenário não seja uma novidade, dado o ano das publicações, é fato que nem todas as realidades educacionais estão preparadas para ela. Por esse motivo, este estudo escolheu como objeto um portal que se propõe a utilizar a estrutura do ciberespaço para subsidiar a formação e a capacitação docente com foco nas demandas contemporâneas e possibilitar que as discussões consideradas já superadas no âmbito teórico e acadêmico possam ser concretizadas e vivenciadas no ambiente educacional real, impactando de maneira positiva nos resultados educacionais da sociedade.

Nessa perspectiva, a atuação do portal é de mediação do conhecimento já disponível, bem como organizadores dos pontos de conexão e conteúdos que podem ser explorados por educadores que buscam conhecimento na *web*. Sem estratégias comunicacionais para estruturar o emaranhado de informações disponíveis, a rede se faz elemento excludente.

Não se pretende, com este trabalho, isentar a responsabilidade do Estado no acesso ou na exclusão educacional. Seria um olhar reduzido atribuir a responsabilidade de apropriação dos saberes e melhor uso das tecnologias no ambiente educacional apenas a figura dos profissionais da educação, considerando ainda a realidade de atuação e dificuldades enfrentadas por esses profissionais no acesso a recursos básicos para seu trabalho, demandando investimento de políticas públicas educacionais que ultrapassem a maquiagem tecnológica apresentada de maneira instrumental em muitas escolas. Neste contexto e em um texto mais antigo, Martín-Barbero (2000) já apresentava um questionamento sobre qual seria a relação entre o avançado e o rico mundo das telecomunicações com o campo educacional, considerado pobre e atrasado; o autor trazia como resposta o investimento (ou ausência) em políticas conjuntas de cultura, comunicação e educação, afinal a viabilidade como nação está condicionada ao fortalecimento dessa relação. Além disso, o autor também pontuou que o ecossistema comunicacional demanda articulação as dinâmicas da cultura e da educação. Isso apenas é possível quando há políticas governamentais conjunturais e imediatistas. O autor enfatizou a necessidade de políticas de Estado de longo alcance.

Martín-Barbero (2000) também abordou o conflito de pensamentos: de um lado, os que veem nos meios de comunicação e nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) causas para o desastre moral e cultural do país; de outro lado, um discurso que assume o aparato tecnológico como solução mágica para os problemas da educação. Em resposta, o autor afirmou que, introduzir modernizações tecnológicas na educação, sem antes entender a mudança no modelo de comunicação, pode ser extremamente prejudicial.

O modelo predominante é vertical, autoritário na relação professor-aluno e linearmente sequencial no aprendizado. Introduzir nesse modelo meios e tecnologias modernizantes é reforçar ainda mais os obstáculos que a escola tem para se inserir na complexa e

desconcertante realidade de nossa sociedade. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 53).

O autor reforçou que os problemas da educação passam pelo modelo comunicativo-pedagógico que ainda precisa ser revisto, saindo da verticalidade, na relação docente e aluno, assumindo o formato participativo da comunicação horizontal. Entendendo assim, para que o ambiente tecnológico seja benéfico à educação, é indispensável abordar os problemas de comunicação antes de falar sobre os meios.

Em seu texto Martín-Barbero propôs atenção a duas dinâmicas, a comunicação que se converte em ecossistema e o saber que passa por uma diversificação e descentralização. Com o não entendimento desses aspectos resulta o manifesto de uma esquizofrenia cultural, vivida por muitos cidadãos, de acordo com o autor.

Eles estão divididos entre aquele saber que lhes outorga um diploma oficial e lhes vai servir para a inserção nos modos habituais de ascensão social e de consecução de um status, e aquele outro saber que vai lhes servir para introduzir-se nas novas modalidades do sistema produtivo e inovador da sociedade. Saber este que coincide com aquilo de que a sociedade necessita para formar um cidadão capaz de autodeterminação e, por consequência, capaz de respeitar, conviver, harmonizar. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 55).

Para o autor, esse saber difuso e descentrado que circula na sociedade pode se tornar via de acesso a uma concepção mais democrática, criadora e produtiva. Ao compreender a relação de autonomia proporcionada pelo acesso à informação, à construção do saber, chega-se ao entendimento de participação para uma sociedade mais livre e democrática.

Não se aprende a ser democrático em cursos sobre a democracia, aprende-se a ser democrático em famílias que admitem pais e filhos não convencionais, em escolas que assumem a dissidência e a diferença como riqueza, com meios de comunicação capazes de dar, verdadeiramente, a palavra aos cidadãos. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 56).

De acordo com o autor, o principal desafio do ecossistema comunicativo em relação à educação é possibilitar a apropriação “das maiorias” no espaço de

conversação e conhecimento efervescido pelas TICs, ou será reforçada a divisão social e a exclusão cultural e política que ele produz. Exemplifica citando que, enquanto filhos das classes favorecidas vivenciam cotidianamente o ecossistema informacional e comunicativo no seu próprio lar, os filhos das classes populares têm nas escolas e nos professores condições decisivas para o acesso às novas formas de conhecimento. Tais argumentos evidenciam a reflexão acerca de o quanto as escolas estão preparadas para equalizar essas diferenças, pensando não apenas na infraestrutura, mas também na atualização dos profissionais a nova realidade. E mais, no quanto o ecossistema comunicativo informacional e tecnológico está contribuindo para a formação e a capacitação de educadores.

#### 4.1 EDUCOMUNICAÇÃO, MÍDIA-EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO INFORMACIONAL MIDIÁTICA

Para respaldo do recorte deste estudo, julgou-se relevante recorrer a Citelli (2010) ao reforçar que as interfaces comunicação/educação são assumidas sob valores distintos, lógicas diferentes, compreensões diversas, necessitando de análises bem delimitadas a cada caso, evitando olhares extremos como moralismo rasteiro, como o salvacionismo ancorados em tecnologias ou ainda dos olhares apocalípticos, prevendo o fim da escola e do professor. Também se têm o cuidado de não atribuir à educação a missão de solucionar todos os problemas sociais, mas explorar sua capacidade multiplicadora e legitimadora potencializada quando estudada junto à interface comunicação. Assim, Citelli (2010) sugere refletir acerca de qual educação se fala.

É aquela reguladora dos padrões éticos, estéticos, políticos, morais, dados como sendo da e/ou pertencendo indistintamente à sociedade, e que parecem ter sido escritos em pétreas tábuas das leis forjadas nalgum mundo paralelo, de onde desapareceram as classes sociais, os interesses dos grupos, os recobrimentos ideológicos? Ou uma outra educação, posta sob perspectiva emancipadora, logo em condições de situar o debate acerca dos meios de comunicação em patamar crítico-reflexivo, de entendimento mais abrangente do que são, como funcionam, como constroem as suas narrativas, como são elas estruturadas, enfim, perguntas acerca dos processos de produção, circulação e recepção das mensagens midiáticas? (CITELLI, 2010, p. 72).

Seguindo o autor, este estudo recorre à educação como interface com a perspectiva social emancipadora, criadora de condições de diálogo e participação, estimuladora do olhar crítico e reflexivo ao papel dos meios de comunicação, utilizadora dos espaços para discutir e levantar demandas. “Em síntese, apreende-se que educar é transformar, desenvolver competências, facultar a constituição de pontos de vista, de inteligibilidades acerca dos fenômenos que circundam os homens e a história” (CITELLI, 2010, p. 74).

Além disso, as indagações postas pelo autor ilustram como existem entendimentos que nem sempre são convergentes quando se trata de compreender a presença dos meios de comunicação e suas mensagens na vida social. Tal fato é justificado ao considerar os fantasmas do funcionalismo e sua visão hipodérmica, de ação e reação, reforçando a ideia de manipulação quase que irremediável. Citelli (2010) sugere aportes de outras fontes que incluam a perspectiva dialógica, possibilitem pesquisas acerca das relações comunicação/educação com novos caminhos e cita os estudiosos latino-americanos Kaplúm e Martín-Barbero, dentre outros.

Kaplúm (1999), ao endossar as críticas da comunicação educativa como sinônimo de tecnologias de comunicação, de maneira técnica, justifica que a comunicação educativa abarca não apenas o campo das mídias, mas também o tipo de comunicação presente no processo educativo, seja ele com ou sem o emprego dos meios de comunicação. O autor destaca a comunicação como um instrumento pedagógico e lembra que a escola não existe apenas para atender estudantes simultaneamente em um mesmo espaço físico, sua geração de valor é intercedida pela socialização e interação dos indivíduos no processo educativo, em que a troca se dá pela comunicação.

À medida que o ensino foi se massificando, foi restando cada vez menos espaço para a comunicação e os intercâmbios entre os educandos. Mas não só menos espaço: também menos interesse e menos vontade para propiciá-lo, menos consciência do alcance do diálogo como componente necessário da ação educativa. Dissimuladamente, sem apregoá-lo, foi sendo deslocado e substituído pelo paradigma informacional. (KAPLÚN, 1999, p. 71).

O autor defende que, para alcançar objetivos educacionais, é preciso espaços de conversas, troca, comunicação e, assim, criar condições para o desenvolvimento

de competência linguística, propiciando o exercício social. Fugindo dos modelos ultrapassados de receptores, é preciso instituir espaços que possibilitem condições para a construção de entendimentos próprios, pertinentes ao tema que se busca aprender/ensinar.

Este trabalho ressalta que professores que aprendem a construir conhecimento em espaços de conversa, de modo colaborativo, certamente terão mais facilidade em atuar no ambiente educacional mais diverso e difuso. E, portanto, atuar na formação de indivíduos desenvolvendo competências a partir de um aprendizado de construção e descobertas.

Kaplún (1999) explica que comunicar é conhecer uma vez que o sentido não é só um problema de compreensão, mas um problema de expressão. Para o autor, é possível alcançar pleno conhecimento de um conceito com a oportunidade e o compromisso de comunicá-lo a outros. Assim, a troca, a discussão e o empenho para apresentar ideias e entendimento acerca de um tema levam à profundidade do conhecimento.

A construção do conhecimento e sua comunicação não são, como costumamos imaginar, duas etapas sucessivas através das quais primeiro o sujeito se apropria dele e depois o enuncia. São, isso sim, o resultado de uma interação: alcança-se a organização e a clareza desse conhecimento ao convertê-lo em um produto comunicável e efetivamente comunicado. Mas, para que o educando se sinta motivado e estimulado a empreender o esforço de inteligência que essa tarefa supõe, necessita de destinatários, interlocutores reais: escrever sabendo que vai ser lido, preparar suas comunicações orais com a expectativa de que será ouvido. Educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. (KAPLÚN, 1999, p. 74).

Assim, a mediação de um espaço de conversa pode torná-lo educativo quando estimula interação e troca de entendimentos, levando os envolvidos a refletir e construir argumentos para entender e se fazer entendido pelo grupo, quando a educação acontece mediada por fluxos comunicativos.

Nesse âmbito, os meios de comunicação podem ser aplicados à educação de maneira crítica e criativa a serviço do projeto pedagógico, fazendo-o ultrapassar a racionalidade tecnológica por atuar como meio de comunicação, não apenas de transmissão, mas estimulando o diálogo e a participação. Assim, poderá gerar e

potenciar novos emissores. Enfim, não meios que falam, mas meios para falar (KAPLÚN, 1999).

O autor destaca contribuições das redes telemáticas como canais de autoexpressão e interlocução, que ampliam horizontes e estimulam a participação e a solidariedade. Afirma que se pode esperar das redes, no processo de evolução, espaços de conversa que cooperem com o projeto pedagógico ao afirmar valores humanos e ampliar possibilidades da comunicação “cara a cara”, não como uma substituição virtual. Assim, segundo o autor, a principal contribuição da comunicação educativa é atribuir à formação competência comunicativa tanto aos educadores como aos educandos.

Na interseção comunicação e educação Soares (2003) se apoia nos estudos de Kaplún e dos estudos latino-americanos que apontam três extensões: a educação para comunicação, o uso das tecnologias na educação e a gestão comunicativa. Todas atuam no campo que estuda objetos de políticas educacionais sob a denominação de Educomunicação.

Para o autor o desenvolvimento tecnológico constante possibilita novos campos de atuação e espaços de convergência de saberes, permitindo o reconhecimento da inter-relação entre comunicação e educação como campo de intervenção social e atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para educação (SOARES, 2003).

Adentrando nos campos de estudo, o autor explica que a educomunicação dialoga em duas áreas de intervenção sócio-político-cultural, que abarcam fundamentalmente dois objetos: as mediações tecnológicas nos espaços educativos, que assinalam para a necessidade de preparar professores e estudantes para desfrutar dos novos recursos e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem, quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da expressividade das novas gerações (*information literacy*); e a denominada frente aos meios de comunicação preocupada com o impacto dos sistemas de meios sobre crianças e adolescentes (*media literacy*).

No âmbito da Educomunicação, este estudo se preocupa com o que autor descreve como mediação tecnológica na educação, avaliando mudanças decorrentes da incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e

grupos sociais, assim como, o uso das ferramentas da informação nos processos educativos (SOARES, 2003).

Desse modo, além da utilização da tecnologia nos espaços educacionais, o impacto também abarca no acesso dos educadores à informação desde que, para isso, existam políticas públicas com investimento em capacitação e ferramentas que incluam os profissionais evitando, conseqüentemente, a exclusão social prevista pelos autores citados neste trabalho. Portanto, o objeto de estudo desta pesquisa pode ser considerados ferramenta de Educomunicação, com a função de mediação tecnológica no âmbito educacional. O questionamento nesse ponto se refere a como se dá tal mediação, partindo do cotidiano popular dos educadores que, nesse momento, têm sua aprendizagem também mediada pela tecnologia.

Soares (2003) traz uma forte reflexão ao erro de pensar a aprendizagem tão somente a partir da perspectiva educativa, em que as novas tecnologias são como um remédio, responsável, por si só, por mudanças significativas no campo da educação. E ressalta que a grande questão é entender a utilização de tais recursos como facilitadores na mediação da aprendizagem e comunicação que deixa de ser linear para ser um modelo em rede, o que ele chama de comunicação distribuída.

Assim, entende-se que os portais que se propõem a se comunicar nessa perspectiva educativa deverão utilizar ferramentas que possibilitem a comunicação em rede, explorando as interconexões, já que a comunicação linear seria apenas repetir um processo comunicativo ultrapassado, que não atende às demandas atuais, utilizando então o que Soares (2003) denomina gestão da comunicação e da informação em espaços educativos, criando ambientes em que a aprendizagem se dá à medida que o indivíduo se sente tocado, envolvido, conectado. De tal modo, seria possível pensar em espaços informacionais mediados por tecnologias, efetivamente contribuindo para produzir sentidos. Para o autor, é o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia (SOARES, 2003).

A importância de iniciativas que atuem no âmbito educacional e a capacidade para disseminar a informação e fomentar a construção de conhecimento são prioridades de apreciação deste trabalho. Assumindo a educação como o ponto de partida, faz-se relevante refletir sobre as estratégias utilizadas por ambientes informacionais para melhor aproveitamento da infraestrutura tecnológica na

liberação de polos emissores, conexão de pessoas e estratégias de interação, construção por meio do diálogo.

Para tanto, é imprescindível considerar a efetividade dos ambientes informacionais em possibilitar que o mesmo conteúdo seja acessado pelo educador que está na cidade de São Paulo, o educador de Contagem (Minas Gerais) e o educador que está na cidade de Barcelos (no interior do Estado do Amazonas). Além disso, é necessário permitir a interação entre as partes, considerando portais, sites e *blogs* com foco educacional como mediadores desses profissionais.

No papel de mediador, não basta promover o acesso ao conteúdo, é preciso entender o uso e a produção de sentido no processo comunicacional, englobando as diferenças culturais envolvidas e atendendo os diferentes perfis de educadores das diversas regiões do país e do mundo.

Tais aspectos são reforçados na abordagem de Citelli (2010), afirmando que a comunicação assume dimensão estratégica, nesse mundo interconectado por redes digitais, trânsitos de informações e conhecimentos compartilhados. Para o autor, frente à importância do momento vivido, não basta reforçar a necessidade de levar o debate da comunicação à escola ou ainda fazer uso das potencialidades dos meios para se ampliar fazeres educativos, sendo imprescindível questionar como é feita a articulação de todos esses fatores, a partir da sociedade que se deseja construir.

Percebe-se, nesse contexto, o caráter imperativo da indagação sobre os novos modos de ser e estar no mundo, movimento que aciona, imediatamente, um conjunto de preocupações afeitas à interface comunicação/educação (por exemplo: jovens/mídia/escola; televisão/criança/valores morais; internet/leitura; redes sociais/comunidades de conhecimento). Reside, aqui, um dos motivos pelos quais foram ativados estudos, pesquisas e mecanismos de intervenção social que vinculam os dois campos, e cuja tradução recebe o nome de mídia-educação; *media literacy*; *comunicación e educación*; comunicação educativa, ou, simplesmente, conquanto em diapasão um pouco distinto de alguns dos designativos anteriores, educomunicação. (CITELLI, 2010, p. 78).

O autor defende que o ponto de partida para programas e projetos na área de educomunicação implica refletir acerca das políticas de comunicação e educação mais gerais que regem o âmbito dessas interfaces. Ou seja, não basta reiterar que

os meios de comunicação precisam estar presentes na sala de aula, é preciso indagar de modo mais decisivo sobre um sistema que, ao ser legitimado pela escola, nela se legitimará. O autor considera rasa a constatação de que os meios necessitam fazer parte da paisagem das salas de aula; o fato é óbvio, considerando que tais dispositivos já estão integrados à vida dos discentes e docentes, a profundidade de análise se dá ao levantar perguntas sobre os meios: o que são, o que fazem, como se estruturam.

Aqui, o autor aborda o objetivo da educomunicação, da comunicação/educação, em ativar procedimentos voltados à educação para os meios. Mas explica que não se trata apenas de leitura crítica da comunicação, mas de um domínio reflexivo mais abrangente incluindo tópicos, abordagens, itens, subitens que facultem à escola animar programas de trabalho que possibilitem aos jovens acesso menos ingênuo ao mundo da comunicação.

O autor também destaca como ponto de atenção a formação docente, a maneira como os educadores são preparados de forma contínua, tendo em vista as demandas sociais resultantes da crescente presença das linguagens complexas, videotecnológicas e dos modos diferenciados de organizar e disponibilizar o conhecimento e a informação. Como outros autores, Citelli (2010) também reforça que os professores deixam de ser doadores de informações para assumir a missão de facilitadores do aprendizado, passando a conviver de maneira mais ampla com as tecnologias da informação e da comunicação. E como os fatos citados não se tratam, necessariamente, de novidade, o autor aponta a consciência dos docentes, bem como a espera por possibilidades de formação continuadas como apoio para alinhar o plano de aula com as demandas diferenciadas dos alunos, normalmente impulsionada pelas áreas da imagem, da informática ou, genericamente, dos meios de comunicação.

Nesse contexto de capacitação para a utilização das mídias, gerando apropriação no processo educacional, Bévort e Belloni (2009) apresentam um discurso de militância em defesa de que não é possível que haja cidadania sem apropriação crítica e criativa das mídias que a evolução tecnológica colocou à disposição da sociedade. As autoras ressaltam também a importância de integrar essas ferramentas nos processos educacionais, em todos os níveis e modalidades.

Caso contrário, a educação oferecida continuará incompleta, anacrônica, em total dissonância com demandas sociais e culturais (BÉVORT; BELLONI, 2009).

Siqueira, Andrello e Almeida (2012) também abordam a relevância da educação para a mídia, ou *media literacy* – termo de uso internacional, no campo de pesquisa e ação política, que se fez necessário com a popularização da internet. As autoras indicam que a *Web 2.0* impulsiona a produção e a divulgação de conteúdos através das redes sociais, mas também enfatiza a necessidade de educar as pessoas para utilizarem as mídias de maneira a extrair o melhor delas, como consumidoras e como cidadãs. Com isso, justifica-se o surgimento de políticas públicas implantadas por governos e organizações da sociedade civil de diversos países com foco no acesso às mídias digitais.

Contudo, para as autoras, a realidade das escolas está distante da almejada pelas políticas governamentais. Entre as questões mais urgentes, estão a necessidade da popularização do acesso à internet e a formação do educador inclusive para a elaboração de metodologias apropriadas. A educação para a mídia (ou *media literacy*) integra o conjunto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e pode ser interpretada como o campo de estudo da metalinguagem midiática, habilidade fundamental para a aprendizagem do futuro. As autoras defendem que, no atual contexto, a promoção do letramento em mídia é necessidade básica para o trabalho e a sociabilidade e, quando feita, pode se tornar estratégia importante para aproximar os objetivos do ensino escolar ao repertório cultural próprio do jovem. Para tanto, as autoras levantam questionamentos acerca de quais conhecimentos os professores e alunos já possuem sobre as mídias, não apenas sobre o uso, mas também o entendimento crítico, e as principais dificuldades desse público.

De tal modo, Bévort e Beloni (2009) salientam que mídia-educação é um campo em crescimento, mas apresenta dificuldades para se consolidar com destaque para a pouca importância atribuída à formação inicial e continuada de profissionais da educação. Ponto crítico, pois a formação de educadores para utilização das novas mídias é condição necessária para desenvolver o aluno, possibilitando maior acesso à informação.

Do ponto de vista conceitual, a questão mais importante é a integração destes dispositivos técnicos aos processos educacionais

e comunicacionais. Nas sociedades contemporâneas, esta integração tende a ocorrer de modo bastante desigual: ela é alta e rápida nos processos de comunicação, onde os agentes (as “mídias”) se apropriam imediatamente das novas tecnologias e as utilizam numa lógica de mercado; e tende a ser muito baixa nos processos educacionais, cujas características estruturais e institucionais dificultam mudanças e inovações pedagógicas e organizacionais. (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1084).

Para tanto, quando não há políticas públicas regulando a integração das mídias, há rápida apropriação dos grandes grupos com interesses privados, enquanto nos setores que respaldam a sociedade a integração é lenta, tornando setores atrasados e ultrapassados. Por isso, são necessárias iniciativas, que muitas vezes surgem do terceiro setor, na busca por equalizar o processo de integração das mídias considerando a crescente importância das mídias e tecnologias na vida cotidiana.

Siqueira, Andrelo e Almeida (2012) destacam que, atualmente, os educadores já não priorizam ocupar suas aulas com quantidade excessiva de conteúdos, mas em prepará-los para utilizar de acordo com suas necessidades, aproveitando os benefícios que as novas plataformas oferecem. Para isso, alunos e professores precisam desenvolver habilidades e competências informacionais com foco em acessar, analisar e produzir conteúdo utilizando as diversas plataformas disponíveis. Assim, para as autoras, abordar a mídia no âmbito educacional é também encarar questões de caráter cultural, ponderando o tipo de influência dos meios sobre a sociedade e as percepções das pessoas a cada produto midiático. Além disso, as autoras ressaltam que a formação da abordagem pedagógica ao empreender preparar os indivíduos para o uso das mídias está totalmente apoiada na capacidade de fazer distinções. Logo, afirmam que o objetivo da mídia-educação é promover melhor compreensão sobre o papel social e dinâmica de atuação dos meios de comunicação.

As autoras destacam ainda que o desafio é ir além do uso da mídia na educação ao promover condições de educação para as mídias, mas antes assumindo que isso é requerer do educador conhecimentos que vão além do conteúdo previsto em seu plano pedagógico. São conhecimentos que agora compõem a competência informacional do docente e já não se pode negar mais a realidade e as necessidades impulsionadas pelo advento tecnológico e midiático. As

autoras ressaltam ainda que é preciso relativizar a ideia de que, para trabalhar com mídia-educação, é imprescindível uma infraestrutura tecnológica de ponta, como se o suporte por si só fosse o suficiente, sem discutir a formação docente e as práticas pedagógicas.

Na interface mídia, educação e tecnologia, a Unesco discute a alfabetização midiática e informacional, sua importância social e participativa, bem como requisitos e benefícios para a formação cidadã. Na abertura da discussão, KĀRKLIŅŠ (2013) lembra que em nossa sociedade a qualidade da informação recebida tem papel crucial na determinação de escolhas e ações, inclusive na capacidade de usufruir das liberdades fundamentais e da capacidade de autodeterminação e desenvolvimento.

Movida pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações, manifesta-se também a proliferação das mídias e de outros provedores de informação, por meio de grandes quantidades de informação e conhecimento que são acessadas e compartilhadas pelos cidadãos. Com esse fenômeno, e partindo dele, existe o desafio de avaliarmos a relevância e a confiabilidade da informação sem quaisquer obstáculos ao pleno usufruto dos cidadãos em relação aos seus direitos à liberdade de expressão e ao direito à informação. É nesse contexto que a necessidade da alfabetização midiática e informacional (AMI) deve ser vista: ela expande o movimento pela educação cívica que incorpora os professores como os principais agentes de mudança. (KĀRKLIŅŠ et al., 2013, p. 12).

Wilson et al. (2013) iniciam o estudo abordando o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estabelece o direito à liberdade de opinião e expressão a todo ser humano. Para tanto, os autores lembram que as mídias e os demais provedores de informação (bibliotecas, arquivos, internet, dentre outros) são claramente considerados ferramentas ativas auxiliando cidadãos a tomarem decisões bem informadas. Além disso, destacam os autores, são meios pelos quais as sociedades se instruem sobre elas mesmas, sustentam discursos públicos, expressam suas opiniões e estabelecem um sentido de comunidade. Segundo os autores, os canais de mídia e demais TICs podem ter impacto relevante sobre a educação continuada, reforçando a necessidade de conhecimento básico dos cidadãos sobre as funções das mídias, de outros provedores de informação, e como acessá-los. Assim, os autores explicam que o propósito da alfabetização midiática e informacional é justamente transmitir esse conhecimento aos usuários.

Os autores destacam que, a partir das competências assimiladas pela alfabetização midiática e informacional, o cidadão pode desenvolver habilidades de raciocínio crítico que permitem entendimento e geração de demandas por serviços de qualidade das mídias, de outros provedores de informação e este estudo inclui demandas mais qualificadas a políticas públicas. Também permite a exigência dos cidadãos às mídias de notícias, como uma instituição, no cumprimento de suas funções específicas de acordo com as expectativas das sociedades democráticas. Nesse sentido, destaca-se a importância do acesso à informação e ao conhecimento como princípios à participação nas discussões de demandas públicas e construções sociais.

De acordo com Wilson et al. (2013), para que a AMI (Alfabetização Midiática Informacional) alcance os alunos e, conseqüentemente, a sociedade em geral, o caminho mais possível é a formação dos professores em mídia e informação. Os autores defendem o trabalho inicial com professores, como estratégia central para alcançar um efeito multiplicador.

Os professores alfabetizados em conhecimentos e habilidades midiáticas e informacionais terão capacidades aprimoradas de empoderar os alunos em relação a aprender a aprender, a aprender de maneira autônoma e a buscar a educação continuada. Educando os alunos para alfabetizarem-se em mídia e informação, os professores estariam respondendo, em primeiro lugar, a seu papel como defensores de uma cidadania bem informada e racional; e, em segundo lugar, estariam respondendo a mudanças em seu papel de educadores, uma vez que o ensino desloca seu foco central da figura do professor para a figura do aprendiz. (WILSON et al., 2013, p. 17).

Destaca-se neste ponto o potencial multiplicador e transformador da educação a uma sociedade. Não se trata de atribuir responsabilidade, mas sobressaltar a capacidade de formação, de disseminação e construção da educação, potencializada com o bom uso da mídia e da tecnologia.

Wilson et al. (2013) destacam que, se por um lado a AMI ressalta a importância do acesso à informação e pondera o uso ético dessa informação, por outro também enfatiza a capacidade de compreender as funções da mídia e avaliar como as funções são desempenhadas, com possibilidade de promover engajamento junto às mídias com vistas à autoexpressão. Ou seja, ampliando o poder de voz e multiplicando lugares de fala. Nesse ponto, retomando as considerações do autor ao

direito à liberdade de opinião e expressão, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, lembrando que a este direito inclui a liberdade sem interferência, com direito a ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios.

Este trabalho se apoia nas considerações do autor, com destaque para o objetivo de desenvolver a compreensão crítica sobre como as mídias e a informação podem aperfeiçoar a capacidade de professores, estudantes e cidadãos se engajarem nas mídias e utilizarem bibliotecas, arquivos e outros provedores de informação como ferramentas para a liberdade de expressão, o pluralismo, o diálogo e a tolerância intercultural que contribuam para o debate democrático acerca das demandas sociais. (WILSON et al., 2013).

Dentre as ações relacionadas pelo autor e atribuídas à função das mídias e da informação este estudo destaca: iniciativas que proporcionem canais para que os cidadãos possam comunicar-se uns com os outros; espaços para disseminar histórias, ideias e informações; estratégias que facilitem discussões informadas entre atores sociais diversos e encorajar a resolução de disputas por meios democráticos; desenvolvimento de meios pelos quais a sociedade pode aprender sobre si mesma e construir um sentido de comunidade; iniciativas que sejam canais de acesso à informação; ações para promover a inclusão digital, proporcionando acesso ao público em geral. (WILSON et al., 2013).

Assim, o autor aborda a importância de reflexões e questionamos sobre como promover o engajamento às mídias e às fontes de informação para então possibilitar a autoexpressão que pode multiplicar vozes individuais, de modo a ampliar diferentes visões e perspectivas.

Wilson et al. (2013) lembram que mídias e os provedores de informação podem disponibilizar plataformas para desenvolver a participação na aprendizagem profissional. Além disso, os autores destacam que o currículo, de formação do professor em AMI, explora como diferentes fontes midiáticas e informacionais podem ser utilizadas para melhorar a participação dos professores em seus pares profissionais. Assim, profissionais que trabalham em diferentes contextos sociais e localidades geográficas podem compartilhar conhecimentos e informações sobre a aprendizagem e a prática profissional.

Mendel (2009) também faz apontamentos a cursos atuais que ainda se concentram na transmissão de informações, em vez de explorarem a aquisição da aprendizagem, a construção do conhecimento. Assim, o autor justifica a crescente

ênfase na importância da Alfabetização Midiática informacional (AMI), como capacitação base para aumentar o acesso à informação, na educação e na sociedade, salientando o quanto é importante que os usuários sejam aprendizes hábeis no ambiente volátil das novas tecnologias de informação e comunicação.

Para tanto, Mendel (2009) defende que é indispensável que os professores assimilem e desenvolvam nos alunos competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) que lhes possibilitem obter, entender, adaptar, gerar, armazenar e apresentar informações. Portanto, no novo ambiente educacional, de acordo com o autor, um professor é o mediador e, se alfabetizado em mídia e informação, será capaz de compreender informações e mensagens de mídia utilizando diferentes fontes e avaliando junto aos alunos como usar o conhecimento disponível para aplicação prática (solução de problemas).

Assim, a capacitação docente para a utilização dos novos ambientes informacionais permitirá ao professor que ele entenda e valorize as funções sociais das mídias, provedores de informações, facilitando a apropriação na utilização de bibliotecas *online*, museus, arquivos, internet e instituições educacionais no cotidiano de aprendizagem. Esse profissional precisa ter acesso a conteúdos que tragam essa discussão, trocar informação com outros profissionais que já trabalham mídia em sala de aula, que utilizam ferramentas midiáticas em seu plano de aula.

Mendel (2009) define informação como um conjunto dos dados coletados, processados e interpretados de modo a serem organizados e apresentados de forma útil. No âmbito educacional, a interpretação e a organização dos dados para uma apresentação efetiva exigem competência informacional e entendimento da tecnologia como suporte para ampliar o alcance do conhecimento que será produzido.

Ao entender que a alfabetização informacional estimula as pessoas a fazerem bom uso das tecnologias de informação e comunicação, Mendel (2009) estabelece os principais estágios necessários para um uso adequado das ferramentas tecnológicas, com foco informacional:

- Identificar/reconhecer as necessidades de informação;
- Determinar as fontes de informações;
- Localizar ou procurar informações;

- Analisar e avaliar a qualidade das informações;
- Organizar, armazenar ou arquivar as informações;
- Utilizar as informações de maneira ética, eficiente e eficaz;
- Criar e comunicar novos conhecimentos.

A análise dos estágios reforça uma escala de importância e preocupação com o tratamento da informação buscada por meio do suporte tecnológico, bem como a responsabilidade sobre o conhecimento que será produzido pela pesquisa ou estudo realizado com apoio das TICs.

Mendel (2009) afirma que o grau de alfabetização informacional se altera constantemente com o aumento de informações circulando, nos últimos tempos, sobretudo no âmbito de maior graduação escolar, bem como nos ambientes profissionais com contexto de aprendizagem continuada, justamente pela possibilidade de maior acesso à informação, espaços para discussões críticas e trocas de percepções sobre conteúdos e informações entre os pares, de maneira presencial e tecnológica.

Assim, a formação de indivíduos mais críticos e colaborativos está diretamente relacionada à alfabetização informacional dele e do ambiente que se relaciona. Afinal, as TICs já são utilizadas por professores e alunos para o acesso e consumo de informações. A discussão em questão é acerca da formação crítica e reflexiva para a construção do conhecimento e apropriação da ferramenta e, então, transmitir, compartilhar conhecimentos e contribuir para o domínio e uso das mídias digitais, da internet e das TICs (WILSON et al., 2013).

Wilson et al. (2013) salientam que a alfabetização midiática e informacional aborda conhecimentos essenciais sobre as funções da mídia e as condições sob as quais as mídias de notícias e os provedores atendem essas funções avaliando seus desempenhos a partir dos conteúdos oferecidos. O conhecimento produzido a partir desse conteúdo deve possibilitar engajamento do usuário utilizando as mídias e os canais de informação modo a produzir significação com o conhecimento construído. As competências da alfabetização midiática e informacional possibilitam ao indivíduo autonomia e criticidade para a seleção de conteúdo e mídias. Assim, fomentam ambientes informacionais mais adequados às necessidades de aprendizagem questionando inclusive a qualidade dos serviços prestados.



## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

França (2011) apresenta a comunicação com uma existência sensível, que relata o domínio do real, descreve fatos concretos do cotidiano e tem presença quase exaustiva na sociedade contemporânea. Portanto, para os estudos comunicacionais, a autora esclarece que os objetos não se encontram prontos e recortados. Os “objetos” do mundo são definidos pelo olhar do pesquisador, que dedica o estudo a compreender suas relações. Logo, detalha que os objetos da comunicação não são propriamente comunicativos do mundo, são o que o pesquisador identifica e relata como recorte, construindo-os conceitualmente.

Para alcançar os objetivos empreendidos neste estudo, dividiu-se a metodologia em quatro etapas: levantamento bibliográfico, monitoramento do portal, análise do conteúdo e entrevista em profundidade. No referencial bibliográfico, foram elencados os conceitos que permitiram a análise dos dados levantados na etapa de monitoramento e análise de conteúdo.

Como estratégia no levantamento de dados, definiu-se um recorte no conteúdo produzido pelo portal, registrando aspectos sobre notícias, postagens e demais materiais publicados, pelo período delimitado de 30 dias no mês de outubro de 2017. Assim, o monitoramento empreendeu o mapeamento das publicações e organizações dos dados para um primeiro entendimento acerca da frequência de publicações, possíveis categorias de tipologia do conteúdo e temática discutidos.

Os aspectos de interatividade também foram apoiados nos conceitos de conversação em rede (PRIMO, 2013; RECUERO, 2012). Recuero (2012) defende que as ferramentas digitais também se tornaram espaços conversacionais, afinal, utilizamos tais ferramentas para reformular a maneira de conversar.

Mais do que meras interações, essas milhares de trocas entre pessoas que se conhecem, que não se conhecem ou que permeiam, estabelecem e constroem as redes sociais na Internet. As características dos sites de rede social, nesse contexto, acabam gerando uma nova “forma” conversacional, mais pública, mais coletiva, que chamaremos de conversação em rede (RECUERO, 2012, p. 17).

Recuero (2012) define a conversação em rede como um caso de apropriação. Tal afirmação se justifica pelo fato de a conversação acontecer não apenas em determinação das ferramentas, afinal nem todas conseguem uma conversa

interativa, mas do uso que o indivíduo decide ou não fazer delas. A autora pontua que, para a apropriação dos meios de comunicação, é preciso que haja elementos que construam a conversa, ou seja, a interação por meio de ferramentas reconhecidas pelo grupo e adequadas ao contexto, considerando, obviamente, as diferentes realidades em que os *websites* atuam. A autora aborda a importância dos contextos que podem definir os rumos da interação e das conversas na aplicação dos conteúdos apresentados às práticas do dia a dia e na compreensão dos atores sociais.

Como já discutido e apresentado, para que as ferramentas de comunicação exerçam sua função social, é preciso que o educador se aproprie delas e as empregue em seu dia a dia, reconhecendo a importância da informação apresentada e utilizando-a na construção de conhecimento. Dessa forma, para a análise das ferramentas de interatividade disponibilizadas pelo *website*, foram observados os seguintes critérios:

- Interação e participação (uso dos recursos de interação disponível no *site* analisado);
- Formas de compartilhamentos disponibilizadas pelo *site* e utilizadas pelo público;
- Conteúdo da interação (verificar tipo de comentários: analíticos, meramente opinativos, informativos com reprodução de informação de outras fontes);
- Tipo e lógica da interação (aberta, monitorada, com regras);
- Integração com redes sociais digitais (tipos e utilização).

Com os dados organizados, foi possível, a partir da análise de conteúdo, avaliar os diferentes tipos de publicações e quais as estratégias na escolha do material publicado pelos portais. Trata-se de uma avaliação da estrutura interna, em relação às escolhas de formatos de conteúdo. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Tal prática é historicamente utilizada e importante para as análises de comunicação.

Considerando o campo de estudo, a autora afirma que não se trata de um instrumento, mas do leque de apetrechos, marcado por uma grande disparidade de formas e adaptado a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. Assim, realizou-se um primeiro recorte do projeto, de maneira mais objetiva, visando dimensionar os objetos em estudo e também direcionar as etapas descritivas do estudo com informações acerca da competência informacional dos portais estudados.

O estudo foi dividido em três fases, como define Bardin (2009, p. 121): pré-análise (exploração do material); tratamento dos resultados (inferência) e interpretação.

A pré-análise teve como objetivo sistematizar as operações sucessivas de análise. Durante a coleta de dados, o material foi explorado e classificado em planilhas. O tratamento dos resultados se deu de maneira quantitativa e qualitativa, sistematizando todas as informações levantadas e relacionando com o referencial estudado, produzindo um relatório final apresentando os resultados da análise de conteúdo realizada.

Para a definição dos critérios de análise, considerou-se a descrição analítica que, de acordo com Bardin (2009), funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos e das mensagens, ou seja, portanto, um tratamento da informação contida na mensagem. A autora destaca, ainda, a inferência, ou seja, não basta descrever o conteúdo, é preciso que tal descrição e análise possibilitem um aprendizado sobre o objeto de estudo.

Assim, a proposição da análise é relatar se, além da especificidade dos portais de comunicação, há também estratégias de disponibilização de conteúdo, avaliando o quanto de informação existe em determinada comunicação, com foco nas estratégias de transmissão e uso dos recursos técnicos nos espaços digitais objetivando atratividade e apropriação. De tal modo, avaliando a atual estrutura dos *sites* estudados, foram estabelecidos os seguintes critérios para análise durante a coleta de dados:

- Natureza e fontes do conteúdo (avaliando se é produção do próprio *site* ou reprodução de outras fontes produtoras de conteúdo; em caso de produção

própria, será analisado se é de natureza institucional e/ou colaborativa com a participação afiliados e parceiros);

- Tipologia de conteúdo (práticas educacionais, informativos, estudos de caso);
- Formato do conteúdo (vídeo, matéria, foto, misto);
- Frequência de publicações;
- Ferramentas de interação disponibilizadas pelo portal.

Assumindo o caráter fluido dos ambientes informacionais digitais, optou-se por registrar os principais elementos do conteúdo analisado utilizando a ferramenta de captura de imagem do Windows, armazenando as imagens salvas em pastas identificadas pela nomeação do conteúdo. Os dados do monitoramento também foram registrados em uma planilha e fez-se a organização das informações e das análises.

Para estudo dos dados, utilizou-se como suportes tabelas do *Microsoft Excel* para contagens, assimilações e gráficos como recurso visual na interpretação, ilustrando as informações apuradas. Também se utilizou como recurso tecnológico a ferramenta *TagCrowd*<sup>2</sup> para mensurar as palavras mais frequentes nos títulos. O aplicativo está disponível na *web* e possibilita a visualização das palavras mais utilizadas em qualquer texto. Neste trabalho, utilizou-se a lista de títulos do período, criando uma “nuvem da palavra”<sup>3</sup> Assim, por meio da representação gráfica, foi possível visualizar os termos com maior ocorrência e a quantidade de menções que eles tiveram dentro de determinado contexto.

Como reforço às análises qualitativas, optou-se por, na última etapa metodológica, realizar uma entrevista em profundidade, um “[...] recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2008, p. 62). O autor explica que a entrevista em profundidade se trata de técnica qualitativa que empreende um assunto a partir da busca de informações, percepções experiências

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://tagcrowd.com/>

<sup>3</sup> Representação gráfica que destaca as palavras mais utilizadas no texto analisado.

de entrevistados para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Duarte (2008) destaca que, dentre as principais qualidades dessa abordagem, está a flexibilidade de permitir ao entrevistado definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Outro ponto de destaque é que esse tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística.

Para Duarte (2008 p. 63), “a entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. Não se busca, por exemplo, saber quantas ou quais proporções das pessoas que identifica determinado atributo na empresa A. Objetiva-se saber como ela é percebida pelo conjunto de entrevistados. Seu propósito está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema”.

Portanto, a prioridade da entrevista em profundidade foi compreender as estratégias comunicacionais do portal, a partir do olhar interno tendo como base o problema de pesquisa deste estudo. Para tanto, a entrevista em profundidade foi realizada com a editora e jornalista do portal, Tatiana Klix, que trabalha no mapeamento, na pesquisa e na difusão de conteúdos sobre tendências e inovações na área de educação. O portal possui uma equipe reduzida, com apenas cinco pessoas, e a escolha se deu em função da facilidade de acesso à editora, que participara de um evento na cidade de Bauru. Considerando essa equipe enxuta, o portal funciona com gestões mais horizontais, em que todos podem apresentar as estratégias e os objetivos, explicação dada pela editora no primeiro contato.

Em relação à validade e à confiabilidade no uso da técnica de entrevistas em profundidade, Duarte (2008) destaca três questões: a seleção de entrevistados capazes de responder à questão de pesquisa; o uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis; a descrição dos resultados que relacione de maneira consistente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível. O autor reforça que uma pessoa somente deverá ser entrevistada se realmente puder contribuir com informações que auxiliem na resposta ao problema de pesquisa.

A escolha da entrevistada favoreceu a capacidade do fornecimento de informações confiáveis, por suas atividades dentro da redação, como o

planejamento de conteúdo e as estratégias de interação com o público, bem como por ser uma das pessoas que representa o Porvir em eventos de articulação do portal com ações presenciais.

A entrevista foi realizada na Unesp de Bauru, depois de um evento em que a entrevistada foi palestrante, no dia 23 de maio de 2018. O questionário foi semiestruturado com perguntas abertas elaboradas sob os objetivos deste estudo. A entrevista registrada por meio de áudio e as anotações feitas para futura transcrição. Após as entrevistas transcritas, fez-se análise qualitativa das falas de modo a levantar informações relevantes como aporte às demais fases.

## 6 O PORVIR

Neste capítulo, será apresentado o portal Porvir, um breve relato de sua história, suas definições como propósito e missão. Serão apresentadas as estratégias comunicacionais utilizadas pelo portal relacionando com a fundamentação teórica apresentada por Lemos (2009) para depois apresentar os dados coletados, as análises e as considerações.

### 6.1 O PORTAL

O Porvir é um portal não governamental que disponibiliza conteúdo sobre inovação em educação: notícias sobre tecnologia na educação, metodologias para sala de aula e formação de professores. O portal se apresenta como

uma iniciativa de comunicação e mobilização social que mapeia, produz, difunde e compartilha referências sobre inovações educacionais para inspirar melhorias na qualidade da educação brasileira e incentivar a mídia e a sociedade a compreender e demandar inovações educacionais. (PORVIR, 2012).

O *site* assume as mudanças comunicacionais e tecnológicas discutidas por este trabalho e se propõe a disponibilizar conteúdo que colabore com a formação de educadores, principalmente no âmbito de tecnologia e inovação na educação. Assim, com foco nos profissionais de educação, apresenta um propósito que vislumbra um objetivo social mais amplo, com foco na qualidade da educação brasileira impactando diretamente nas salas de aula, propiciando uma formação mais completa e humana ao aluno:

Promover o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando todas as suas dimensões: intelectual, emocional, cultural, física e social.  
Responder às demandas do mundo contemporâneo e às especificidades do aluno do século 21. (PORVIR, 2012).

De tal modo, considera que, com o processo evolutivo acelerado, é preciso formar educadores aptos a desenvolver integralmente os estudantes atendendo as demandas atuais. Para tanto, o Portal se propõe a produzir conteúdo de forma colaborativa, explorando os conceitos de participação e cooperação alinhados à infraestrutura disponibilizada pela cibercultura.

## 6.2 ANÁLISE DESCRITIVAS DAS ESTRATÉGIAS DO PORVIR

Os objetivos e os propósitos comunicacionais descritos pelo portal desenham a realidade social e tecnológica discutida por Lemos (2009), que descreve as mudanças a partir dos conceitos de globalização destacando a sensação de perda na demarcação de territórios nos diversos aspectos: culturais, políticos, geográficos, subjetivos, etc. O autor aconselha que, antes dos conceitos de globalização, os meios de comunicação já criavam processos desterritorializantes como, por exemplo, a circulação de informações mundiais, muitas vezes transmitidas “ao vivo” pelas diversas mídias. Mas a televisão, o rádio e o jornal estavam sempre nos espaços locais de quem consumia o conteúdo: na cidade, no bairro, na casa, etc. Com a cultura digital e a estrutura tecnológica invisível, os processos de desterritorialização são mais complexos e ao mesmo tempo criam novas territorializações.

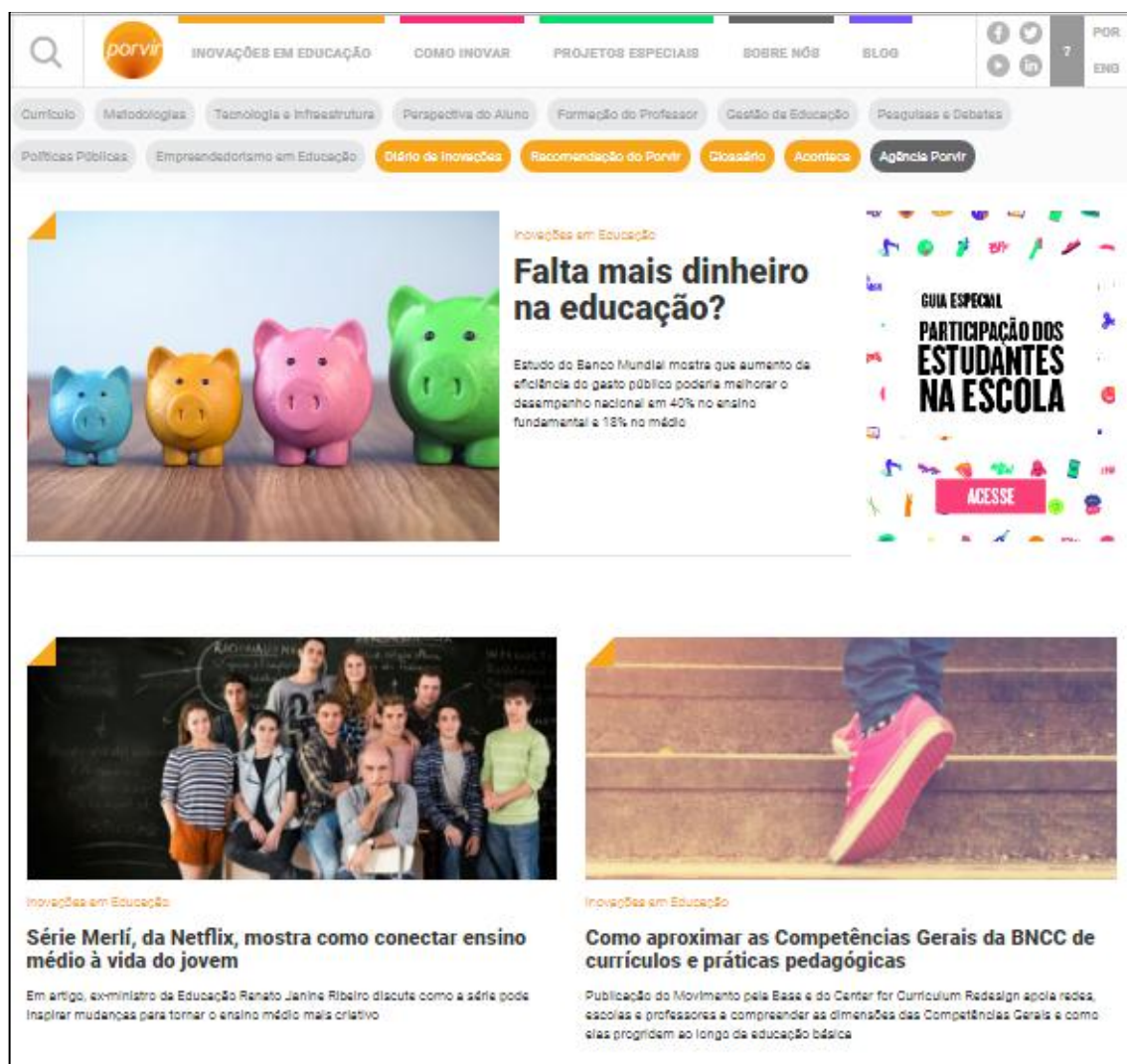
No conceito de desterritorialização e construção de novos territórios, proporcionado pela cibercultura, este trabalho considera que o Portal explora a liberdade nos princípios da emissão, conexão e reconfiguração das mídias, detalhado por Lemos (2009).

Portanto, alinhando a discussão teórica do autor à realidade dos educadores, é possível ter maior liberdade e fazer escolhas dos conteúdos consumidos como informação, além da possibilidade de emissão do próprio conhecimento construído.

Explorando os conceitos desterritorializantes, o Portal estrutura sua estratégia comunicacional em três frentes: a mobilização *online*, a mobilização da mídia e a mobilização presencial.

Nas estratégias de mobilização *online*, o Portal funciona como uma agência de notícias produzindo matérias, com frequência quase diária, sobre tendências e inovações atreladas à educação no Brasil e no mundo. O conteúdo é formado por reportagens que são listadas no *site* no item “Inovações em Educação”. O Portal traz também conteúdos com orientações aos educadores, gestores e empreendedores, além de referências produzidas em eventos do Porvir, como forma de cobertura. Todo o conteúdo disponibilizado é gratuito para uso livre por outras mídias e veículos da imprensa (Figura 1).

Figura 1 – Imagem da página inicial do portal Porvir.



Fonte: Portal Porvir (2018). Disponível em: <<http://porvir.org/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

Nas estratégias de mobilização *online*, a disponibilização de conteúdo é organizada em diferentes itens. No item “Como Inovar”, o conteúdo aborda dicas de ferramentas e metodologias com conceito de inovação e práticas pedagógicas. Esse item também apresenta o “Diário de Inovações”, que traz relatos de educadores com base em ações de inovação dentro ou fora da escola. Nesse espaço, o educador é convidado a relatar experiências inovadoras para compartilhar com demais colegas que buscam o Portal como ferramenta de formação e conteúdo. O Portal disponibiliza um formulário estruturado no formato de roteiro, com os principais pontos que devem ser abordados no relato de experiência, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Imagem da coluna “Diário de inovações” do Portal Porvir.

**Diário de Inovações**

Compartilhe sua experiência inovadora

Enviar

O Porvir está em busca de relatos inspiradores que contem sobre como você está promovendo a inovação dentro da sua sala de aula. Queremos conhecer a sua história e compartilhá-la com os nossos leitores. A ideia é que, juntos, possamos construir um "Diário de Inovações", motivando outros educadores a transformarem suas realidades.

Para isso, gostaríamos que você nos enviasse um depoimento, em primeira pessoa, contando sobre a sua experiência. O relato pode ser um texto (5 mil caracteres) ou um vídeo (2 minutos). Para elaborar o seu depoimento, tenha como base algumas perguntas de reflexão:

- O que você faz de inovador em sala de aula? (inovação);
- Por que a sua prática é considerada inovadora? (justificativa);
- O que te motivou a buscar essa inovação? (objetivo);
- Que diferença você observou na vida dos seus alunos depois que começou a desenvolver esse trabalho? (resultado).

Obs: Não se esqueça de detalhar a sua prática, incluindo os recursos utilizados e o processo de desenvolvimento da iniciativa. Também é importante mencionar as dificuldades enfrentadas para a implementação do projeto e a aceitação da comunidade escolar.

Fonte: Portal Porvir (2018). Disponível em: <<http://porvir.org/compartilhe-sua-experiencia-inovadora/>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

Com essa estratégia, o Portal afirma conseguir disseminar práticas educacionais de diversos pontos do país (Figura 3).

Figura 3 – Imagem Representativa da Distribuição geográfica dos professores que já contribuíram com conteúdos a coluna “Diário de Inovações” do portal Porvir.

Veja quem são os professores que já enviaram seus relatos:



Fonte: Portal Porvir (2018). Disponível em: <<http://porvir.org/compartilhe-sua-experiencia-inovadora/>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

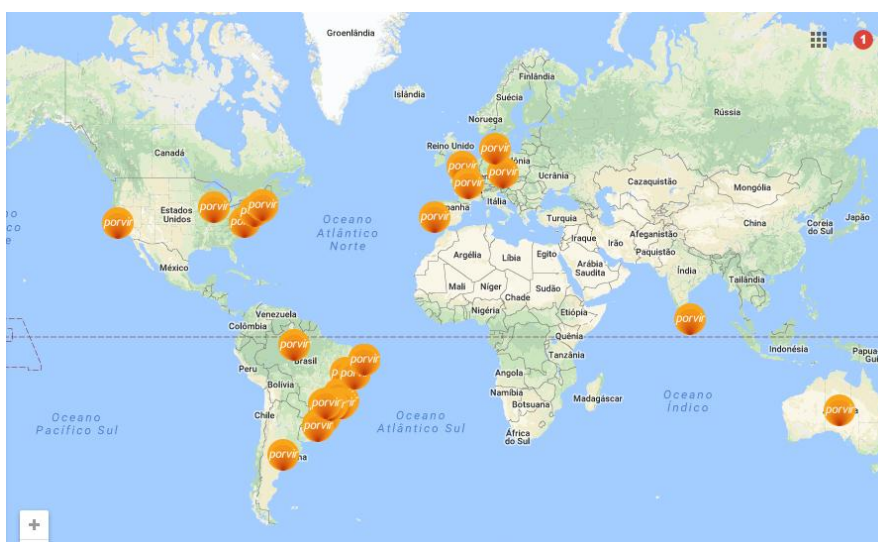
No item de “Projetos Especiais”, o portal disponibiliza conteúdos aprofundados nas teorias e práticas de inovações educacionais, com os subitens “Guias Temáticos”, que elenca materiais interativos voltados para a formação de educadores e gestores; vídeos e recomendações originados de cobertura dos eventos realizados pelo Porvir.

Outra estratégia de conteúdo relevante, dentro das mobilizações *online*, é a seção chamada “Glossário”, que traz conceitos e termos importantes para entender as tendências educacionais. No item “Saiu na Mídia”, são apresentados resumos de matérias e artigos publicados por veículos de comunicação nacionais e internacionais. Como o *site* tem estratégia de mobilização presencial, a programação de eventos de educação é divulgada no item “Acontece”. Para finalizar as estratégias de conteúdo na mobilização *online*, o item “Blog” traz artigos opinativos da equipe do Portal abordando novidades e ações promovidas pelo.

Para a produção de conteúdo, o portal busca mapear inovações por meio do apoio de uma rede de Antenas. São colaboradores voluntários localizados em diferentes Estados e países, conforme ilustrado na Figura 4, e indicam pessoas,

projetos, ferramentas e ideias para serem disseminados pelo Portal. As informações são avaliadas e avaliadas pelos jornalistas do *site* para a realização de matérias. Os colaboradores contribuem de forma espontânea ou a partir de provocações e solicitações. Os “Antenas” são creditados nas matérias produzidas a partir de suas indicações e também são recomendados como fonte de informação para a mídia pela equipe do Porvir (Figura 4).

Figura 4 – Imagem representativa da distribuição geográfica dos colaboradores definidos como “Antenas” do portal Porvir.



Fonte: Portal Porvir (2018). Disponível em: <<http://porvir.org/sobre-nos/>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

A partir das reflexões de Lemos (2009) sobre a produção e emissão de conteúdo, a conexão e a reconfiguração das mídias, o portal Porvir explora claramente tais pontos na difusão por meio internet pelo Portal e por postagens nas redes sociais e estratégias de mobilização da mídia.

### 6.2.1 Redes sociais digitais

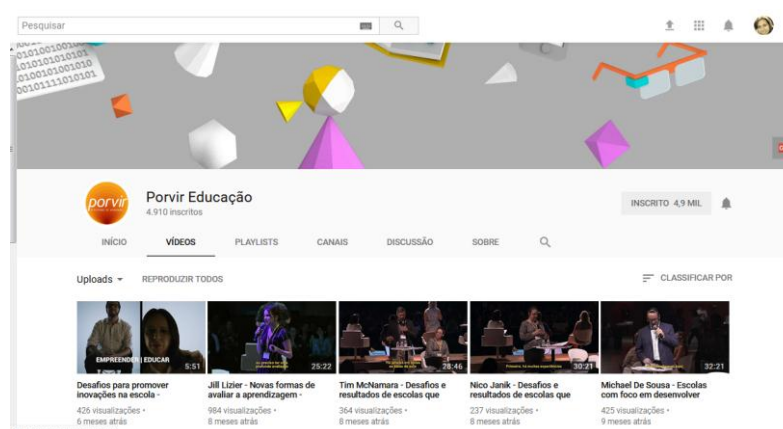
Oliveira (2014) aborda a dimensão das redes sociais devido ao número de pessoas que utilizam para se comunicarem e também para expressar e representar padrões de comportamento. Para o autor, a comunicação nas redes sociais representa claramente a mudança vivida no processo comunicacional, em que o sujeito passa a ter papel mais ativo em comparação ao modelo tradicional, em que

há um receptor passivo com interação limitada, apenas recebendo informações, sem poder reagir a elas. Diante desse novo ambiente, o autor destaca duas questões pertinentes sobre as redes sociais digitais: a intenção em apropriação para estímulo ao consumo, mas também sua utilização para manifestações e discussões que possibilitam participação política e social. Com isso, “as redes sociais em sua história têm projetado vozes individuais e coletivas, afirmando-se como uma possibilidade eminente de expressão. As vozes contidas no universo das redes sociais ecoam com enorme velocidade e adquirem amplitude, espalhando-se instantaneamente.” (OLIVEIRA, 2014, p. 15)

O Portal apresenta várias redes sociais, atua em diversas e articula o conteúdo, de maneira reticular, considerando o caráter da rede em relação ao formato do conteúdo. Portanto, consegue articular o conteúdo em diversas mídias, formatos e suportes.

O Porvir criou seu perfil no YouTube em 23 de março de 2012 e no dia 23 de maio de 2018, tinha 5285 inscritos e 407.496 visualizações, com publicações atualizadas. O portal utiliza a plataforma para disseminar o conteúdo de audiovisual produzido a partir das mobilizações presenciais e, neste sentido, acaba sendo uma fonte de comunicação de conteúdo especializado voltado principalmente para educadores tendo, como dito anteriormente, como estratégia comunicativa e espacialidade comunicacional, observa-se que o mesmo executa a chamada curadoria de conteúdo, que reúne tarefas como disseminação, difusão e também funciona como um repositório informativo e num ambiente de conversação para seu público.

Figura 5 – Página inicial do perfil do Porvir na plataforma YouTube.



Fonte: YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/porvireduca>>. Acesso em: 27 out. 2017.

O perfil no *Facebook* tinha, em 27 de outubro de 2017, 263 mil curtidas; 261 mil seguidores; 356 avaliações do público que acessa o conteúdo por meio da rede social, com nota atual de 4,7 (sendo 5 a nota máxima). Em relação ao conteúdo, teve atualizações diárias divulgando os principais conteúdos publicados no *site*, divulgação de eventos e ações do grupo e parceiros, totalizando 56 postagens no *Facebook* durante o mês de outubro de 2017. A rede social tem grande audiência e desempenha um papel próximo ao de plataforma de notícias, disseminando os conteúdos do portal.

Figura 6 – Capa do portal Porvir na plataforma *Facebook*.



Fonte: Facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/Porvir/>>. Acesso em: 27 out. 2017

No perfil do *Twitter*, o Porvir tinha em 27 de outubro de 2017, 6.556 *tweets*, seguia 1.379 perfis e era tinha 7.085 seguidores. O Portal é atuante na rede, com postagens diárias disseminando o conteúdo do *site* e discutindo questões relativas à educação e à inovação. No mês de outubro de 2017, foram feitas 69 postagens. A rede social se denomina *microblog*, com um ambiente de discussões e reflexões propondo mais participações e interações como as postagens. O Porvir também articula as redes de maior audiência para divulgar ações institucionais, como a pesquisa de opinião com estudantes que estava sendo realizada no período.

Figura 7 – Página inicial do perfil do Porvir na plataforma *Twitter*.



Fonte: Twitter. Disponível em: <<http://www.twitter.com/porvir>>. Acesso em: 27 out. 2017:

O Porvir também utiliza a *SoundCloud*, uma rede social para compartilhamento de áudios (músicas, *podcasts*, etc.). A rede é pouco atualizada pelo portal, com apenas dez faixas publicadas, sendo que a última foi publicada no dia 8 de março de 2017. Assim, tem apenas 68 seguidores.

No perfil do *LinkedIn*, rede social com foco em oportunidades profissionais, o Porvir também tem atualizações diárias, com conteúdos do portal, 233 atualizações e 1.615 seguidores.

Apesar do baixo número de seguidores, o perfil do Instagram é bem explorado para a disseminação de conteúdos, principalmente as ferramentas que possibilitam transmissões ao vivo e chamada de conteúdos publicados no portal. Atualmente, o perfil nessa rede possui 3.322 seguidores, segue 142 outros perfis, e tem 194 publicações. No mês de outubro de 2017, foram seis publicações na linha do tempo. Nesse perfil, o grupo tem a característica de explorar mais as postagens instantâneas, vídeos, fotos ou textos que ficam disponíveis por apenas 24 horas, com notícias ao vivo sobre os projetos em andamento.

No *Pinterest*, o Porvir adotou a estratégia de criar pastas para agrupar inspirações e ideias com os temas: infográficos, arquitetura nas escolas, tecnologia na educação, escolas com arquitetura inovadora e negócios de impacto na educação. O perfil do portal tem 180 seguidores, segue 30 outros perfis, tem 10 *pin's* salvos (postagens), sendo que o último *link* salvo foi em junho de 2017.

O perfil mais desatualizado do portal é da rede social *Google+*, com 144 seguidores e a última postagem realizada em 15 de agosto de 2014.

As estratégias de mobilização da mídia iniciam pelo conteúdo aberto, ou seja, reprodução livre e gratuita por meio da licença mais aberta do *Creative Commons*. Nas reconfigurações abordadas por Lemos (2009), destaca-se a prática de instituições para atuação na cultura participativa, apontando como grande questão a autoria e a proteção de obras para reprodução, uso e cópia, indicando o surgimento de sistemas como opção para a criação de mecanismos legais de recombinação, conhecidos como licenças abertas. “Um exemplo de sucesso é a licença *creative commons* – licença de uso que permite a modificação, a cópia e a distribuição de obras, com diversas modulações de proteção de direito de autor” (LEMOS, 2009, p. 41).

O Portal criou uma plataforma de agência com objetivo de colaborar com jornalistas e fazer parcerias com meios de comunicação para ampliar a cobertura dos temas discutidos. A plataforma oferece alguns serviços de apoio a jornalistas e veículos.

Figura 8 – Imagem da Plataforma da agência de notícias, do portal Porvir, com serviços de apoio aos jornalistas.



Fonte: Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org/agencia-porvir/>>. Acesso em: 27 out. 2017

Figura 9 – Imagem da Plataforma agência de notícias, do portal Porvir, com serviços de apoio aos veículos.



Fonte: Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org/agencia-porvir/>>. Acesso em: 27 out. 2017

Nesse espaço, o portal disponibiliza guias de mídia, com materiais elaborados para auxiliar jornalistas em pautas educacionais que envolvam inovações e possibilidades como fontes, cases, dicas e materiais de referência. Também há no espaço os materiais institucionais como logomarca e manual de utilização, fotos institucionais e minibiografia das atuais responsáveis pelo portal. Também são divulgados para quais veículos o Porvir já contribuiu.

Figura 10 – Imagem do portal Porvir indicando os de veículos de mídia que o conteúdo do portal já contribuiu.



Fonte: Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org/agencia-porvir/>>. Acesso em: 27 out. 2017:

### 6.2.2 Do online para o offline

Dentre as ações de mobilização presencial, o portal realiza o evento “Transformar”, promovido pelo Porvir/Inspirare, em parceria com a Fundação Lemann<sup>4</sup> e o Instituto Península<sup>5</sup>, com a proposta de discutir sobre inovações em educação no país, por meio de um encontro presencial com formadores de opinião (educadores, gestores públicos, investidores sociais e empreendedores). Foram realizadas quatro edições do evento, sendo a última em 2017. As programações foram compostas por abordagens de especialistas internacionais e brasileiros a um público de aproximadamente 800 pessoas, conforme divulgado pelo *site*. O evento teve transmissão ao vivo pela internet, utilizando todas as redes sociais do Porvir.

Outra ação presencial foram os encontros realizados pela “Série Diálogos: o futuro se aprende” que promoveu, entre 2012 e 2015, encontros presenciais com interlocutores estratégicos, como gestores públicos, investidores sociais, empreendedores, especialistas e profissionais da educação. Os momentos de troca e debate geram conteúdos e propostas para melhorar a educação. Os conteúdos produzidos são divulgados no portal e em outros programas do Inspirare.

---

<sup>4</sup> A Fundação Lemann é uma organização sem fins lucrativos que atua em parceria com governos e outras entidades da sociedade civil com foco em apoiar a educação pública no Brasil. Portal da Fundação Lemann: <https://fundacaolemann.org.br/>.

<sup>5</sup> O Instituto Península é uma organização social fundado pela Família Abílio Diniz com ações focadas na educação do Brasil. Portal do Instituto Península: <http://www.institutopeninsula.org.br/quem-somos>.

Explorando as novas formas de territórios por meio das mobilizações presenciais, o portal realiza a pesquisa "Nossa Escola em (RE)construção", que propõe ouvir a opinião dos jovens sobre a escola e como eles idealizam uma boa escola. A pesquisa é realizada com estudantes de 13 a 21 anos de todos os Estados do Brasil e é promovida pelo Porvir/Inspirare e pela Rede Conhecimento Social Perguntação. As escolas que se cadastram e participam da pesquisa recebem o relatório com os dados levantados e as análises. No portal, a equipe do Porvir se disponibiliza para participar de encontros e debates organizados por outras instituições, com conteúdos e palestras sobre tendências em educação.

Esse estudo entende que o Porvir atua de acordo com as reflexões de Lemos (2009), com um território digital que cria espaços de conversação dentro de outros territórios e, assim, consegue acessar, produzir e distribuir informação, com mais autonomia, estabelecendo redes colaborativas e processos comunicativos mais complexos.

Lemos (2009) defende que os territórios informacionais permitem explorar as formas sociais e comunicacionais e usos diferenciados do espaço urbano, possibilitando outras reconfigurações que alimentam os três princípios básicos estabelecidos pelo autor: a liberação da emissão, a conexão generalizada e a configuração das diversas instâncias da cultura.

Reconhecer essa dinâmica é fundamental e mesmo estratégico para que a cultura brasileira possa produzir conteúdos para a Sociedade da Informação. A cultura brasileira deve compreender e aproveitar os três princípios fundamentais dessa sociedade: emitindo, na produção de conteúdo, conectando, em processos coletivos e colaborativos, produzindo inteligências coletivas e alterando as condições de vida, reconfigurando a cultura e a vida social. (LEMOS, p. 42, 2009).

### 6.3 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DO PORVIR

Além da forma descritiva, apresentada anteriormente para analisar o conteúdo das estratégias comunicacionais do portal, fez-se monitoramento das publicações realizadas pelo *site*. Dessa forma, com base em elementos quantitativos e, posteriormente, qualitativos, obteve-se um recorte do objeto, de maneira mais assertiva, com melhor dimensionamento da atuação do instrumento de estudo. Como estratégia no levantamento de dados, foi considerado o conteúdo produzido pelo Porvir registrando aspectos sobre notícias, postagens e demais materiais

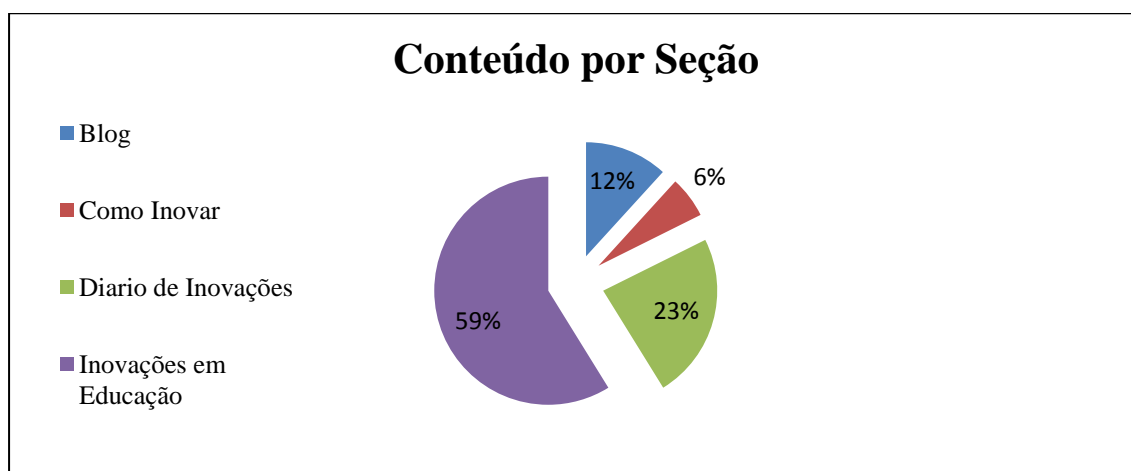
publicados, no período de 1.º a 31 de outubro de 2017, com um total de 17 postagens.

A análise buscou verificar se as especificidades do portal de comunicação são atendidas e alinhadas às estratégias de disponibilização de conteúdo, com foco nas estratégias de transmissão e uso dos recursos técnicos nos espaços digitais com o objetivo de atrair e gerar apropriação do Portal por educadores. De tal modo, avaliando a atual estrutura dos *sites* estudados, foram estabelecidos os seguintes critérios para análise durante a coleta de dados:

- Natureza e fontes do conteúdo (avaliando se é produção do próprio *site* ou reprodução de outras fontes produtoras de conteúdo; em caso de produção própria, será analisado se é de natureza institucional e/ou colaborativa com a participação afiliados e parceiros);
- Tipologia de conteúdo (práticas educacionais, informativos, estudos de caso);
- Formato do conteúdo (vídeo, matéria, foto, misto);
- Função central do conteúdo publicado/divulgado;
- Relevância do conteúdo;
- Frequência de publicações.

A partir de agora serão apresentados aspectos sobre cada uma dessas categorias. Como já detalhado antes, o conteúdo do portal é dividido em categorias e organizado em seções. Durante o mês de outubro, foram publicadas dez matérias na seção de “Inovações em Educação”, quatro publicações na seção “Diário de Inovações”, uma publicação na seção “Como Inovar” e duas no Blog (Figura 11).

Figura 11 – Conteúdo do portal Porvir, distribuído por seção, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



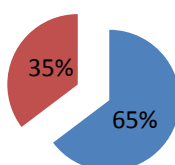
Fonte: Elaborada pela autora.

No que se refere à distribuição de conteúdo próprio, produzido pelos jornalistas e de outros colaboradores, no período monitorado, foram 11 matérias próprias e seis matérias de outros colaboradores (Figura 12).

Figura 12 – Distribuição de conteúdo do portal Porvir entre publicações próprias e de colaboradores, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.

### Publicações Próprias

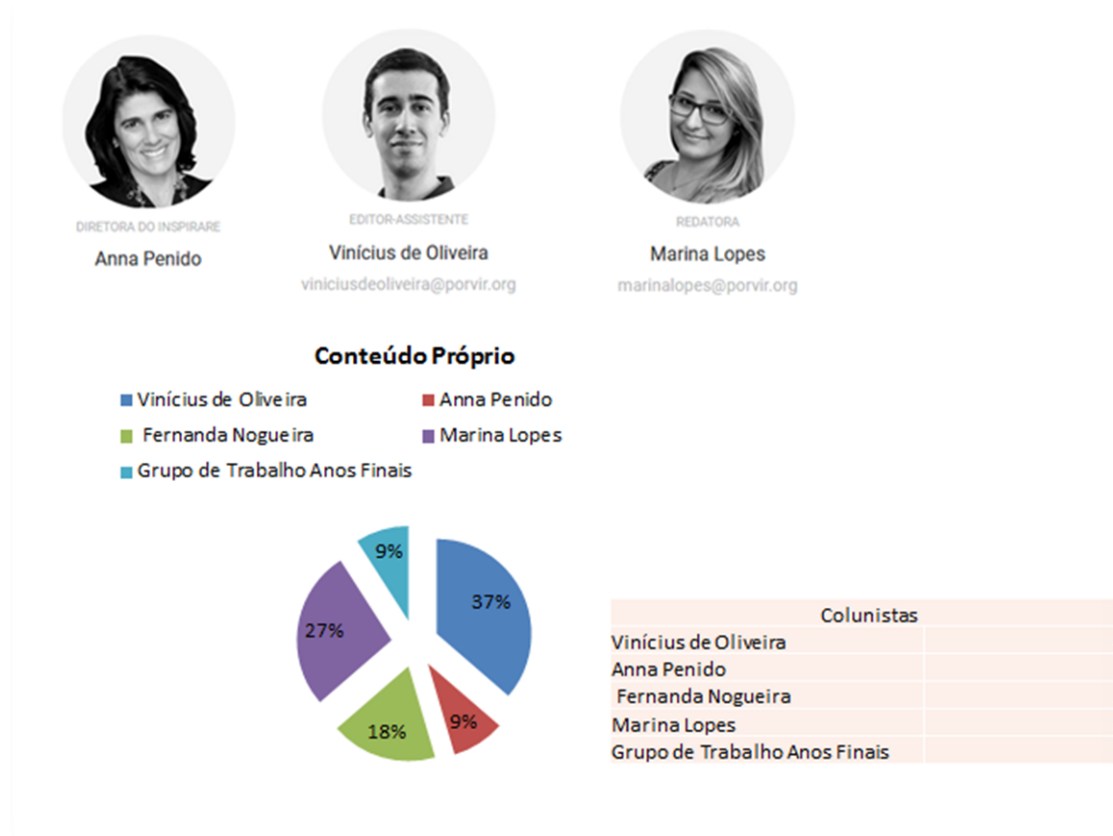
■ Próprias ■ Colaboradores



Fonte: Elaborada pela autora.

Dentro do material de conteúdo próprio, também é possível identificar a distribuição entre jornalistas e grupos de trabalho do Porvir. O Editor-assistente Vinicius de Oliveira ficou responsável por quatro matérias, enquanto a redatora Marina Lopes por três; uma jornalista não tinha identificação na plataforma e a matéria do *blog* foi redigida pela Diretora do Inspirare, Anna Penido (Figura 13).

Figura 13 – Distribuição do Conteúdo próprio e distribuição por colaborador, de acordo com informações do portal Porvir, levantados durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



Fonte: Adaptada pela autora.

Temer e Nery (2009) explicam que o jornalista pode atuar de acordo com a teoria do *gatekeeper*, na qual o jornalista ou o veículo acabam funcionando como “porteiros” ou selecionadores de conteúdo; as autoras explicam que essas escolhas são feitas com base em “filtros” editoriais do jornalista e do veículo.






Contudo, é preciso assumir as mudanças que a internet trouxe ao consumo de informações como facilidade de acesso, interfaces simplificadas, participação, cooperação, popularização dos telefones celulares, que também possuem câmeras digitais de boa qualidade, dentre outras. Assim, o papel do *gatekeeper* migra para o ambiente virtual com grande fluxo de informação que precisa ser selecionada, porém, também é preciso considerar a quantidade de leitores que desejam colaborar, em tempo real, com o conteúdo produzido (WEBER, 2010).

De tal modo, o jornalista passa a ser observador da saída de notícias, dos veículos tradicionais e não tradicionais, buscando informação relevante assim que

ela se torna disponível para direcionar ao leitor/usuário. Com isso, de “porteiro”, o jornalista se torna uma espécie de “vigia”. A estrutura hipertextual da webnotícia vai favorecer o acesso do público às fontes primárias – por exemplo, em vez de resumir todos os pontos de um documento, o jornalista pode simplesmente disponibilizar um link para que o usuário acesse o documento completo/original (WEBER, 2010, p. 13).

O portal Porvir se apropria dessa mudança favorecendo uma abertura para que aconteça o que as autoras definem como *gatewatching*, tendo a participação do usuário na escolha do conteúdo, e assim atender demandas atuais com caráter cada vez mais participativo, interativo e multimídia (WEBER, 2010), fato percebido entre os conteúdos produzidos por leitores e outros colaboradores, em que também é possível conhecer os produtores; ao final das publicações, é exibido um minicurrículo acompanhado de uma foto. Apenas uma matéria não tinha foto e minicurrículo ao final. Das seis matérias publicadas por colaboradores, quatro eram de educadores compartilhando experiências e dois colaboradores “Antenas” (Figura 14).

Figura 14 – Distribuição do conteúdo dentre colaboradores externos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.

Diário de Inovações	Professor cria paródias musicais para dar aulas em curso de direito	Francisco Nailson dos Santos Pinto Junior		<b>Francisco Nailson dos Santos Pinto Junior</b> Professor vocacionado, lecionou no ensino fundamental e médio. Hoje atua no superior e desenvolve didática voltada para uso da música dentro da sala de aula. É professor de direito da infância e juventude, filosofia do direito, sociologia e mediação.
Diário de Inovações	Cultura local e canções se transformam em estratégia de alfabetização	Givanilson Soares da Silva		<b>Givanilson Soares da Silva</b> Formado em pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco e especialista em gestão educacional pela Faculdade Joaquim Nabuco. Atua há quatro anos com turmas do Ciclo de Alfabetização da Prefeitura da Cidade do Recife. Trabalhou por dois anos vinculado a antiga Gerência de Animação Cultural (GAC), da Prefeitura da Cidade do Recife, como Animador Cultural, sendo responsável por aulas de percussão em escolas públicas da rede.
Diário de Inovações	Crianças brasileiras e croatas compartilham experiências por videoconferência	Gabriela Ferreira de Souza		<b>Gabriela Ferreira de Souza</b> Mestranda pelo programa Multinidades de Educação em Ciências e Matemática (PECIM) da Unicamp. Graduada em ciências biológicas pela Universidade Estadual de Campinas. Graduação sanduíche através do programa Ciência Sem Fronteiras, na Southern Illinois University, nos EUA. Formação com foco em educação, especialmente interessada no uso de novas tecnologias e metodologias para melhorar do processo de ensino e aprendizagem.
Inovações em Educação	O que Bill Gates aprendeu sobre educação em 17 anos – e por que vai investir mais US\$ 1,7 bil	Tony Wan, do EdSurge		<b>Tony Wan, do EdSurge</b> É um editor associado no EdSurge, responsável pelas newsletters de quarta-feira. Também pode ser encontrado cafenado em meetups e eventos. Já fundou a Luckybird Games e foi editor do Stanford Journal na sessão de Asian Affairs. Gasta todo o tempo livre que tem escalando montanhas.
Diário de Inovações	Alunos de design de interiores transformam creche comunitária	Leonardo Drummond Vilaça		<b>Leonardo Drummond Vilaça</b> Professor de comunicação e do Laboratório de Aprendizagem Integrada nos Centros Universitários UNA e UnB-H em Belo Horizonte-MG. Dá aulas nos cursos de design e análise e desenvolvimento de sistemas. É líder de inovação acadêmica do grupo Ânima Educação e coordenador do Projeto de Vida. Graduado em comunicação social com habilitação em jornalismo pela PUC Minas, tem especialização em produção e crítica cultural e é mestre em estudos de linguagens pelo CEFET-MG.
Inovações em Educação	Lápis x teclado: O que sabemos sobre como aprendemos a escrever	Sydney Johnson, do EdSurge		

Fonte: Adaptada pela autora.

### 6.3.1 Formato

Em relação ao formato – vídeo, texto, infográfico ou animação –, nas publicações analisadas, predominou matérias de texto (Figura 15).

Figura 15 – Distribuição do conteúdo do portal Porvir de acordo com o formato, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.

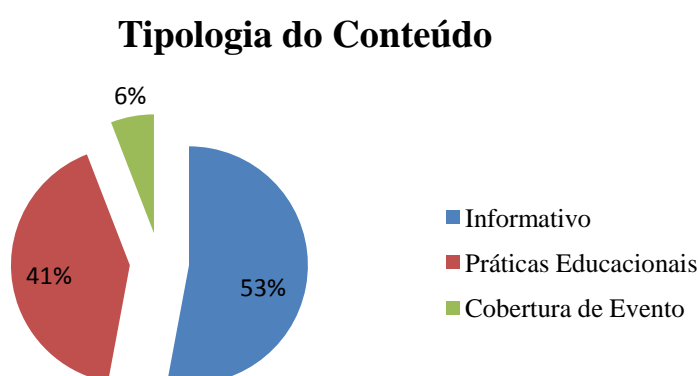
## Formato do Conteúdo



Fonte: Adaptada pela autora.

No que se refere à tipologia do conteúdo, este foi analisado de acordo com sua finalidade. Fez-se um informativo aos textos que apresentavam conceitos e temas com foco em comunicar, como, por exemplo, parcerias na área de educação, dados sobre uso de tecnologia na educação, notícias de órgãos e instituições representativas. Nos conteúdos de Práticas educacionais, foram considerados relatos e casos de aplicações práticas. Os conteúdos de cobertura de evento são matérias que divulgam exclusivamente acontecimento de eventos educacionais. Assim, das 17 matérias publicadas no portal, nove apresentavam textos informativos, sete abordaram práticas educacionais e uma matéria trazia cobertura de eventos (Figura 16).

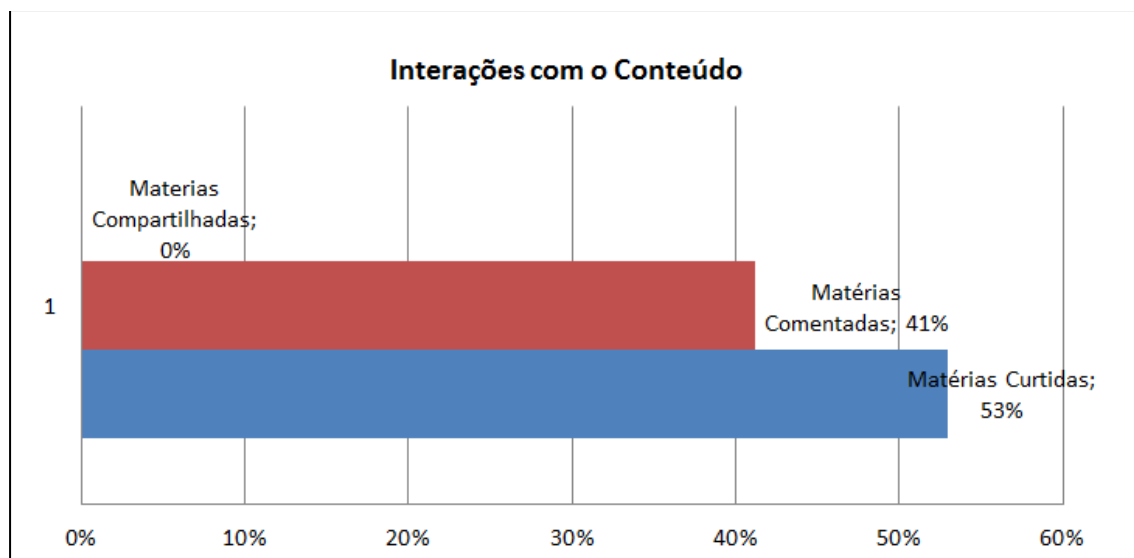
Figura 16 – Distribuição do conteúdo do portal Porvir, de acordo com a tipologia durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



Fonte: Adaptada pela autora.

As ferramentas de interações estabelecidas pelo portal são botões que possibilitam compartilhamento do conteúdo em redes sociais, espaços para comentários ao final das matérias, e botões de recomendações que funcionam como curtidas sinalizando uma aprovação do conteúdo. Das matérias levantadas no período, o portal não registrou compartilhamento pelos usuários. Sete matérias receberam comentários que se tornaram debates opinativos e alguns diálogos com o portal, por meio de questionamentos ao conteúdo ou ao tema. Os leitores curtiram nove matérias do total publicado no mês (Figura 17).

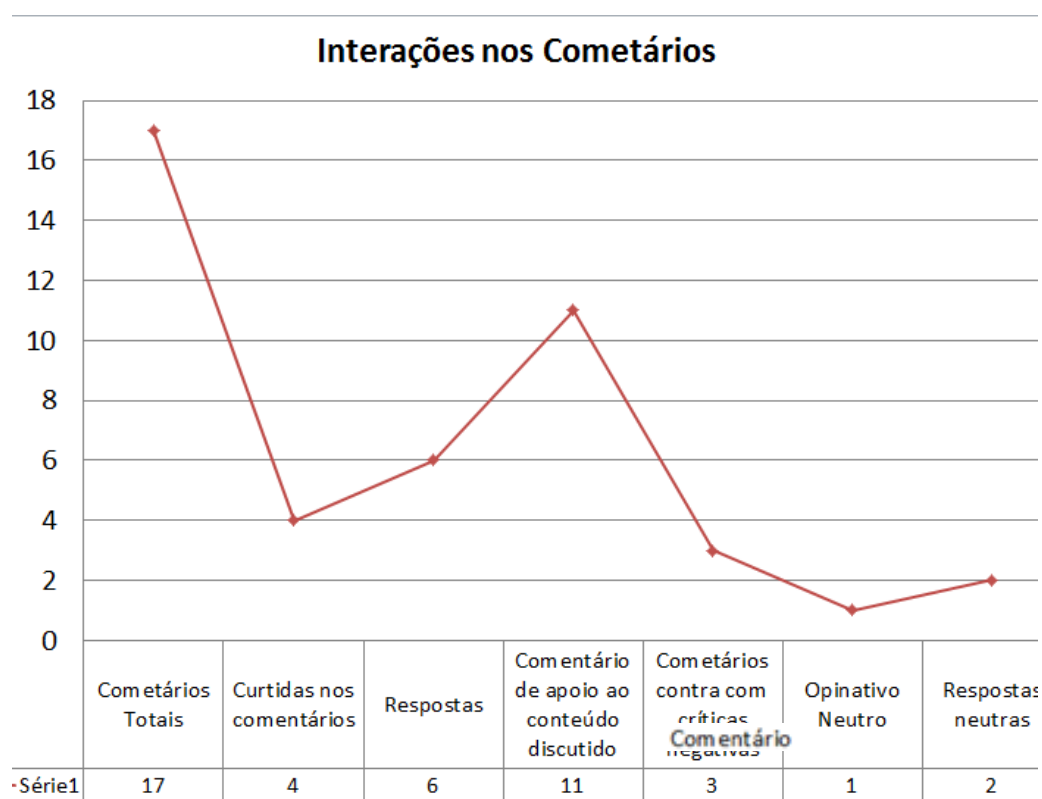
Figura 17 – Formas de Interações com o conteúdo do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



Fonte: Adaptada pela autora.

As sete matérias comentadas somam um total de 17 comentários, considerando que os usuários discutem e recebem respostas do portal ou de outros leitores. Quatro comentários receberam a forma de interação curtida, que reforça o apoio de outro leitor. Foram seis respostas aos comentários; duas respostas do Porvir a dúvidas dos leitores ao final da matéria; três respostas de um educador que apresentou seu relato de experiência e ao final recebeu comentários; uma resposta de leitor em relação à crítica de outro leitor. Em relação ao teor dos comentários, no sentido de apoio ou posicionamento contrário ao tema discutido, foram 11 comentários corroborando os conteúdos; três com posicionamentos contrários; um comentário opinativo neutro apenas ampliando a discussão e duas respostas neutras a comentários (Figura 18).

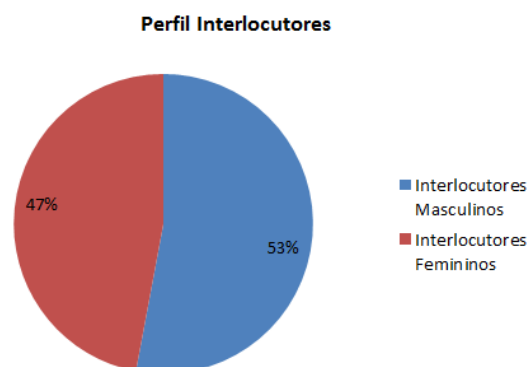
Figura 18 – Interações nos comentários dos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



Fonte: Adaptada pela autora.

Em relação ao perfil dos interlocutores que interagiram comentando as matérias, nove eram do gênero masculino e oito do gênero feminino (Figura 19).

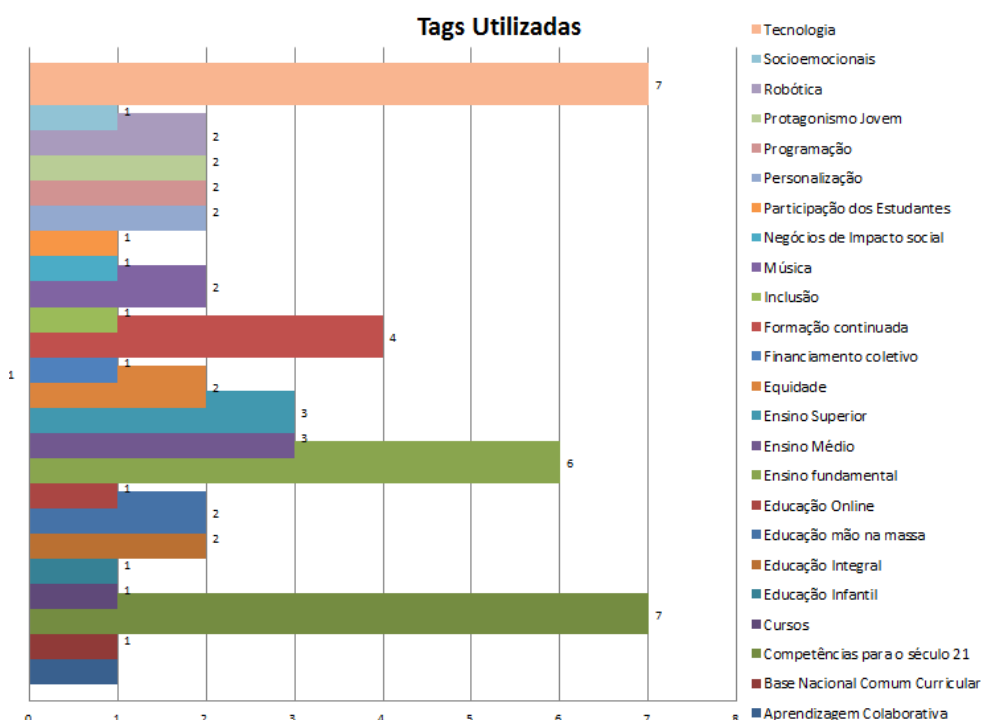
Figura 19 – Perfil dos interlocutores que deixaram comentários nos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



Fonte: Adaptada pela autora.

O portal utiliza uma marcação em todas as matérias publicadas com *tags*, que são palavras-chave para facilitar a busca *online*. No levantamento geral dos textos publicados no mês de outubro de 2017, as *tags* “tecnologia” e “competências para o século 21” foram as mais usadas com sete citações; a *tag* “ensino fundamental” recebeu seis citações e “formação continuada” quatro citações (Figura 20).

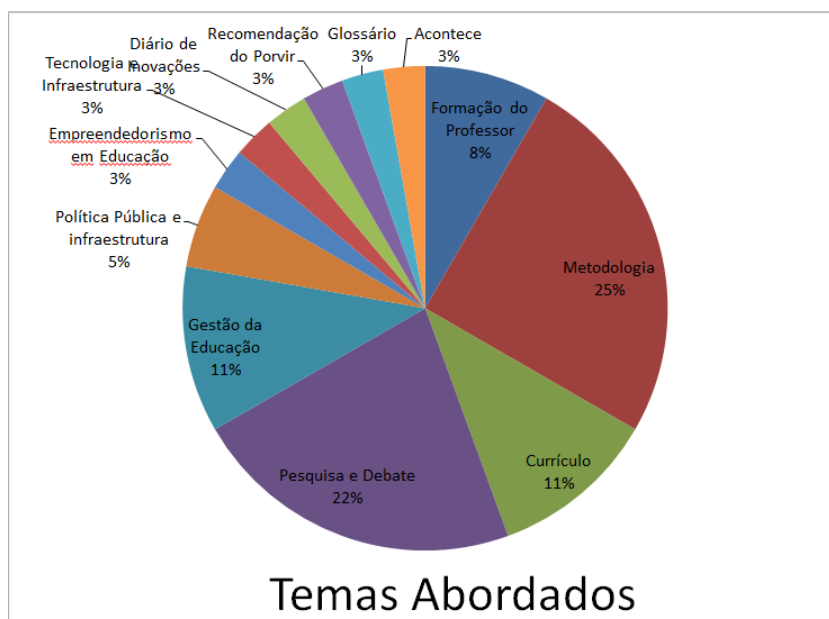
Figura 20 – Distribuição das *Tags* utilizadas nos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



Fonte: Adaptada pela autora.

No portal também é possível filtrar todas as publicações pelos temas localizados na parte superior da interface: currículo, metodologias, tecnologia e infraestrutura, perspectiva do aluno, formação do professor, gestão da educação, pesquisas e debates, políticas públicas, empreendedorismo em educação, diário de inovações, recomendação do porvir, glossário e acontece. Para tanto, ao final de cada matéria, estão relacionados os temas abordados. Assim, no levantamento feito, foram considerados os temas mais utilizados nas matérias avaliadas e os temas mais citados foram metodologia, pesquisa e debate, gestão da informação (Figura 21).

Figura 21 – Distribuição dos temas abordados pelos conteúdos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.



Fonte: Adaptada pela autora.

A representação gráfica a seguir apresenta o levantamento das palavras mais utilizadas nos títulos das matérias analisadas (Figura 22).

Figura 22 – Nuvem de palavras dos títulos do portal Porvir, durante o período de monitoramento em outubro de 2017.

### Nuvem de Palavras dos Títulos



Fonte: Adaptada pela autora.

Feita a análise descritiva e quantitativa do conteúdo do Portal Porvir, parte-se para análise qualitativa do material coletado relacionando as principais impressões do monitoramento ao referencial teórico apresentado.

#### 6.4 ANÁLISE GERAL DO MONITORAMENTO

Partindo do princípio de que a tecnologia não é a solução para resolver os problemas da educação, mas que o ciberespaço pode ser usado como infraestrutura para troca de saberes que fomentam a construção de conhecimento coletivo e a disseminação de conteúdo, o posicionamento do Porvir como ambiente informacional digital se aproxima dos conceitos estabelecidos por Lévy (1999) na mediação de conteúdo. Isso porque o portal demonstra que, por meio de suas estratégias busca, mediante um oceano de informações, construir uma totalidade parcial segmentando as discussões sobre inovação em educação, abordando temas que flexionam os conceitos de tecnologia, metodologia e sala de aula.

Dentre as diversas categorias e seções dispostas pelo portal, no período analisado prevaleceram as temáticas que discutem o conceito de inovação atrelado à educação, seja na sala de aula, nas experiências compartilhadas por professores ou nas ideias sobre como propor diferentes formas de aprendizado. Cabe aqui uma reflexão acerca da proposta estabelecida pelas estratégias do portal em abordar a questão de inovar no contexto pedagógico, discutindo e apresentando exemplos de formatos e experiências de aprendizagem. Afinal, se o educador não é mais o detentor do conhecimento e o processo de aprendizagem demanda uma comunicação mais horizontal, que torna o processo mais participativo, é preciso assumir uma ruptura com o formato histórico linear, discutido por Martín-Barbero (2000), que ainda é utilizado em muitas realidades brasileiras. Logo, considera-se relevante discutir formatos alinhados às competências e às demandas atuais, inclusive com espaço de troca de experiências entre educadores. Cabe também retomar as contribuições de Melo (2002) atribuindo à comunicação, nesta análise, o ambiente informacional, a missão de produzir conteúdos que promovam a inclusão dos cidadãos nas principais discussões da Sociedade da Informação, como discutir com educadores os formatos e as demandas contemporâneos para a produção de conhecimento.

Adentrando no campo da produção de conteúdo, o Portal estabelece sua estratégia alinhada aos conceitos de cultura participativa e colaborativa

estabelecidos por Jenkins (2009), ao mapear educadores e profissionais ávidos por dialogar e contribuir com a produção dos conteúdos. No período monitorado, a distribuição de conteúdo próprio, produzido pelos jornalistas e outros colaboradores, foi de 65% do total disseminado no portal, enquanto 35% foram conteúdos produzidos por profissionais que comentam suas realidades e vivências, evidenciando os aspectos de um processo de comunicação mais colaborativo e participativo estabelecido no ciberespaço, conforme abordado por Lévy (1999). Ainda recorrendo a Lévy (1999, destaca-se o uso da potencialidade das novas plataformas possibilitando a interconexão de pessoas que produzem conteúdo e buscam apresentar suas realidades, tornando o processo de legitimação, mediado pela comunicação, que agora se apresenta de maneira mais descentralizada. Atrelado à estratégia comunicacional, que define valores educacionais na busca de reconhecimento, o portal também identifica os jornalistas e os educadores que construíram o conteúdo. A apresentação dos educadores é feita por uma foto e um minicurrículo, permitindo que o leitor saiba mais do perfil, das atividades realizadas, das áreas de atuação deste autor. Essa estratégia possibilita aproximar produtor e consumidor de conteúdo. Propõe um espaço de conversação estimulado pelo reconhecimento e pela identificação entre pares, seguindo as discussões de Jenkins e Castells (2008) no referencial desse estudo. Vale ressaltar ainda que, das seis matérias publicadas por colaboradores, quatro eram de educadores compartilhando experiências, propondo um espaço de conversação pela troca e objetivando uma relação de consciências por meio da identificação nos relatos. Castells (2008) ao abordar identidade, relata a importância do ator social se reconhecendo para construir significado com base no conjunto de atributos, aqui o reconhecimento entre pares possibilita a identificação e a apropriação. O portal também se posiciona como articulador no ecossistema comunicacional atrelando a dinâmica da cultura à da educação, por meio do compartilhamento de conteúdo que representam vários contextos e histórias, conforme defendido por Martín-Barbero (2000).

Em relação à frequência, o monitoramento constatou que o Portal programou suas postagens apenas para dias úteis, excluindo finais de semana e feriados. No mês de outubro de 2017, período definido para o monitoramento, houve o um feriado prolongado devido ao dia 12, uma quinta-feira. Dessa forma, as postagens acompanharam os 17 dias úteis restantes no mês. Um dado peculiar é que, mesmo

no dia 15, no qual se comemora o “dia dos professores”, o portal não veiculou matéria por se tratar de um domingo, sugerindo que o Portal prioriza fomentar seu ambiente informacional com conteúdo nos dias letivos e de trabalho dos educadores, momento de estudo e planejamento de aula, em que aqueles buscam aperfeiçoamento por meio de pesquisas e leituras com o suporte também do ciberespaço. Indica, ainda, um provável entendimento do portal sobre seu posicionamento no hábito de consumo de conteúdo do público que busca alcançar pela rede. Nas reflexões de Soares (2003), atribui-se ao portal, nesse aspecto, a competência de gestão comunicativa e mediação tecnológica em espaços comunicativos como o ambiente informacional digital, dada a frequência e o planejamento de conteúdo realizada pelo Porvir. Esse estudo se atenta para o que Soares (2003) apresenta como mediação tecnológica na educação, avaliando mudanças decorrentes da incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das ferramentas da informação nos processos educativos. Esses temas são abordados amplamente pelo portal, com frequência distribuída e planejada a partir dos dias úteis de planejamento e estudo dos profissionais, além de temas que sinalizam a necessidade de preparar professores e estudantes para desfrutar dos recursos de inovação e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem, quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da expressividade das novas gerações (SOARES, 2003).

A tipologia do conteúdo também foi considerada na análise e evidenciou que, mesmo utilizando outros recursos, o portal prioriza a produção de texto para expor as ideias e discussões de suas temáticas. Dada a profundidade dos assuntos, o texto poderia ser explorado junto a outro formato investigando o conceito de multimídia favorecido pela comunicação em rede. Ainda no que se refere à tipologia do conteúdo, a análise categorizou as matérias de acordo com as finalidades identificadas. O caráter de “Informativo” foi atribuído aos textos que apresentavam conceitos e temas com foco em informar; para as práticas educacionais, foram considerados relatos e casos de aplicações práticas; e, para os conteúdos de cobertura de evento, as matérias que divulgam exclusivamente acontecimento de eventos educacionais. Assim, das 17 matérias publicadas no portal, nove

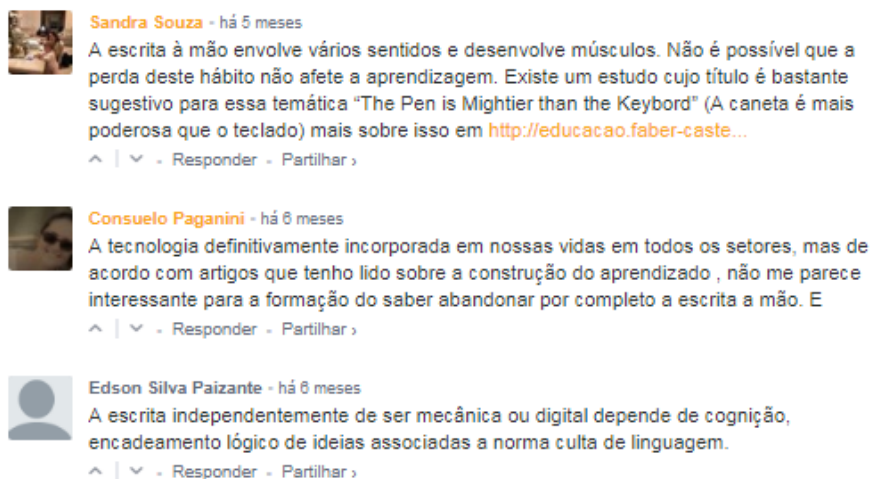
apresentavam textos informativos, sete abordaram práticas educacionais e uma matéria trazia cobertura de eventos.

Para a análise da tipologia, julgou-se importante contextualizá-los com dados que possibilitem identificar: a relação de frequência e a alternância do conteúdo na estratégia de disponibilização; os principais assuntos abordados a partir das *hashtags* utilizadas e as diferentes interações alcançadas a partir das opções propostas pelo portal. Os textos informativos discutem informações como forma de atualização e embasamento. Dentre o total de 17 publicações, nove foram classificadas com esse conteúdo. Todas as matérias informativas do período tinham o formato de texto, um foi veiculado na coluna “Como Inovar” e oito na coluna “Inovações na Educação”.

Na análise dos dados referentes aos textos informativos que apresentaram maior frequência nas segundas-feiras e sextas-feiras, sendo que a semana toda foram publicados em média dois textos informativos, com exceção da semana do feriado, que teve apenas um. As *tags* de buscas mais usadas foram “tecnologia” e “competências para o século 21”, trazendo destaques para as abordagens que o portal busca apresentar. Dos textos informativos, sete eram próprios e dois eram de colaboradores antenas do *EdSurge*, um *blog* americano que discute tecnologia e educação, com os títulos: “Lápis x teclado: o que sabemos sobre como aprendemos a escrever” e “O que Bill Gates aprendeu sobre educação em 17 anos – e por que vai investir mais US\$ 1,7 bi”. Os textos claramente estimulam o uso da tecnologia no ambiente de aprendizagem. O primeiro texto apresentava opiniões sobre o uso da tecnologia e os efeitos na habilidade da escrita manual, o texto trazia abordagens que sugeriam o uso da tecnologia como apoio na habilidade de escrita manual. Logo, recebeu dois comentários com reflexões de apoio às discussões e um comentário com posicionamento contrário aos pontos abordados na matéria. O comentário que questionava a matéria trouxe como reforço à discussão um *link* artigo que abordava a importância de escrever à mão, postado no portal de educação da fabricante de lápis *Faber-Castell*. O curioso é que nenhum dos atores que participavam da conversa proposta a partir dos temas questionou o fato de uma fabricante de lápis ter produzido esse conteúdo conveniente, nem mesmo se questionou o material a ser usado como referência na defesa de um ponto de vista. O portal Porvir não se manifestou com interações. Aqui, o ponto de atenção é a

profundidade crítica dos diálogos estabelecidos, sendo que cada participante opinou, porém, sem demonstração de análise e reflexão sobre as opiniões contrárias, questionando a efetividade de construção e a aprendizagem a partir dos diferentes pontos de vista apresentados (Figura 23).

Figura 233 – Comentários a respeito da matéria publicada em 30/10/2017 no portal Porvir.



**Sandra Souza** - há 5 meses  
A escrita à mão envolve vários sentidos e desenvolve músculos. Não é possível que a perda deste hábito não afete a aprendizagem. Existe um estudo cujo título é bastante sugestivo para essa temática "The Pen is Mightier than the Keyboard" (A caneta é mais poderosa que o teclado) mais sobre isso em <http://educacao.faber-caste...>

**Consuelo Paganini** - há 6 meses  
A tecnologia definitivamente incorporada em nossas vidas em todos os setores, mas de acordo com artigos que tenho lido sobre a construção do aprendizado, não me parece interessante para a formação do saber abandonar por completo a escrita a mão. E

**Edson Silva Paizante** - há 6 meses  
A escrita independentemente de ser mecânica ou digital depende de cognição, encadeamento lógico de ideias associadas a norma culta de linguagem.

Fonte: Portal Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

O segundo texto, também de um correspondente da *EdSurge*, trazia o título "O que Bill Gates aprendeu sobre educação em 17 anos – e por que vai investir mais US\$ 1,7 bi", recebeu dois comentários de apoio às ações relatadas no texto, inclusive um deles ampliou o diálogo postando um *link* do portal "Catraca Livre" com exemplo de iniciativa em referência às abordadas no texto. O conteúdo também recebeu uma interação com comentário de oposição às ações apresentadas na matéria, com ironia nas palavras. Esse comentário recebeu uma resposta de outra leitora contestando o posicionamento e relacionando o conteúdo a uma utopia a ser alcançada. O portal Porvir não respondeu qualquer comentário, mas curtiu todos eles, sinalizando estar presente e acompanhando as discussões (Figura 24).

Figura 24 – Comentários a respeito da matéria publicada em 30/10/2017, no portal Porvir.

 **Arnaldo Brito** - há 6 meses  
Concordo plenamente. Pois, sempre pensei e defendi que uma boa educação dependerá sempre de um bom professor e de uma boa escola. Sempre defendi que o Top down, como acontece, por exemplo no meu país - Cabo Verde, deveria ser o contrário. É claro que para isso, é preciso ter professores devidamente qualificados e assumidamente PROFESSORES, capazes de compreender as necessidades educativas dos seus alunos.  
^ | v - Responder - Partilhar >

 **George R Stein** - há 6 meses  
Música para meus ouvidos!  
"Dar às escolas e aos distritos maior flexibilidade tende a levar a soluções que atendam às necessidades das comunidades e sejam potencialmente replicáveis em outros lugares", disse Gates. "Se existe uma coisa que eu aprendi, é que, por mais entusiasmado que possamos ser sobre uma abordagem ou outra, a decisão de ir do programa piloto para grande escala é, em última instância, sempre algo que deve ser decidido por você e outros dentro do setor"  
Nenhuma solução que se deseja implementar em escala pode se privar de ser construída e implementada com a participação daqueles que irão, de fato, fazê-la acontecer!  
Já temos vários exemplos e potenciais apoios por aqui. Um deles:  
[quemnova.catracalivre.com...](http://quemnova.catracalivre.com...)  
1 ^ | v - Responder - Partilhar >

 **Antenor Marotta** - há 6 meses  
Sobre os educadores proporem "eles mesmos as soluções", é igual a dar um livro de auto ajuda pra quem está no fundo do poço. Vinho novo em odres velhos. Pode adiantar pro Bill que ele vai perder dinheiro.  
1 ^ | v - Responder - Partilhar >

 **Regina Atique Ferraz** → Antenor Marotta - há 6 meses  
Pode ser uma utopia, mas penso que a única chance...  
1 ^ | v - Responder - Partilhar >

Fonte: Portal Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

Os conteúdos classificados como práticas educacionais abordaram experiências compartilhadas entre educadores. Assim, sete matérias foram classificadas nessa categoria, sendo três de jornalistas da redação e quatro contribuições de educadores compartilhando suas vivências. Em relação à tipologia, duas publicações foram mistas, uma com o áudio e outra com o *link* de um vídeo no *YouTube*. Dentre as *hashtags* utilizadas para posicionar o conteúdo nos sistemas de busca, destacam-se “competências do século 21” e “protagonismo jovem”, citadas em três matérias. As postagens foram feitas às terças, quartas e quintas-feiras, dias que se alternam aos dos textos informativos, indicando a estratégia de distribuição de conteúdo do Portal. Nas discussões a partir das ferramentas de interação, o texto recebeu quatro comentários de apoio e um opinativo neutro. No primeiro comentário, o professor se identificou dizendo que atuava na mesma área propôs estabelecer

contato para mais trocas de informações; o autor da matéria também respondeu, e houve uma troca de *e-mails* para ampliar a conversa em outros espaços. Outro comentário também apoiou a ideia e apresentou um *link* com mais exemplos de experiência. O autor do texto respondeu a todos comentários de apoio. O comentário opinativo neutro apresentava um ponto de vista amplo sobre a educação e a formação do indivíduo. Não recebeu respostas e nenhuma forma de interação. O portal Porvir não interagiu nessa postagem (Figura 25).

Figura 255 – Comentários a respeito da matéria publicada em 30/10/2017, no portal Porvir.

**Professor João Marcelo Silva** - há 5 meses  
Parabéns, Meu Caro!  
Seria interessante trocarmos informações, uma vez que também atuo no Curso de Direito.  
Abraço.  
^ | v - Responder - Partilhar >

**nailsonjr** → Professor João Marcelo Silva - há 5 meses  
Opa João,  
nailsonjr@yahoo.com.br  
passa email...fico no aguardo!  
^ | v - Responder - Partilhar >

**Solange Valera Freitas** - há 6 meses  
excelente sua didática!  
^ | v - Responder - Partilhar >

**nailsonjr** → Solange Valera Freitas - há 5 meses  
obrigado mesmo!!!  
^ | v - Responder - Partilhar >

**Rose Palmeira** - há 6 meses  
Excelente estratégia! As Múltiplas Inteligências em Prática! Parabéns!!!!  
^ | v - Responder - Partilhar >

**Jacqueline Gonçalves** - há 7 meses  
Muito legal a matéria e que iniciativa bacana desse professor!! Os cursos de graduação já são massantes por tradição, e eu acho que os professores devem se esforçar para tornar a experiência em sala de aula, além de educativa, divertida e prazerosa. Tinha um professor de física do ensino médio que sempre passava filmes relacionados a matéria para que a gente entendesse melhor, acho que pode ser uma saída também. Tem um post bem legal sobre isso aqui <http://administracaoesucess...>, apesar não se tratar do curso de direito são dicas legais.  
^ | v - Responder - Partilhar >

**nailsonjr** → Jacqueline Gonçalves - há 5 meses  
Obrigado Jacqueline,  
Tento pensar fora da caixa...a ferramenta desperta mas quem faz o jogo é o aluno, lendo, refletindo, exercitando...  
^ | v - Responder - Partilhar >

---

**Antenor Marotta** - há 6 meses  
Tenho visto muita ação inovadora que serve apenas como enxertia para este sistema secular e falido de educação.  
Impor aos jovens esta estrutura pesada e já comprometida, esperando que eles a modifiquem é no mínimo injusto.  
Conhece-se a árvore pelos frutos.  
É hora de plantar outra árvore, que não tenha em suas raízes a competição, a comparação, o materialismo infantil e egoísta, entre outras coisas. E esta árvore não tem que servir de enxerto, é outra árvore.  
^ | v - Responder - Partilhar >

Fonte: Portal Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org>>. Acesso em: 01 nov. 2017

As situações de troca e conversações apresentadas evidenciam a proposta do portal em buscar se comunicar nessa perspectiva educativa, utilizando ferramentas que possibilitem a comunicação em rede, explorando as interconexões, assumindo que a comunicação linear seria apenas repetir um processo comunicativo ultrapassado, que não atende às demandas atuais (SOARES, 2003). Assim, o Porvir se atenta ao que o autor denomina gestão da comunicação e da informação em espaços educativos, ao buscar desenvolver um ambiente em que a aprendizagem se dá à medida que o indivíduo se sente tocado, envolvido, conectado (SOARES, 2003). O ponto de atenção levantado aqui é o posicionamento de inspiração do portal, que busca fomentar conteúdos para uma realidade aspirante, apresentando realidades com bons resultados, mas pouca discussão e respostas às indagações e aos olhares mais duvidosos ao ponto de vista apresentado.

No aspecto das interações, o portal Porvir se organiza mediando relações de um grupo de pessoas que busca informações acerca de educação e propõe interações partindo do processo comunicacional, por meio de mensagens trocadas pelos leitores (RECUERO, 2005). Assim, considera-se que as interações ocorridas no portal têm caráter social diretamente relacionado ao processo comunicativo (RECUERO, 2005). A análise dos dados levantados constata que seus usuários buscam iniciar conversação com opiniões e reflexões a partir do conteúdo publicado. As conversas podem ser consideradas apropriação por adaptar meios textuais aos efeitos de conversações orais com finalidade de estabelecer diálogos em ambientes informacionais digitais (RECUERO, 2014). Para interagir no espaço informacional do portal, o usuário precisa se identificar virtualmente por meio de uma conta de *e-mail* ou rede social digital, mas seus comentários são identificados. Dessa forma, é possível perceber que em sua atuação, o portal desempenha não apenas a função de espaço informacional que traduz conteúdo para o digital, pois também constrói redes sociais ao possibilitar formas de conectar pessoas, como ao promover a troca de endereço de *e-mails* de usuários que se identificam em temas e trabalho, aproximando-se dos conceitos das conexões associativas, que representam os laços sociais construídos (RECUERO, 2014).

As ferramentas para interação, estabelecidas pelo portal, são botões que possibilitam compartilhamento do conteúdo em redes sociais, espaços para comentários ao final das matérias, e botões de recomendações, que funcionam


como curtidas sinalizando uma aprovação do conteúdo. Dessas ferramentas nascem as conversações como forma de apropriação do espaço para o diálogo (RECUERO, 2014).

Para a autora, compartilhamento é uma forma de dar visibilidade ao conteúdo, aumentando o alcance e as possibilidades de discussão. Contudo, no período monitorado, o portal não registrou ações no botão “compartilhar” de suas matérias. Aqui, não cabe analisar o interesse (ou falta dele) pelo conteúdo, pois o usuário pode compartilhar a matéria por meio do *hiperlink*, sem registrar a ação no botão. O botão “curtir” é definido pela autora como uma forma de tomar parte da conversação sem precisar expressar uma resposta mais detalhada, um informe de visualização e apoio ao conteúdo e à abordagem. Em 52% das matérias foram curtidas pelos leitores no período, indicando a decisão do usuário em tornar visível sua aprovação do conteúdo expressando minimamente um ato de conversação. Os comentários são a forma mais evidente de conversação (RECUERO, 2014); propõem diálogo tanto com o autor do texto, como com os demais leitores, possibilitando ampliar a conversação, expandindo temáticas e encontros para além da interface, como percebido nas conversações aqui apresentadas. No período monitorado, 41% das matérias receberam comentários, sendo possível perceber que a ação não sinaliza apenas participação, mas também traz contribuição para a conversação proposta pela matéria, caracterizando o processo comunicacional.

No portal Porvir, os comentários se destacam como ação que apresenta maior engajamento ao possibilitar ao leitor expressar claramente sua opinião e trocar informações com outros usuários. Tomou-se como amostra o dia 27 de outubro de 2017, uma sexta-feira, a matéria publicada no portal apresentava o título “Computador de bolso da BBC chega ao Brasil para ensinar crianças a programar”, na coluna “Inovações em educação”, relatando o projeto de uma placa que possibilitaria atividades de programação atrelada às práticas educacionais. O projeto é realizado em Londres, mas com piloto também no Brasil. A matéria apresentou a proposta, sua aplicação e seus resultados. O conteúdo era próprio, escrito pela jornalista Marina Lopes, no formato de texto e categorizado como informativo, pela análise deste estudo. O Portal utilizou as *tags* “educação mão na massa”, “programação”, “robótica” e “tecnologia” para classificar o conteúdo nas buscas. Para as classificações de temas, que resumem previamente para o leitor os

assuntos abordados, o Portal informou que seriam abordados os temas currículo, metodologia, pesquisa e debate no texto (Figura 26).

Figura 266 – Comentário feito no dia 27/10/2017, matéria portal Porvir.

 **Euclides Rezende** · há 4 meses

R\$ 100,00 x 100.000 alunos...

É uma pena que se fale tanto em criatividade e vai se ao outro lado do mundo buscar uma placa que não tem nada a ver com a cultura e necessidade de nosso país.

Porque não se usa esse dinheiro para fomentar propostas e premiação para que empresas nacionais possam ofertar suas propostas em quantidade igual ou equivalente as apresentadas???

Por que não se apoia a criatividade e as empresas nacionais para isso?

A própria Positivo, tão enfronhada nas aventuras do governo do PT, não poderia criar algo que pudesse ser vendido ao Brasil?

Somos tão dependentes assim? Ao ponto de não sabermos "fazer computador"??? Se a mais de 30 anos, o Brasil fazia???

"Esse povo" não morreu. Pelo contrário, estão levando para a Inglaterra as novas tecnologias criadas/aprimoradas por eles:

<http://www.retrocomputaria...>


Nós temos que investir e apoiar a criatividade brasileira sim. De verdade. Mas completa.

Não essa "peça de marketing" pra inglês ver...

Acorda Brasil!!!!

Estão nos enrolando mais uma vez. E nós vamos deixar de novo...

2 ^ | v · Responder · Partilhar >

 **JULIANA NUNES GIULIANO** · há 4 meses

Quero participar!!!

1 ^ | v · Responder · Partilhar >

Fonte: Portal Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org>>. Acesso em: 27 out. 2017.

Nesse material, nas ações referentes aos botões de interação disponibilizados pelo Portal, registrou-se um clique no botão recomendar, que desempenha função similar aos botões curtir das redes sociais digitais. É uma forma de conversação mais discreta no ambiente de conversação digital e demonstra aprovação do leitor ao conteúdo, indicando interesse e acordo ao tema abordado. Mas as opiniões ficam mais explícitas nos dois comentários: o primeiro com indagações e descrença no tema abordado e outro demonstrando apoio e interesse em participar do projeto. O processo colaborativo e os espaços de conversação promovidos pelo portal reforçam a emergência das tecnologias e de comunicação potencializando a liberdade de expressão dos cidadãos por meio das mídias digitais (PRIMO, 2013).

Outra amostragem de conversas no espaço é da matéria postada no dia 23 de outubro de 2017, com o título "Laboratório prepara professor para usar tecnologia

e metodologias inovadoras”, na coluna “Inovações em educação”, matéria própria produzida por Vinicius Oliveira, editor- assistente do portal. O texto foi classificado como informativo por apresentar o projeto de uma instituição filantrópica em parceria com a Secretaria de Educação de Santa Catarina e os resultados atrelados aos benefícios na formação docente. Como *tags* para busca relacionou: “competências para o século 21”, “educação mão na massa”, “ensino fundamental”, “ensino médio”, “formação continuada”, “programação”, “robótica” e “tecnologia”. Nos temas que indicam os assuntos abordados, estavam gestão da educação, pesquisa e debate, políticas e públicas (Figura 27).

Figura 27 – Comentário feito no dia 23/10/2017 na matéria portal Porvir.

 **José Motta Filho** • há 4 meses

Estimada Sra. Lucia Dellagnelo: tenho interesse e disponibilidade em contribuir nesse projeto para a formação de professores do presente e do futuro! Sou especialista em Metodologias Ativas de Ensino e Head of EdTech na Beenoculus [StartUp líder em Realidade Virtual aplicada à educação na América Latina]. Tenho realizado muitas palestra e workshops sobre esses temas em muitas instituições de ensino pelo país e a repercussão tem sido muito boa. Estou à sua disposição caso tenha interesse. Um cordial abraço e até breve! Prof. Motta [jose.motta@beenoculus.com.br]

^ | v • Responder • Partilhar >

 **Porvir** Moderador → José Motta Filho • há 4 meses

Oi, José. Para maiores informações, escreva para o CIEB - contato@cieb.net.br

^ | v • Responder • Partilhar >

 **José Motta Filho** → Porvir • há 4 meses

Muito obrigado e um fraterno abraço!

1 ^ | v • Responder • Partilhar >

 **Saulo Vasconcelos Novaes** • há 4 meses

Prezados, boa tarde. Trabalho em uma secretaria municipal de educação e gostei da proposta. Como pleitear a aquisição desse laboratório? Meu email saulohnovaes@gmail.com

Gratidão e no aguardo.

^ | v • Responder • Partilhar >

 **Porvir** Moderador → Saulo Vasconcelos Novaes • há 4 meses

Oi, Saulo. Para tirar suas dúvidas, escreva para o CIEB - contato@cieb.net.br

^ | v • Responder • Partilhar >

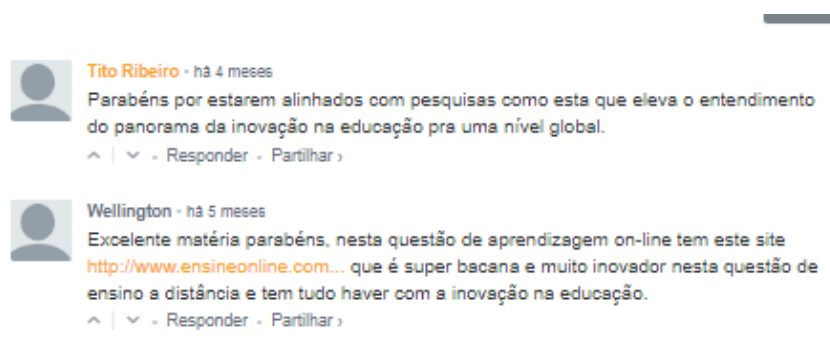
Fonte: Portal Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org>>. Acesso em: 23 out. 2017.

Esse conteúdo recebeu dois comentários interessados em aprofundar o contato para multiplicar a ideia, sendo um de um educador e o outro de um

funcionário da Secretaria Municipal da Educação. O Porvir, na condição de moderador do diálogo, respondeu informando o contato da instituição filantrópica. Nesse caso, avaliam-se as potencialidades do portal. Nota-se que a relação do conteúdo vai além da leitura, implica apropriação por meio do diálogo estabelecido. Trata-se de uma interação mútua, conforme estabelecido por Primo (2013), com opções de caminho por meio da construção e troca de ideias.

Outro exemplo é a matéria do dia 6 de outubro, com o título “Inovação é o caminho para acelerar melhorias na educação”, que apresenta resultados de uma pesquisa com um retrato global da educação mundial, com alguns dados para conhecimento e reflexão. O texto foi classificado como informativo, publicado na coluna “Inovações em educação”, pela jornalista Fernanda Nogueira, conteúdo próprio do portal. Para *tags* de busca relacionou “aprendizagem baseada em projetos”, “competências para o século 21” e “equidade”. Para temas abordados no texto, classificou “currículo”, “gestão da educação”, “metodologia”, “pesquisa” e “debate” (Figura 28).

Figura 28 – Comentário feito no dia 6/10/2017, na matéria do portal Porvir.



Fonte: Portal Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org>>. Acesso em: 6 out. 2017.

Como formas de interação, o conteúdo recebeu dois comentários de apoio, mas com uma peculiaridade, o segundo comentário se tratava da divulgação de uma ferramenta paga, apesar de ter perfil pessoal, o comentário camuflava um apoio ao conteúdo para indicar um portal para produção de cursos à distância EAD, ferramenta paga. Nesse caso, a liberdade de expressão torna o espaço suscetível a divulgações e tentativa de vendas de produtos que não estão alinhadas ao objetivo do portal.

As sete matérias comentadas somam um total de 17 comentários, considerando que os usuários comentam e recebem respostas do portal ou de outros leitores. Quatro comentários receberam a forma de interação curtida, que reforça o apoio de outro leitor. Foram seis respostas aos comentários, duas respostas do Porvir a dúvidas dos leitores ao final da matéria; três respostas de um educador que apresentou seu relato de experiência e ao final recebeu comentários. Uma resposta de leitor em relação à crítica de outro leitor. Em relação ao teor dos comentários, no sentido de apoio ou posicionamento contrário ao tema discutido, foram 11 comentários apoiando os conteúdos, três com posicionamentos contrários, um comentário opinativo neutro apenas ampliando a discussão e duas respostas neutras a comentários.

Em relação ao conteúdo, a utilização das *tags* “tecnologia”, “competências para o século 21” e “protagonismo jovem” nos conteúdos de práticas educacionais e textos informativos endossam o volume das mesmas *tags* somadas à formação continuada, que também se mostraram mais presentes na análise de texto geral, sinalizando que os ambientes informacionais digitais identificam a necessidade de discutir a formação e a qualificação de indivíduos, capazes de atuar no contexto que valoriza a produção de conhecimento e reconhece que conhecimento só pode ser mobilizado pelo fator humano. Por isso, as discussões apresentadas com indicação desses temas apresentam aos docentes experiências, conceitos e abordagem que tornam o aluno capaz de construir o conhecimento a partir de sua bagagem cultural e seu senso crítico, discutindo a formação do indivíduo com características mais completas, que interessa as demandas atuais (MIRANDA, 2004). Para tanto, retoma as reflexões sobre as competências demandadas no século 21 e visam ampliar o olhar do educador não só para a formação cognitiva, mas também social e política. O conteúdo que aborda as práticas educacionais, fomentando não apenas a troca, mas também as discussões e troca de contatos, também acenam para o papel do educador no ambiente dinâmico da Sociedade da Informação, retratado por Miranda (2004). Essas trocas também contribuem para o desenvolvimento da competência informacional, à medida que os educadores exploram o ambiente informacional digital nas leituras dos textos informativos e de práticas pedagógicas com informações que permeiam tecnologia, educação, inovação, competências, dentre outros. A autora defende que, em tempos de sociedade do conhecimento, a

competência informacional para o educador é essencial para lidar com a informação. Competência que, para a autora, pode ser a *expertise* em lidar com o ciclo informacional, com as novas tecnologias da informação e com os contextos informacionais.

O Portal também destaca no resumo da matéria os temas abordados para despertar interesse no leitor. Dentre todos, os temas mais destacados na parte superior da interface foram: metodologia, pesquisa e debate, gestão da informação. Esse fluxo informacional identificado pelas *tags* de buscas e marcadores de temas, destaca a preocupação do portal em discutir assuntos emergentes à área educacional. Lévy (1999) atenta para a obsolescência dos saberes que exige do profissional mais atualização, e afirma que trabalhar se tornou sinônimo de aprender, produzir e transmitir conhecimento. Ou seja, a prática do saber extrapola a sala de aula, logo as metodologias são mutáveis e englobam ações mais amplas. Além disso, nesse ponto em que se discute metodologia, pesquisa e debate e gestão da informação, cabe retomar as considerações de Lévy (1999) sobre a capacidade de as tecnologias intelectuais amplificarem as funções cognitivas humanas como: memória, imaginação, percepção e raciocínio. Assim, o conteúdo analisado no portal trata justamente a mudança de olhar para as tecnologias intelectuais como ferramentas de apoio metodológico e de gestão da informação, discutindo as diversas possibilidades cognitivas a partir desse olhar.

Para mapear os temas abordados, utilizou-se um *software* para demonstrar de maneira gráfica os temas mais recorrentes nos títulos, visualizando uma nuvem de palavras. Dentre as palavras que repetem, destacam-se a palavra “educação” (presente oito vezes nos títulos), “professor” (quatro vezes), “tecnologia” (três vezes), “inovar e inovação” (três vezes na soma), “transformam” (duas vezes) e “investir” (duas vezes). Nesta análise, é possível mapear os objetivos comunicacionais relatados pelo portal em sua caracterização, propósito e missão; discutir inovação na educação com professores, buscando ações que transformem as realidades brasileiras, abordando investimentos e suportes tecnológicos. O Portal atende às características da cibercultura em variedade, volume e velocidade de conteúdo de forma mediada e orientada a educação, mas também aberto, contínuo e em fluxo, reorganizado de acordo com o contexto e discussões (LÉVY, 1999). É notório que o portal empreende formar e atualizar profissionais responsáveis pela educação, para

atuarem em um ambiente dinâmico, interativo e colaborativo, como defende Lévy (1999).

O Portal também age no desafio do ecossistema comunicativo em relação à educação, descrito por Martín-Barbero (2000) com pretensões de possibilitar apropriação “das maiorias” nos espaços de conversação e conhecimento efervescido pelas TICs, buscando diminuir a divisão social e a exclusão cultural e política que esse espaço pode produzir quando, por exemplo, apenas alunos de classes mais favorecidas vivenciam cotidianamente o ecossistema informacional e comunicativo em seus lares e os alunos das classes mais populares têm nas escolas e nos professores condições decisivas para o acesso às novas formas de conhecimento e ainda o quanto o ecossistema comunicativo informacional e tecnológico contribui para a formação e a capacitação de educadores (MARTÍN-BARBERO, 2000).

Portanto, percebe-se a importante contribuição do portal em fomentar práticas educacionais inovadoras, troca de experiências e novidades na educação. Considera-se a promoção e acesso a conteúdos atualizados que discutem educação nas diversas partes do mundo, trazendo repertório e até mesmo possibilidades de capacitação dos educadores. Assim, o Portal ilustra a reconfiguração abordada por Lemos (2009) não apenas utilizando os meios tradicionais como fonte, mas também fornecendo conteúdo aos meios massivos. Assim, a televisão faz referência à internet, inclusive como fonte, e a internet também faz referência à televisão, conforme mencionado pelo autor.

O Portal atua de acordo com que Lemos (2009) descreve como a cultura e seu o processo recombinate, a partir dos princípios da cibercultura: a liberação do polo de emissão, não apenas o Portal produz conteúdo como o compartilha de cidadãos espalhados em diversos pontos do globo; o princípio de conexão em rede, que permite a interação e a integração dos públicos que interagem com o portal e suas redes sociais digitais constituídas; e a reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinaórias evidenciados nas três frentes de mobilizações indicadas pelo portal: presencial, *online* e da mídia, que também permeiam os conceitos de interação, participação e convergência.

As práticas colaborativas do Portal emergem do fenômeno social relatado por Lemos (2009), em que o antigo “receptor” agora também produz e emite informação, de forma livre, multimodal e planetária.

O portal se apropria das práticas sociocomunicacionais da internet pela necessidade de as pessoas produzirem conteúdos e aquela ser considerada uma potencialidade reprimida pelos meios massivos de comunicação que sempre dominaram o polo da emissão. Dessa forma, multiplica seus colaboradores e suas possibilidades de conteúdo.

Os diálogos do Portal validam a possibilidade do uso das redes e das TICs para a criação de vínculos sociais locais, comunitários e globais, descrito por Lemos (2009), por meio do princípio de emissão interligado ao princípio de conexão generalizada de troca de informação, não ignorando a multiplicidade de consequências. A estratégia do portal de interação com as mídias de massa apoia as definições de Lemos (2009) quando explica que a reconfiguração na cibercultura é infocomunicacional e não o fim da cultura de massa, propondo uma relação de maior abertura na troca de conteúdo, de polarização da emissão, mas não exatamente de anulação. Percebendo isso, o portal busca na mídia de massa apoio para a veiculação de conteúdo e, em troca, oferece sua plataforma como fonte.

A partir do cenário apresentado por Jenkins (2009), em que as velhas e as novas mídias entram em embate, como cultura da convergência, o Porvir, assume a globalização, o avanço tecnológico e a nova lógica comunicacional utilizando o cruzamento de mídias corporativas e mídias alternativas na possível tentativa de redistribuição de poderes entre produtor e consumidor de mídia. Assim, as ações do portal se aproximam do que o autor define como convergência com o fluxo de conteúdo por meio de múltiplas plataformas, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, com aparente maior liberdade para ir aos espaços na busca de conteúdo e experiências. O conteúdo do portal transita por meios massivos e alternativos e utiliza múltiplas plataformas. Jenkins defende que, para a circulação de conteúdos pelos diferentes meios, é indispensável a participação ativa dos leitores, como proposto no Portal. A convergência é percebida no Porvir com um olhar mais ampliado a partir da transformação cultural que estimulou os leitores a trazer novas

informações por meio de conexões participando e contribuindo para produção de conhecimento que representam a demanda social de acesso à informação.

A partir das discussões de Primo e Cassol (1999), a interação no portal é percebida pela série complexa de mensagens trocadas entre pessoas e pela cultura participativa na produção de conteúdo, assumindo também que o entendimento de comunicação precisa ir além das trocas verbais, afinal, comportamento é comunicação. Para tanto, destaca-se a abordagem do autor em que comunicação pressupõe relacionamento e relação envolvendo elementos inter-relacionados: os participantes, a relação e o contexto. Assim, observa-se que o Portal busca atuar como moderador no espaço interagindo com usuários por meio de curtidas que sinalizam sua visualização, mas com poucos comentários que demandam mais comprometimento e posicionamento. No período analisado, não houve respostas do Portal a comentários opinativos ou de participação em discussões começadas a partir dos conteúdos publicados. Foram apenas respostas de caráter informativo, sobre contatos ou dúvidas simples.

Cabe salientar que o portal assume uma postura de inspiração para uma realidade aspirante à educação brasileira, fomentando conteúdos e estudos de caso que apresentam bons resultados. Isso porque, nas matérias monitoradas, não foram identificados conteúdos relatando cenários críticos e com resultados não muito admiráveis. O Portal pode ser identificado como um espaço de boas práticas, razões para acreditar em transformações sociais. Percebe-se que a curadoria dos assuntos enviados por professores também utiliza esse filtro, de casos de sucesso. Com essa característica, o portal desempenha uma função social motivadora e de acesso à informação, com interesses atrelados ao referencial teórico desse trabalho, como já destacado nos parágrafos anteriores. Porém, com esse posicionamento, as discussões e as indagações às realidades que têm outras dificuldades para lidar com os problemas educacionais e de acesso não receberam respostas do Portal. Por isso, cabe uma análise que levante como ponto de atenção a verdade que pode ser legitimada em conteúdos que retratem apenas bons resultados e uma imagem de desenvolvimento por meio das inovações educacionais, sugerindo que o acesso seja igualitário e abrangente no Brasil. O risco é que a intensão de inspiração seja polarizada, evidenciando o questionamento abordado pelos autores, do referencial desse trabalho, no que tange ao ciberespaço não apenas como suporte tecnológico,

mas também como uma promessa de solução de todos os problemas da educação. Portal não traz isso em seu conteúdo, mas, ao não discutir os pontos falhos, pode pressupor e disseminar uma falsa totalidade de realidade emergente, que não representa de maneira real os problemas da educação brasileira.

Retomando as indagações de Rüdiger (2013), este faz ressalvas aos interesses intrínsecos às discussões cotidianas agenciadas ou promovidas com suporte da telemática e seus maquinismos, afetando a dinâmica tecnológica/social estabelecida pela cibercultura. Evidencia-se o paradigma mencionado no referencial deste trabalho ao se posicionar como ambiente informacional digital que se propõe a estabelecer comunicação horizontal, aproximando realidades, por meio da produção de conhecimento e inovações, com valor social, que também deve considerar as críticas de acusação por interesses de poder, políticos ou econômicos, distanciados dos interesses públicos, que fragilizam ainda mais as relações sociais e culturais.

Este trabalho baseia-se em Primo (2013), que tem reservas aos argumentos de caráter radical e revolucionário no contexto da cibercultura e da convergência. Assim, considera-se pertinente a utilização do suporte tecnológico para fomentar conteúdo relevante e discussões, mas evitando *slogans* generalistas que permeiam as discussões as mídias digitais. Logo, a partir das reflexões do autor, as interações que fomentam a não aplicação de certas soluções apresentadas no conteúdo do *site* abre a possibilidade de discussões mais efetivas, com troca sobre as dificuldades da realidade proposta pelo autor do comentário, evitando a postura de “tudo ou nada” alertada por Primo (2013), que sugere questionar e refletir sobre os conceitos estabelecidos nos relacionamentos em tempos de convergência.

Torna-se necessário retomar as colocações de Melo (2002) quando aborda o Brasil e seu caráter de arquipélago social, com o distanciamento de realidades sociais que podem ser encontradas nos diferentes pontos do país. Dessa forma, torna-se evidente que a construção de diálogos, a partir de um conteúdo postado no Portal, apresente indagações contrárias que não consigam aplicar a sugestão de inovação educacional proposta. Nesse espaço, conversar sobre os pontos de embate deve ser considerado igualmente importante para pensar caminhos à educação brasileira, evitando que se tenha a mesma situação promovida historicamente pelos meios massivos de representar uma realidade que se queira alcançar como sendo verdade e igualmente possível a todos cenários brasileiros.

## 6.5 ANÁLISE DO MATERIAL DO *BLOG*

A partir das questões levantadas durante este trabalho, identificou-se que o Portal dissemina conteúdo de modo a contribuir com a formação docente a partir do uso do ciberespaço como suporte tecnológico e demais aspectos levantados na cibercultura e Sociedade da Informação. Porém, nos critérios de interatividade a partir das ferramentas disponibilizadas, o Porvir ainda não consegue explorar discussões mais profundas.

Para tanto, julgou-se necessário uma análise mais abrangente de textos da própria redação. Assim, realizou-se um levantamento dos conteúdos publicados na coluna “Blog” para se assegurar de que todos os textos tivessem conteúdo próprio. Além disso, antes da análise, é preciso delimitar aspectos comunicacionais de espaços denominados como *blogs*. Amaral, Recuero e Montardo (2009), ao buscarem definições para caracterizar os *blogs*, identificaram que, devido ao uso tão variado, eles foram definidos como uma ferramenta de publicação com formato particular. Inicialmente, as autoras apresentam caracterizações com base na constituição estrutural em que a interface é organizada, como linha do tempo, textos publicados em ordem cronológica, de maneira que o último texto publicado se encontre no topo da interface. Além disso, as autoras também caracterizam a possibilidade de comentários dos leitores como forma de interação com o conteúdo. As autoras ainda pontuam a importância da frequência de postagens que impulsionam diretamente o fluxo de interações, mas não definem frequência como critério de caracterização enquanto *blog*, já que o espaço entre postagens não descaracteriza esse formato de. As autoras também apresentam as discussões que caracterizam de maneira funcional, como meio de comunicação por seu caráter conversacional tanto por meio dos textos publicados quanto pelas ferramentas de interação, como os comentários.

A percepção dos blogs como espaços de sociabilidade, como constituintes de redes sociais, está presente nessa vertente. Blogs como meios de comunicação implicam também sua visibilidade enquanto meios de práticas jornalísticas, seja através de relatos opinativos, seja através de relatos informativos. No conceito estrutural, por outro lado, permite apreender-se o blog enquanto formato, abrindo-se para múltiplos usos e apropriações. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 33).

Assim, as autoras defendem que *blogs* consistem em suportes para a comunicação mediada por computador, ou seja, permitem a socialização *online* seguindo diversos interesses, de acordo com o objetivo de comunicação.

Seguindo os conceitos apresentados, o *blog* do Porvir disponibiliza conteúdo no formato de linha do tempo, com espaço para discussões e comentários. No ano de 2017, o portal postou 28 matérias no *blog*. Em relação à periodicidade, o *blog* não apresentou padrão; em outubro, por exemplo, foram 13 postagens, enquanto nos outros meses a média eram duas postagens e em alguns não houve postagem. Os meses com eventos do portal e divulgação dos resultados de pesquisas coincidiam com maior número de postagem no *blog*, sinalizando a utilização do espaço para articular conteúdo próprio.

Para essa análise considerou-se o total de matérias já publicado no blog, desde 2012 e aplicou-se como critério os temas “formação docente” e “tecnologia” para mapear os conteúdos que, no entendimento do *site*, contribuiriam para a capacitação de educadores aos suportes tecnológicos. Assim, obteve-se um *corpus* de 13 matérias publicadas no “Blog”, abordando os temas tecnologia e formação docente, em todo tempo de existência do blog. Dentre as *tags* oferecidas pelo portal para filtro de conteúdo, não havia temas relacionados diretamente à educação para mídia, com isso, a partir do *corpus* levantado pelos filtros “formação docente” e “tecnologia”, para a análise das questões levantadas no referencial deste trabalho, definiram-se as categorias listadas a seguir com o objetivo de mapear esforços e contribuições na formação docente para o melhor uso do ciberespaço a partir das mídias.

- Uso de TICs;
- Integração de mídias;
- Outros polos de emissão;
- Produção conteúdo colaborativo.

A análise verificou a menção das categorias nos conteúdos dos materiais analisados identificando a intensão do Portal em fomentar tais práticas na formação docente. A primeira constatação é que 10 matérias mencionaram ao menos uma categoria, três matérias divulgavam eventos, com textos breves que não abordavam assuntos relacionados às categorias avaliadas (Tabela 1).

Tabela 1 – Análise de categorias: *Blog*.

Data	Título da matéria	Categorias				Uso Matéria
		Uso de TICs	Integração Mídias	Outros Polos Emissão	Produção Conteúdo colaborativo	
20/3/2018	Com apoio do Porvir, Canal Futura estreia <i>talk show</i> sobre educação	x	x	x	x	4
20/10/2017	Professores: Como formar professores para os Anos Finais	x			x	2
3/7/2017	Participe do Desafio Diário de Inovações 2017 – Como Inovar na Sala de Aula	x	x		x	3
16/10/2017	<i>E-book</i> apresenta relatos de professores finalistas do Desafio Diário de Inovações	x	x		x	3
29/8/2016	Com apoio do Inspirare/Porvir, Futura lança série sobre escolas inovadoras	x	x	x	x	4
25/8/2015	Acompanhe o Transformar 2015 ao vivo pelo Canal Futura	x	x	x	x	4
17/8/2015	Marque na agenda: o Transformar 2015 está chegando		x	x	x	4
12/12/2014	Seminário discute, em oficinas práticas, como apoiar escolas na educação integral	x				1
11/9/2012	Tecnologia na educação é tema da terceira edição da Série de Diálogos o Futuro se Aprende	x	x			2
28/8/2012	Veja vídeo geral do encontro com Aloizio Mercadante		x			1
9/5/2012	10 dias!					
27/4/2012	Somos parte do Redação na Rua	Link sem acesso				
27/4/2012	Bem-vindos					
Totais	13	8	8	5	7	

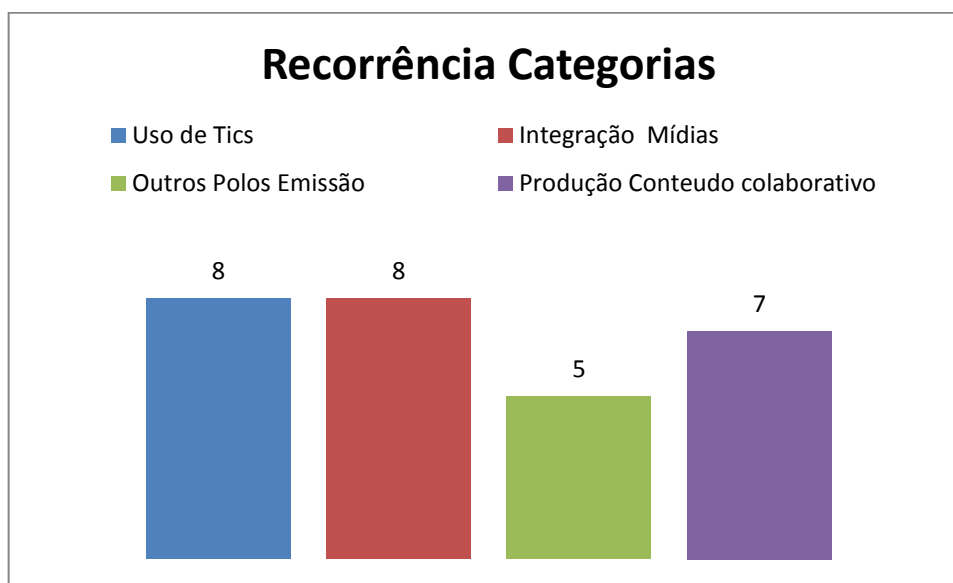
Fonte: Elaborada pela autora.

Além disso, quatro matérias discutem temas que abordam as quatro categorias analisadas e outras duas mencionam três das categorias em suas abordagens, pontuando discussões com aspectos importantes à educação para mídias entre os docentes.

Dentre as 13 matérias analisadas, oito apresentaram a categoria uso de TICs, ou seja, discutia por meio do conteúdo o uso das tecnologias de informação e comunicação em salas de aula com educadores. O item “integração de mídias”, que aborda o uso de diferentes mídias (massa, alternativas, digitais, impressas etc.),

para discutir um assunto ganhando alcance e democratizando o acesso, também apresentou oito matérias com essa categoria (figura 29).

Figura 29 – Recorrência das categorias Uso de TICs; Integração mídias; Outros polos emissão; Produção conteúdo colaborativo; nas matérias publicadas no Blog do Portal Porvir.



Fonte: Elaborado pela autora.

A categoria polo de emissão, que avalia a disseminação do conteúdo por diferentes polos de emissão esteve presente em cinco matérias publicadas no *blog*. A categoria produção de conteúdo colaborativo mapeou materiais que fomentavam essa prática a partir da formação docente para a apropriação do uso do suporte tecnológico para uma cultura mais participativa na produção de conhecimento.

Para um panorama geral sobre os temas mais citados nos títulos do blogs recorreu-se a nuvem de palavras, como ilustração gráfica das palavras mais presentes nos textos (Figura 30).



Além disso, as categorias analisadas sinalizam as demandas sociais resultantes da crescente presença das linguagens complexas, videotecnológicas e dos modos diferenciados de organizar e disponibilizar o conhecimento e a informação, ponto de atenção à formação docente, abordado também por Citelli (2010).

Ainda, apoiando-se no conceito de comunicação educativa de Kaplún (1999), em que comunicar é conhecer, por meio do compartilhamento dos materiais do *blog* pelos docentes, há a legitimação do conhecimento, pois, a partir da troca, discussão e do empenho para apresentar ideias e entendimento acerca de um tema, aprofunda-se o conhecimento. Logo, retomamos o reforço do autor, ao afirmar que principal contribuição da comunicação educativa é atribuir à formação competência comunicativa tanto aos educadores como aos educandos.

A partir das reflexões de Soares (2003), endossa-se aqui o papel do portal como ferramenta comunicacional que atua com as mediações tecnológicas em espaços educativos, fornecendo conteúdo com foco em preparar professores e estudantes para desfrutar dos novos recursos e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem, quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da expressividade das novas gerações. Assim, ações que buscam discutir como utilizar o potencial de cada mídia, trazer o entendimento sobre cada indivíduo como polos de emissão de conteúdo, proporcionar a experiência de interação em espaços colaborativos como o portal, possibilitam aos docentes e aos jovens acesso menos ingênuo ao mundo da comunicação, conforme defendido pelo autor.

Portanto, o conteúdo pode colaborar com a apropriação crítica e criativa das mídias que a evolução tecnológica traz, a todo o momento, para o cotidiano social. Quando essa apropriação se dá de maneira mais igualitária, chegando a diversos pontos do país, há o fortalecimento da cidadania pelo acesso à informação e até mesmo uso midiático (BÉVORT; BELLONI, 2009).

O acesso do educador a esse conteúdo, que ultrapassa os planos pedagógicos, compõe a competência informacional do docente e pode promover condições de educação para mídias em sala de aula. Assim, o portal, ao explorar conhecimento sobre o uso cotidiano de tecnologia, as formas de emissão e a integração dos diversos tipos de mídia ajudam a superar o mito da necessidade de

infraestrutura tecnológica de ponta, abordando a formação docente e as práticas pedagógicas (SIQUEIRA; ANDRELO; ALMEIDA, 2012).

Vale também pontuar a importância de criar novos lugares de fala, discutindo com o docente sua capacidade de emissão de conteúdo e uso de mídias, a partir da compreensão crítica sobre como as mídias e a informação podem aperfeiçoar a capacidade de professores, estudantes e cidadãos de se engajarem aos meios de comunicação social como ferramentas para a liberdade de expressão, o pluralismo, o diálogo e a tolerância intercultural que contribuam para o debate democrático acerca das demandas sociais (WILSON et al., 2013).

Porém, para construir espaços de troca e conversas, é necessário entender os critérios de interação explorados pelo portal. Nesse sentido, as matérias postadas e analisadas nessa etapa receberam 38 recomendações, interação que representa visualização e apoio do leitor. Dentre os compartilhamentos dos conteúdos em outros espaços, apenas uma matéria foi compartilhada sete vezes, endossando a disponibilidade do leitor em repassar esse conteúdo, dada sua relevância. Essa matéria tinha como título “Professores: como formar professores para os Anos Finais” e apresentava a categoria uso de TICs e produção de conteúdo colaborativo, mas não recebeu comentário.

Três matérias receberam comentários, todos de apoio ao conteúdo, totalizando sete comentários. Interações específicas do portal Porvir tiveram apenas duas curtidas em comentários de apoio ao final de duas matérias, como por exemplo a matéria com o título “Participe do Desafio Diário de Inovações 2017 – Como Inovar na Sala de Aula”, que convidava educadores ao concurso de práticas educacionais promovido pelo portal. A matéria recebeu dois comentários, um de apoio e outro mais elaborado com sugestões para o regulamento. O portal não respondeu como forma de estabelecer diálogo, apenas curtiu sinalizando ter visto (Figura 31).

Figura 30 – Comentário feito a matéria “Participe do Desafio Diário de Inovações 2017 – Como Inovar na Sala de Aula” publicada no dia 3/7/17 no portal Porvir.

2 COMENTÁRIOS Porvir Iniciar sessão ▾

Recomendar 4 Partilhar Mostrar primeiro os mais recentes ▾

 Escreva o seu comentário...

INICIE SESSÃO COM O OU REGISTE-SE NO DISQUS ?

PORVIR

I agree to Disqus' [Termos de utilização](#)

I agree to Disqus' processing of email and IP address, and the use of cookies, to facilitate my authentication and posting of comments, explained further in the [Política de privacidade](#)

Publicar comentário sem iniciar sessão

➔

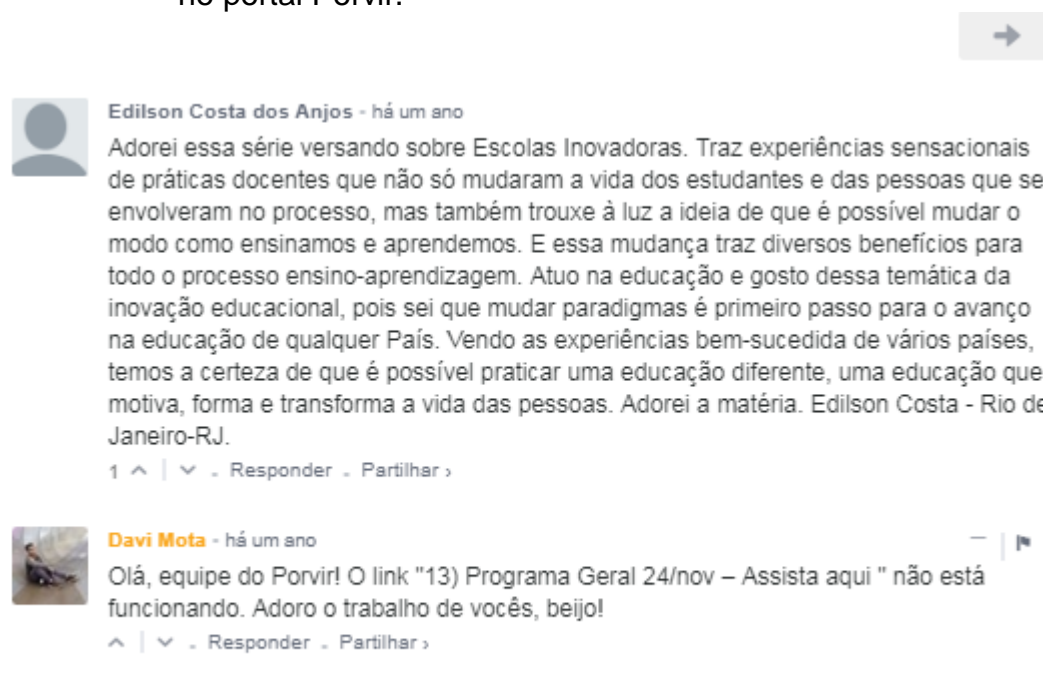
 **Juride Aparecida luz de Quadro** - há um ano  
 posso inscrever uma pratica que ja foi premiada no PPB,ano de 2015  
 ^ | ▾ - Responder - Partilhar >

 **Etori Amorim** - há um ano - | ▾  
 Muito bem vindo o desafio. Parabéns aos organizadores. Mas para que o Ebook final seja uma referência para nós educadores do Brasil, precisamos recolher o máximo das experiências transformadoras, se não será só mais um subsídio como tantos outros. Uma sugestão aos organizadores é enviar newsletter para os participantes dos grandes projetos no Brasil como o Professor nota 10. Será necessário uma parceria com estas outras organizações, mas penso que não será difícil. Boa sorte a todos e contem conosco!  
 3 ^ | ▾ - Responder - Partilhar >

Fonte: Portal Porvir.

A principal característica explorada pelo *blog* é a colaboração dos usuários no conteúdo postado, mas, para que haja interação, é importante que o portal corresponda aos movimentos de diálogo e interação. Outro exemplo é o comentário na postagem do dia 29/8/16 (Figura 32).


Figura 31 – Comentário feito a matéria “Com apoio do Inspirare/Porvir, Futura lança série sobre escolas inovadoras” publicada no dia 29/8/2016 no portal Porvir.




Fonte: Portal Porvir.

A matéria com o título “Com apoio do Inspirare/Porvir, Futura lança série sobre escolas inovadoras” convidava o público a conhecer o conteúdo audiovisual feito em parceria com outras instituições. Os comentários de satisfação e até mesmo de dúvida em relação ao acesso do material não foram respondidos (Figura 32). No dia 11/9/2012, o portal publicou a matéria “Tecnologia na educação é tema da terceira edição da Série de Diálogos o Futuro se Aprende”, que também recebeu três comentários, dois deles com argumentos parabenizando o conteúdo e também com relatos de suas experiências e engajamento (Figura 33).

Figura 32 – Comentário feito à matéria “Tecnologia na educação é tema da terceira edição da Série de Diálogos o Futuro se Aprende” publicada no dia 11/9/2012 no portal Provir.

 **App Trocas** - há 9 meses  
 Agora em 2017 muito tem se criado para a integração entre escola e tecnologias novas. Avançamos muito, com certeza. Parabéns pelas iniciativas e geração de informação imparcial.  
 Maurício  
<https://apptrocas.com.br>  
 ^ | v - Responder - Partilhar >

 **Grasielle Venancio** - há 8 anos  
 Boa tarde!


Sou professora da rede de ensino da SME-RJ e fico satisfeita em tomar conhecimento de encontros como esse. De fato o ensino público têm diversas carências e em se tratando de educação e seu desafios, acredito que o uso das nova tecnologias certamente poderão proporcionar avanços significativos, tendo em vista o alto grau de interesse dos alunos por computadores, vídeos e etc.

Atualmente curso pós-graduação em Educação Tecnológica (CEFET) e percebo, hoje, que a educação, dentro de certos limites, pode perfeitamente ser também atendida pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

Tenho vivido essa experiência com meus alunos. É um enorme diferencial utilizar por exemplo a EDUCOPÉDIA e sites relacionados aos conteúdos trabalho. É estimulante e positivo, até mesmo para os momentos de avaliação.

É uma excelente aposta!!

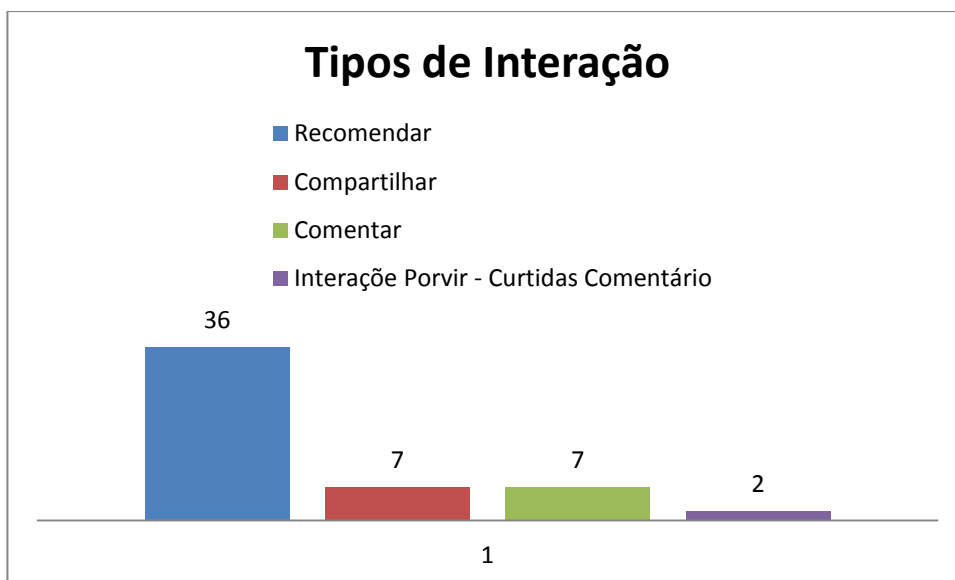
**BOM TRABALHO!!!**  
 ^ | v - Responder - Partilhar >

 **Rosane Vieira** - há 8 anos  
 Acredito que o professor ou facilitador deve usar todos os recursos disponíveis para promover a educação. Logicamente o potencial que possuem as redes sociais é percebido por empresas, empresários e porque não fazer o seu uso em sala de aula. Parabéns pela matéria muito importante  
 ^ | v - Responder - Partilhar >

Fonte: Portal Provir

Novamente comentários sem respostas ou qualquer outro tipo de interação do portal. Com isso, o diagnóstico do *blog* apresenta os mesmos aspectos identificados na análise do monitoramento mensal, reafirmando a contribuição do *blog* em fomentar conteúdos relevantes para a capacitação de educadores a partir do uso das TICs, integração das mídias, exploração de outros polos de emissão e cultura participativa na produção de conteúdos, dados respaldados pelo números de ações registrados nas ferramentas de interação (figura 34), mas com pouco dialogo entre o blog e seus leitores, pela ausência de respostas.

Figura 33 – Gráfico análise quantitativa das reações com matérias publicadas no blog do portal Provir com temas de formação docente e tecnologia.



Fonte: Portal Provir

No que tange às análises das reações, o botão mais utilizado foi o “recomendar” que funciona como o “curtir” das redes sociais digitais, o leitor utiliza ao sinalizar apoio ao conteúdo, aprovação ao tema discutido e até mesmo relevância a discussão. Analisando os números percebe-se a audiência disponível a reagir ao conteúdo, foram 36 recomendações, porém ainda no primeiro nível que poderia ser aprofundado a um princípio de diálogo por meio da opção comentar. Mas nota-se que o portal atua com pouco retorno no espaço proposto para diálogo a partir do conteúdo. Primo (2008) aborda o alargamento da mídia a partir da multiplicação dos meios e da comunicação digital. Assim, explica que, com o acesso global da internet, o *blog* pode atuar como micromídia digital, que define como conjunto de meios de baixa circulação e visam a pequenos públicos.

O autor ressalta que nem todos os *blogs* podem ser considerados micromídia digital, muitos funcionam como veículos de nicho. Para diferenciá-los, Primo (2008) analisa as condições de produção, recepção e circunstâncias das interações entre os participantes.

Sendo assim, o que é definidor da especificidade dos *blogs* enquanto dispositivo? A publicação frequente em ordem cronológica inversa é certamente um desses traços. A interface de comentários associada

a cada *post* permite o debate pontual de textos. O *link* que indica o número de comentários do *post* funciona também como um convite para o debate. Essa interface é fundamental para o desenvolvimento de interações mútuas. (PRIMO, 2008, p. 3).

Dadas as características do *blog*, o autor pondera a relevância de propiciar debates no espaço de comentários, não apenas com o autor da postagem, mas também entre os comentaristas. Isso porque um *blog* com comentários é um processo de escrita coletiva, ou seja, o conteúdo é o somatório do texto postado com as interações com e entre comentaristas no espaço.

Primo (2008) ilustra que, com o tempo, e mediante a participação prosseguida no espaço de comentários, a ligação de grupo pode surgir a tal ponto de formar ou fortalecer o grupo que se reúne naquele espaço. Além disso, o autor destaca que, por meio do sistema de comentários e também das estatísticas do *blog*, os autores podem afinar conteúdos futuros no intuito de manter o interesse de suas audiências e promover debates, motivando a relação entre leitores.

As estratégias descritas pelo autor não foram identificadas como estratégias do portal no recorte realizado pelo *corpus* deste trabalho. Logo, a participação na produção de conteúdo fica centrada apenas nas seções dedicadas à colaboração, como o “Diário de Inovações” e a “Rede de Antenas”. O envolvimento mais orgânico que surge naturalmente com a expressão de opinião do leitor ao final da leitura ainda é pouco explorado e incentivado. Assim, os debates e as trocas não correspondidos são encerrados de maneira prematura, sem explorar a característica de escrita coletiva que pode fortalecer o relacionamento entre educadores que formam o grupo de audiência do portal.

Recuero (2013), ao abordar a conversação na mediação do computador, expõe as características em que ferramentas mais textuais surgem com o uso de indicadores de oralidade, como o uso de palavras referentes a falar e dizer. A autora pontua que essas práticas são comuns na comunicação mediada por computador e podem proporcionar a interação entre os usuários de um portal. Recuero (2013) também aborda a utilização da conversação para construir valores e ter acesso a recursos do grupo, como a legitimação de impressões a respeito de si mesmo, o acesso a informações e participação social. Nos apontamentos da autora, nota-se como a resposta do portal ao usuário é de extrema importância para legitimar a

participação no grupo, estabelecer valores comuns entre portal e público e até fomentar a discussão e apropriação do conteúdo.

Consoni (2013) alerta que, nos ambientes comunicacionais digitais, as conversas são organizadas nos comentários, mas é necessário existir coerência conversacional, ou seja, “escuta” entre os comentaristas; caso contrário, têm-se a situação em que todos “falam e ninguém escuta” e, portanto, não há troca e apropriação. Tal fato é percebido em alguns recortes apresentados em que há comentários que buscam pontos de conversação, mas que, sem respostas, funcionam apenas como registro de opinião. Recorrendo ainda às discussões de Consoni (2013), a conversação explorada no *blog* pode permitir interações e construção de relações entre o público que consome o conteúdo do *blog*, resultando em discussões mais aprofundadas que atendem o objetivo do portal em fomentar a discussão de demandas sociais. O autor lembra que, ao conversar, o indivíduo expõe ideias e opiniões ao grupo que pertence e se posiciona sobre temas em defesa de suas pretensões e até mesmo aprende a se engajar na voz do grupo, com o objetivo de modificar a sociedade.

Assim, observa-se que o portal aborda conteúdos relevantes para a formação de docentes a partir do uso de tecnologias, apresentando tecnologias de comunicação e informação que estão ao alcance dos docentes, bem como o uso de diversas mídias integradas em atividades educacionais, estimulando o docente a ser polo de emissão de conteúdo, bem como o aluno ser polo de conteúdo que pode desenvolver habilidades que contribuam para a formação de competência informacional. Porém, nas amostras analisadas, explora de maneira incipiente o alcance da internet para construir diálogos e interações a partir de comentários que buscam de alguma forma troca, reconhecimento e até mesmo aceitação do indivíduo que inicia contato.

## 6.7 ENTREVISTA

Para subsidiar de maneira mais abrangente as análises do portal, a última etapa metodológica foi executada mediante uma entrevista em profundidade que teve como prioridade compreender as estratégias comunicacionais a partir de um olhar interno do portal. Para tanto, a entrevista foi realizada com a editora e jornalista

do portal Tatiana Klix. A escolha da entrevistada favoreceu a capacidade do fornecimento de informações confiáveis por suas atividades dentro da redação, como o planejamento de conteúdo e estratégias de interação com o público, bem como por ser uma das pessoas que representa o Porvir em eventos de articulação do portal com ações presenciais.

A entrevista foi feita no Anfiteatro Guilherme R. Ferraz, no câmpus da Unesp de Bauru, após um evento em que a entrevistada foi palestrante, no dia 23 de maio de 2018. O questionário foi semiestruturado com perguntas abertas elaboradas sobre os objetivos deste estudo. A entrevista foi registrada por meio de áudio e anotações para futura transcrição. Depois das entrevistas transcritas, fez-se a análise qualitativa das falas de modo que elas serão apresentadas a seguir.

Na pergunta sobre como a equipe Porvir busca estruturar sua estratégia comunicacional considerando o Brasil, suas proporções e desigualdade de acesso, Tatiana relatou um processo de evolução do portal, descrevendo que, há seis anos, quando o Porvir iniciou os trabalhos, o tema inovação na educação era bem pouco discutido no país, não sendo identificado conteúdo que tivesse como foco esses temas. No início do portal, os temas apresentados eram pouco discutidos e, com poucas práticas registradas no Brasil, o portal acabava trazendo muito conteúdo internacional. Assim, percebeu-se que se distanciava do público que procurava informar, notando-se que estava atingindo um público já iniciado, que já experimentava práticas inovadoras, pessoas que já tinham acesso a essas informações de outras formas.

A editora relata que esse público foi muito importante no início tanto para construir o portal, como para divulgar o conteúdo nesse princípio. Mas o portal se manteve focado no objetivo atingir o educador, o professor, para influenciar a educação pública brasileira de uma maneira geral. Assim, a gestão de conteúdo do portal identificou que era preciso investigar a inovação de um jeito mais “chão de escola” e relatar como estava acontecendo nas escolas Brasileiras. Logo, a primeira ferramenta criada foi o “Diário de Inovações”, uma tentativa de entender se essas tendências e tecnologias a que o portal tinha acesso com cases internacionais já estavam sendo usadas no Brasil, como também conhecer a inovação na prática, na escola, diferentes tipos de escolas, diferentes regiões do Brasil.

O Diário foi uma estratégia para isso; em primeiro lugar, decidiu ouvir os professores, conhecer suas práticas e publicar. Dessa forma, o portal declarou conseguir descobertas que, sem a ferramenta não seria possível. Nesse ponto, a editora abordou também o “Diário de Inovações” como ferramenta que possibilita alcançar diversas realidades apresentando relatos, como um professor no Piauí que está fazendo um trabalho inovador ou um professor do interior ou da zona rural. Tatiana explicou que o portal tem sede física em São Paulo, e não consegue ir fisicamente a todos esses lugares, mas, por meio da ferramenta, consegue visões dessas realidades. A editora afirma que, de maneira geral, a tendência é que educadores conheçam os casos mais próximos. O portal tem como missão aproximar regiões, possibilitando ao público conhecer realidades de outros Estados, pessoas que não estão conectadas com o portal pelas relações institucionais, ou não frequentam os mesmos eventos que o portal frequenta, mas elas têm acesso a esse conteúdo no portal.

Outra estratégia citada para ampliar o alcance do Porvir é ser parte do instituto Inspirare, sem fins criativos, que participa de projetos e eventos de educação no Brasil, procurando sempre divulgar o portal, também o utilizando como canal para sugerir o que está acontecendo e discutir educação em outros estados. O portal utiliza ainda as redes sociais com anúncios pagos direcionados especificamente para regiões onde se tem menos interlocução (Norte, Nordeste, Sudeste); são feitos anúncios no *Facebook* e o plano de comunicação do portal reserva uma verba para anunciar e fazer campanhas específicas para regiões onde se quer aumentar visibilidade e não consegue de maneira orgânica. Tatiana reconhece que alcançar, de maneira mais homogênea, o público do país não é uma questão resolvida, e relata que o portal Porvir obteve 2.043.657 usuários únicos e 2.622.258 sessões em 2017, sendo que 47% do total da audiência é proveniente da região Sudeste. Mas o objetivo do Porvir é chegar a outros lugares e por isso investe em mobilizações presenciais participando de eventos levando o conteúdo, e também divulgando o portal. A rede de antenas também auxilia a trazer casos de outras regiões, “é uma maneira de ter olhos onde o portal não está”, afirma a editora.

Na pergunta sobre que tipo de diálogo com o portal busca construir e como se posiciona com questionamentos mais críticos ou contrários ao conteúdo ou posicionamento do portal, Tatiana afirmou que são recebidas poucas críticas

negativas, pois o público que consome o material do Porvir se identifica com o conteúdo e apoia as causas tratadas. Por isso, a editora não considera o Porvir um *site* polêmico que receba muitas críticas, em comparação a outros portais. A maior parte das interações são descritas como elogios e agradecimentos pelo trabalho realizado. Além disso, os professores que têm seu relato publicado no “Diário de Informações” se mostram gratos pela divulgação do trabalho realizado. Tatiana contou ainda que é muito comum o portal indicar autores do “Diário de Inovações”, como casos de sucesso para eventos, palestras, pautas de outros veículos.

Assim, de maneira geral, a relação estabelecida com o público é muito próxima e amistosa. A editora lembra que às vezes, em redes sociais digitais ou palestras, surgem alguns questionamentos sobre o excesso de responsabilidade atribuído ao papel do professor e da escola, cobrando dados sobre a responsabilidade da família a respeito de políticas públicas e recursos que os professores não têm. Ela explicou que, quando é respeitoso, o Porvir responde explicando que acredita nas possíveis mudanças e traz referências sobre realidades que conseguiram inovar com o mínimo de recurso.

Sobre como é feita a avaliação dos conteúdos do diário e de sugestões de pautas, ela explicou que nem tudo é publicado, por não estar exatamente alinhado à visão de inovação em educação do Porvir. Tatiana relatou que é prioridade respeitar a causa do portal e, por exemplo, o conteúdo não trata de denúncia sobre problemas em escola ou julga metodologias que não funcionam. Afirmou que o espaço do portal não é para isso, mas para divulgar tendências inovações na educação. Também não é a proposta pegar cada sugestão e avaliar se atende todos os pontos, é um *site* jornalístico onde se busca mostrar experiências novas e diferentes. Mas vai além do que divulgar a tendência, Tatiana reforçou que, no Diário, há um cuidado de evitar temas já apresentados, discutidos repetidamente que já foram muito explorados, priorizando acrescentar exemplos diferentes e criativos. Prioriza-se o conteúdo que traz uma nova forma de aprender, ensinar, avaliar, organizar as pastas, uma nova forma de gestão escolar.

Durante o período de monitoramento, levantaram-se alguns comentários de leitores que deixavam indagações discordando de abordagens do conteúdos, ao ser questionada se a não resposta do portal ao comentário era uma estratégia de posicionamento de não estabelecer diálogo em algumas situações, Tatiana informou

que o portal não tem filtro e as conversas e as discussões acontecem de maneira livre. Sobre os critérios para estabelecer diálogos nos espaços virtuais do portal, confessou que ainda não há uma estratégia bem definida, e julgou como ponto falho. Explicou que a equipe do Porvir é reduzida, são cinco pessoas que trabalham no portal: uma repórter, um subeditor, uma editora, uma *designer*, uma pessoa que cuida da mobilização e informação. O portal promove eventos, materiais especiais com um conteúdo mais denso, com isso o fluxo de trabalho é grande além das matérias publicadas, fazendo com que se priorizem demandas. O portal não tem uma pessoa na equipe dedicada a fazer essa interação; nas redes sociais, cada colaborador faz sua matéria pública, monitora e responde às interações. A prioridade acaba sendo responder a questionamentos em relação às informações que estão presentes na matéria: veracidade, exatidão da informação, mais informações sobre *link* inscrições, etc. No momento, falta uma rotina e alguém disponível para dar continuidade aos diálogos mais críticos do portal, abordando comentários como ponto de vista, por exemplo, reforçando no diálogo o papel do Porvir, sem ser opinativo, mas no intuito de destacar que o conteúdo do portal é informativo.

As interações opinativas ficam para as discussões livres em que os próprios usuários trocam ponto de vista, mas as ofensas são retiradas. Tatiana gostou do questionamento deste estudo e afirmou que o levaria para discutir com as estratégias da redação, pois considera o diálogo muito importante para o portal e, a partir desse ponto levantado, notou que talvez esteja faltando marcar mais a posição do Porvir por meio do diálogo, para que as pessoas sintam estímulo em dialogar.

A editora pontuou como principal desafio a questão regional de chegar ao público, pois o portal quer inspirar educadores brasileiros a inovar, mas é preciso chegar aos diversos públicos, estimular que consumam o conteúdo e conhecer o Porvir. Principalmente pela questão de diversidade e abrangência, de chegar a outros lugares e não apenas aos grupos que já conhecem e consomem os conteúdos do portal, pois se o foco é inspirar pessoas para mudar a educação brasileira, é preciso alcançar mais pessoas. Para tanto, o portal encontra algumas dificuldades pelo meio do caminho, como a diminuição do alcance orgânico do *Facebook*, pois a ferramenta era o principal canal de distribuição nas redes, porém, perderam audiência nessa rede social; em contrapartida, houve crescimento na busca orgânica do Google.

Tatiana relatou que antes o número de usuários que acessava o *site* pela rede social era muito maior que pelo Google, hoje esse dado já está com uma divisão igual. Outro desafio pontuado pela editora foi em relação ao conteúdo, que no início todo material publicado era novidade, mas agora as discussões começam a repetir, a circular em torno dos mesmos assuntos. Já há inovações diferentes, variadas, umas mais tecnológicas outras menos, umas mais abrangentes outras mais pontuais, umas mais disruptivas outras mais incrementais. Assim, já se têm ditas as principais tendências e dificilmente de um ano para o outro vai mudar o que se discute. Para a editora, a velocidade das inovações educacionais desacelerou. Portanto, o principal desafio atual é implementar tudo o que se tem discutido e a principal dúvida é como se implementam essas novidades. O professor já percebeu que precisa de mudanças e atualizações, mas o “como” é a questão do momento. “Não adianta falar que a escola é bacana e que todas deveriam seguir assim, o professor precisa de ajuda para fazer essa modificação. O principal desafio é como a gente se torna útil no sentido de instrumentalizar, de fazer um conteúdo mais formativo. Não só apresentar informativo, mas ser um canal de formação e instrumentalização. A novidade não é mais apresentar a temática, mas discutir como fazer cada um na sua realidade, com sua infraestrutura, seu preparo, suas condições, seus objetivos. Enfim, como poder ajudar nesse sentido”.

Tatiana explicou que o Porvir é uma estratégia comunicacional e entende a comunicação como uma ferramenta importante, primeiro como inspiração para criar desejo, criar vontade, criar demanda tanto com quem trabalha na área de educação para conhecer essas inovações, seus bons resultados e despertar a vontade de inovar e inspirar. E na sociedade é para criar demanda, porque se a sociedade quiser e cobrar inovações na área educacional, vai demandar isso das escolas, do governo, das universidades impulsionando que essas mudanças aconteçam. “Acreditamos nisso, uma ferramenta de informação para criar demanda inspiracional e a gente usa comunicação como uma forma de formação. Não queremos nos transformar num *site* de cursos, queremos usar a comunicação como uma ferramenta de apoio para implementar as coisas por meio da disseminação de conteúdo. E por isso é tudo gratuito, aberto, pode ser compartilhado. Porque o objetivo é que chegue ao maior número de pessoas, independentemente se chega

pelo nosso *site* ou outros canais. É uma maneira de mais gente ler o que estamos produzindo, mais gente se inspirar e conhecer o assunto e demandar o assunto”.

Tatiana relatou que identificaram que só comunicação, só conteúdo não é suficiente. É preciso mobilização, e estão ampliando a atenção para as ações de mobilização, como o projeto de criar um conselho jovem do Porvir. O portal escolheu alguns jovens de várias regiões do país, primeiro para que eles possam falar sobre coisas que o portal ainda não notou. Tatiana reforçou que é importante ouvir para conhecer o conteúdo. E, segundo, para eles mobilizarem em suas escolas essas discussões ou até mesmo indicá-los para estar em eventos, pois o portal é muito procurado para indicações de pessoas para discussões e debates sobre a escola junto ao aluno. Assim, o Porvir caminha para projetos que visam mobilizar pessoas e multiplicar as ações.

As considerações apresentadas na entrevista relacionam como o portal se posicionou ao público docente que, a partir da Sociedade da Informação, se adaptou a buscar conhecimento no ciberespaço, vivenciando os conceitos discutidos pela experiência da cibercultura, explorando suas potencialidades (LEVY, 1999). Por mais que discussões sobre construção de conhecimento via redes cibernéticas já estivessem fomentadas e até mesmo superadas, o Porvir identificou – em seu surgimento – que o público de educadores do país ainda não tinha acesso ao conteúdo de inovação educacional que já era discutido em países desenvolvidos e, a partir do valor da informação, percebeu que o conhecimento poderia estimular na sociedade a reivindicação de demandas sociais (MELO, 2002). Para tanto, propôs-se a buscar estratégias para promover real disseminação do conteúdo, informação com valor social, retomando as reflexões do saber como fonte de poder (MARTÍN-BARBERO, 2000). O portal também assumiu as mudanças na forma como o educador passou a se informar e considerar que uma comunicação mais horizontal poderia aproximar realidades. O Porvir aborda como a comunicação pode contribuir nas discussões acerca de investimentos em políticas públicas, instrumentalizando a população com argumentos que justificam suas demandas. Melo (2002) já afirmava que era preciso gerar interesse em usar a internet para deleite cultural e crescimento intelectual e o Porvir demonstra bons resultados a partir dessa ótica e comprova que educação pode ser o combustível para uma sociedade que tem como valor a informação. A estratégia de conteúdo do portal atua de acordo com os conceitos da

cultura participativa e convergência a partir do fluxo de conteúdo por meio de múltiplas plataformas que gera cooperação entre os envolvidos. O portal é um espaço em que produtores e consumidores de conteúdo trocam demandas (JENKINS, 2009).

O portal ainda explora pouco as relações que poderiam ser estabelecidas a partir do conteúdo. O público demonstra intenção em discutir as temáticas abordadas no próprio espaço, porém, ainda não há estratégias de interação ou de conversação que conduzam para os aspectos da comunicação educativa que valoriza a troca entre os indivíduos nos espaços destinados a construção do conhecimento. Pensar caminhos para espaços de conversa poderia apoiar o portal no desafio de discutir com os docentes sobre como caminhar para essa mudança de realidade educacional anunciada nos conteúdos, mas ainda muito distante de algumas sociedades.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs-se a ponderar a contribuição social nas interfaces comunicação e educação assumindo um contexto de relevantes avanços tecnológicos que alteraram de maneira significativa o cotidiano e as relações. Para tanto, a partir da análise de um ambiente informacional digital direcionado a educadores, investigou-se as estratégias de produção e seleção de conteúdo, praticada pelo portal Porvir na condição de curador de informação. Assim, apesentou-se as principais estratégias comunicativas, de interação e participação, utilizadas na apropriação das tecnologias na formação docente.

O percurso metodológico partiu da revisão de literatura sobre a Sociedade da Informação, seus conceitos e desafios; a estrutura e relações nos ambientes informacionais digitais; e as principais contribuições sociais na relação das interfaces educação, comunicação e tecnologia. Para que fosse possível subsidiar as análises e discussões propostas nas questões-problemas e na presente proposta.

Em seguida, adotou-se a análise de conteúdo do portal, no período compreendido entre 01 e 30 de outubro de 2017. Pretendeu-se com isso, encontrar elementos quantitativos e qualitativos sobre as estratégias comunicacionais do portal e no diálogo com seu público e, com base em tais dados, subsidiar a análise da produção e disseminação ou curadoria de conteúdo/comunicação ou informacional do objeto, estratégias inerentes à espacialidade comunicacional no contexto da cibercultura.

Depois das análises, considera-se que o portal entende a importância de alcançar educadores e superar as dificuldades geográficas de um país com as proporções do Brasil, para tanto, transita entre *online* e o *offline* com estratégias comunicacionais de acordo com conceito de desterritorialização e construção de novos territórios proporcionados pela cibercultura, a partir da liberdade nos princípios da emissão, conexão e reconfiguração das mídias. Explora claramente tais pontos na difusão de conteúdo por meio da internet, redes sociais, mobilização da mídia e eventos.

Seu histórico de estratégias relaciona mobilizações presenciais com eventos, encontros e rodas de conversa, direcionados ao público estratégico e formadores de opinião na área educacional, marcando seu interesse em explorar mobilizações presenciais para multiplicar as militâncias e demandas discutidas em sua interface.

Além disso, estabelece parcerias com institutos de referência educacional com o objetivo de ganhar alcance no poder de fala e até mesmo de abrangência aos públicos. O portal utiliza, ainda, os momentos de troca e debate como conteúdos e propostas para melhorar a educação, que também alimentaram as estratégias de mobilização online: portal, redes sociais e outras mídias. Assim, apropria-se da cultura da convergência criando fluxo de conteúdo por meio de múltiplas plataformas, gerando cooperação entre múltiplos públicos e nichos educacionais. O portal considera o comportamento migratório dos públicos nos meios de comunicação e explora os novos espaços na busca por experiências de consumo de informação.

Dentre as mobilizações presenciais, a pesquisa “Nossa Escola em (Re)construção” atua como ferramenta para levantar a opinião que pautará a relevância do conteúdo na curadoria dele, mas também estabelece relacionamento com órgãos e instituições educacionais em todos os Estados do Brasil, aproximando o portal de outras realidades e outros públicos. Apesar da possibilidade de trazer discussões que pautem as dificuldades notadas pelos alunos, vale destacar que a pesquisa também poderia ser realizada com educadores que certamente teriam muito a contribuir com o conceito de reconstrução da escola. Tal ação também ajudaria a minimizar discussões sobre o excesso de responsabilidade atribuída à escola e ao educador, que encontram dificuldades em implementar as teorias de inovação educacional fomentadas pelo portal e também pela demanda dos alunos.

O Porvir, como ambiente informacional digital mediante a um oceano de informações, busca construir totalidades parciais segmentando discussões sobre inovação em educação, selecionando temas de acordo com as demandas levantadas nas mobilizações presenciais e *online*. No período analisado, os principais conteúdos abordavam o uso da tecnologia no processo educacional, competências para o século 21, formação continuada docente, metodologias, gestão da informação, pesquisa e debate. Do ponto de vista da comunicação, o portal funciona como uma espécie de curador de conteúdo, dentro da universalidade de informações; propõe-se a selecionar e produzir conteúdos na proposta de entender a totalidade dos temas educação e inovação, a partir de conexões reticulares entre produtores e consumidores de conteúdos que trocam informações e saberes, por meio de compartilhamentos direcionados ao exercício profissional desse público.

No ambiente informacional com informação excessiva, o Porvir pauta assuntos de atenção à área educacional considerando a rotina cotidiana do professor, observando-a mediante a frequência de postagens que busca facilitar e organizar informações destinando-as ao educador com filtros por temas e assuntos abordados. Assim, o portal, enquanto mediador, assume a função de curador de informação definindo temas que são presentes em diversos formatos e arranjos. Assim, agrega valor à informação apresentada e estabelece relacionamentos a partir do conteúdo. As matérias também estimulam o público a interagir, discutir e construir a partir das pautas apresentadas de modo que o leitor perceba que tem poder para deliberar suas demandas de política pública, objetivo claramente declarado durante a entrevista.

Além disso, assume a função da comunicação em construir um espaço que some inteligências e estimule relacionamentos e debates incentivando o aprofundamento do fluxo de conteúdo existente, disponibilizando colunas que abordam os assuntos em graus de interesse. Em um nível de interesse em atualização, por meio da agência de notícias, o portal produz reportagens, com frequência quase diária, sobre tendências e inovações atreladas à educação no Brasil e no mundo; debates e discussões, glossários e materiais especiais para quem busca aprofundamento.

Para um nível de formação docente, o portal traz conteúdos com orientações aos educadores, gestores e empreendedores, além de referências produzidas em eventos do Porvir, como forma de cobertura. E, para estudos mais aprofundados, o portal organiza conteúdo no item “Projetos Especiais” com materiais mais completos sobre as teorias e as práticas de inovações educacionais, com os subitens “Guias Temáticos”, que elencam materiais interativos voltados à formação de educadores e gestores; vídeos e recomendações originados da cobertura dos eventos realizados pelo Porvir. A seção “Glossário” também subsidia o aprofundamento com conceitos e termos importantes para entender as tendências educacionais. E, para as discussões e os debates, o item “Blog” traz artigos opinativos da equipe do Portal abordando novidades e ações promovidas. Além disso, apresenta no item “Saiu na Mídia” resumos de matérias e artigos publicados por veículos de comunicação nacionais e internacionais.

O portal busca estabelecer relações e interações com o público de maneira presencial, criando tráfego a partir do ciberespaço; para tanto, divulga a programação de eventos no item “Acontece”. Logo, convida o público a continuar seu processo de formação interagindo e criando relações com mais pessoas que buscam fomentar o tema.

Para se manter como referência no tema inovação educacional, desenvolveu ferramentas de convergência de conteúdo, como o “Diário de Inovações”, com relatos de educadores que apresentam ações de inovação que estão acontecendo dentro ou fora da escola, em diversas partes do país, estratégia que surgiu da necessidade do portal em mapear o que os educadores brasileiros já inovavam em educação. A produção de conteúdo também é respaldada por meio do apoio de uma rede de Antenas, que são colaboradores voluntários localizados em diferentes pontos do globo e indicam pessoas, projetos, ferramentas e ideias para serem disseminados pelo Portal. O Portal também busca mobilização da mídia fornecendo conteúdo aberto, com reprodução livre e gratuita por meio da licença mais aberta do *Creative Commons*. Dessa forma, utiliza estrategicamente as competências abordadas na cultura de convergência e participativa. Assim, atua como fonte e disponibiliza materiais elaborados para apoio a jornalistas em pautas educacionais que envolvam inovações e possibilidades. Com essas estratégias, o portal consegue se posicionar como principal referência nos temas de inovação educacional, com aspectos mais interativos e construtivos que o Portal do Professor, por exemplo, que funciona como um repositório de conteúdo, mas que não tem dimensão informativa.

A partir do conteúdo discutido, as temáticas inovação e educação abarcam a sala de aula, as experiências compartilhadas por professores e a possibilidade para propor diferentes formas de aprendizado, respondendo à missão do portal em fomentar inovações no contexto pedagógico, a partir de exemplos, formatos e experiências de aprendizagem. O portal assume que o educador não é mais o detentor do conhecimento e o processo de aprendizagem demanda uma comunicação mais horizontal, que torna o processo mais participativo; é preciso assumir uma ruptura com o formato histórico linear. Assim, aborda conceitos da educação comunicativa e educação para as mídias ao fornecer conteúdo formativo nesses campos aos docentes.

Os conteúdos produzidos pelo portal visam promover a inclusão dos cidadãos nas principais discussões da Sociedade da Informação, como as demandas contemporâneas para a produção de conhecimento. As estratégias do portal vão de encontro a educadores e profissionais que buscam dialogar e formatar caminhos para educação no país, aumentando as possibilidades de efetividade na contribuição do portal na formação docente e até mesmo fomentando discussões acerca de políticas públicas que impactaram diretamente em sala de aula. Tais aspectos contribuem também para o desenvolvimento de competência informacional, à medida que os educadores empreendem no ambiente informacional digital leituras de textos informativos e referências de práticas pedagógicas com abordagens sobre tecnologia, educação, inovação, competências, dentre outros.

Há no portal intenções de troca e conversações com perspectiva de comunicação educativa, a partir da rede e das interconexões estabelecidas por esta. Assim, o Porvir busca desenvolver um ambiente em que a aprendizagem se dá à medida que o indivíduo se sente tocado, envolvido, conectado com a experiência relatada, ou a novidade apresentada. O portal também acompanha e menciona a importância das relações entre o grupo de pessoas consome informação, troca de mensagens como formas de contribuições ou até mesmo pontos de vistas diferentes, tentativas de iniciar conversação com opiniões e reflexões a partir do conteúdo publicado. As conversas são formas de apropriação com finalidade de estabelecer diálogos em ambientes informacionais digitais. Os diálogos do portal corroboram para estabelecer vínculos sociais a partir do uso das redes e das TICs entre educadores e profissionais interessados em discutir educação no país. Dessa forma, torna-se cabível que a construção de diálogos, a partir de uma matéria postada, apresente opiniões de apoio ou contrárias à sugestão de inovação educacional proposta. Nesse ambiente, conversar sobre os pontos de discordância deve ser considerado igualmente importante para ponderar caminhos à educação brasileira, evitando que se tenha o mesmo comportamento promovido historicamente pelos meios massivos de representar uma realidade que se queira alcançar como verdade e igualmente possível a todos cenários brasileiros.

A expressão de opinião do leitor a partir das iniciativas de conversação por meio de comentários ainda é pouco explorada e incentivada; justificada pela editora devido ao tamanho reduzido da equipe responsável. Porém, considera-se que os

debates e as trocas não retribuídos são contidos, sem aproveitar a característica de escrita coletiva que pode fortalecer o relacionamento entre educadores que formam o grupo de audiência do portal. Se nos ambientes comunicacionais digitais as conversas são organizadas nos comentários, é necessário existir coerência conversacional; o portal precisa sinalizar a “escuta” e também estimulá-la entre os comentaristas, se não o campo de comentário perde o potencial de interatividade e ferramenta de apropriação, passando a depósito de opiniões. As construções de relações observadas entre o público que consome o conteúdo do portal resultaram em discussões mais aprofundadas atendendo o objetivo do portal em fomentar a discussão de demandas sociais, mas ocorreram apenas entre os leitores. Esse trabalho pondera que, nas amostras analisadas, o portal ainda explora de maneira incipiente a construção de diálogos e interações a partir dos comentários que buscam, de alguma forma, troca, reconhecimento e até mesmo discutir pontos de vistas diferentes.

Um bom caminho para melhor utilização do espaço para construção de diálogo e conhecimento seria a contratação de um profissional dedicado exclusivamente para responder as reações de modo que oportunizar interações entre o portal e suas audiências; Unificando a linguagem tanto no portal como nas redes sociais, monitorando e respondendo às interações. Assim, além de responder a questionamentos em relação às informações das matérias: veracidade, exatidão da informação, mais informações sobre *link* inscrições, etc.; Estaria também disponível para dar continuidade aos diálogos mais críticos do portal, abordando comentários, pontos de vista, endossando por meio do diálogo o papel do Porvir, sem ser opinativo, mas com o intuito de destacar o conteúdo com função informativa.

Ainda sim, considera-se que as interações já existentes subsidiam, mesmo que com menor aproveitamento do potencial que possui, a formação docente continuada instigando o aprendizado em espaços de conversa, por meio de troca e colaboração, propícias ao ambiente educacional mais diverso e difuso a partir de um aprendizado de construção e descobertas. O portal explora a crescente presença de diferentes linguagens tecnológicas e dos modos diferenciados de organizar e disponibilizar informação.

Este trabalho considera que o conteúdo do portal colabora com a apropriação mais crítica e criativa, das mídias assumindo a realidade de avanço tecnológico.

Busca ainda que essa apropriação aconteça com menor nível de exclusão, com esforços para alcançar diversos pontos do país, por entender que suas ações fortalecem a cidadania pelo acesso à informação e ao uso midiático com maior criticidade. Desse modo, o acesso do educador à informação perpassa o planejamento pedagógico alcançando habilidades para desenvolver a competência informacional. Isso porque, o portal aborda em seu conteúdo temas que discutem o uso cotidiano de tecnologia, formas de emissão e integração dos diversos tipos de mídia, apresenta depoimentos que superam o mito da necessidade de infraestrutura tecnológica de ponta na formação docente e as práticas pedagógicas.

O portal como ambiente informacional digital possibilita lugares de fala aos educadores, não apenas divulgando seu trabalho e abrindo discussões sobre as dificuldades encontradas por meio do portal, mas também sugerindo esses profissionais como fonte aos meios massivos e eventos da área, mostrando ao docente sua capacidade de emissão de conteúdo e uso de mídias, autonomia que promove engajamento para uso dos meios de comunicação social como ferramentas para usufruir o direito à liberdade de expressão, o pluralismo, o diálogo que contribuem para os debates mais democráticos sobre demandas sociais.

Este trabalho considera a educação como fator de mudança por seu caráter multiplicador na sociedade. Assim, assume a relevância social do portal Porvir e sua atuação que busca instrumentalizar os principais atores no âmbito educacional ao disponibilizar informações e possibilitar espaços para discussões que geram conhecimento e entendimento e, a partir disso, o indivíduo passa a questionar e a indagar problemas sociais, de modo a exercer seu poder de cidadão, refletindo, articulando e demandando ações públicas coerentes a realidade social do país.

Nessa pesquisa buscou-se apresentar entendimentos acerca de quando as interfaces comunicação e educação atuam como fator de mudança social, detalhando pontos de encontro de ações comunicacionais e educacionais, engajadas em fomentar reflexões e discussões de cunho social, que geram demandas públicas por professores e alunos frente a um quadro de avanço tecnológico, com sérias negligências do estado. As discussões priorizadas nesse trabalho tiveram como foco aspectos na formação da cidadania, aporte de novas formas de pensar os processos de ensino-aprendizagem e as dinâmicas dentro e fora da sala de aula. Por isso, a importância de se pensar as estratégias e objeto

desse estudo enquanto plataforma ou projeto inovador que vai de encontro com esta função social.

Devido ao tempo de pesquisa dado ao trabalho de mestrado, a essa pesquisa cabe continuidade e avanço das apreciações aqui discutidas. Esse trabalho apresentou uma análise que não é estanque e está sujeita a olhares complementares que dialoguem ou não com as discussões e resultados apresentados.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. (orgs.) **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 23.abr.2018

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In.: JACKS, Nilda, JANOTTI Jr. Jeder & MATTOS, Maria Ângela (orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012.

BORDENAVE, Juan E. DIAZ O que é participação. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CONSONI, Gilberto Balbela. Conversação On-line nos comentários de blogs: organização e controle das conversas nas interações dialógicas no blog Melhores do Mundo. In: PRIMO, Alex. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CORREIA, Elizabeth Saad. **A Curadoria Digital e o Campo da Comunicação**. São Paulo: ECA-USP, 2012.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: convergências educacionais. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 68-85, 2010.

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 42-43.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FRANÇA, Vera V. O objeto da Comunicação. / A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 39-60.

JAMBEIRO, Othon. Os pilares estruturais das comunicações contemporâneas. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson. **A Cibercultura e seu Espelho**: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚM, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Moderna/Eca-Usp, p. 68-75, jan./abr. 1999.

Kārklīņš, Jānis et al. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. Cibercultura como território recombinate. In: TRIVINHO Eugênio; CAZELOTO Edilson (orgs.). **A cibercultura e seu espelho**: Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber, 2009

\_\_\_\_\_. Tecnologia e Cibercultura. In: BERGER, Christa et al. (orgs.). **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014. v. 1. p. 412-420.

LÉVY, Pierry. **Cibercultura?** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 27-28.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, set. 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>>. Acesso em: 23.abr.2018

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.) .**Sociedade Mdiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MELO, José Marques de. Muralha digital: desafios brasileiros para construir uma sociedade do conhecimento. In: PERUZZO, Cicília; BRITTES, Juçara. **Sociedade da Informação e novas mídias**: participação ou exclusão? São Paulo: INTERCOM, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/6ccfaaebf29b2412525332073f19de53.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MENDEL, Toby. **Liberdade de informação**: um estudo de direito comparado. Brasília: Unesco, 2009.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a12v33n2.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

OLIVEIRA, Vinicius Martins Carrasco de. Subjetividade e participação – aspectos da comunicação nas redes sociais. São Paulo: INTERCOM, 2014.

OROZCO, Guillermo Gómez. Comunicação Social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis (org.) .**Sociedade Mdiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PERUZZO, Cicília. A Sociedade da Informação no Brasil: o desafio de tornar a internet de todos para todos. In: PERUZZO, Cicília; BRITTES, Juçara. **Sociedade da Informação e novas mídias**: participação ou exclusão? São Paulo: INTERCOM, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/6ccfaaebf29b2412525332073f19de53.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2018.

PORVIR. Disponível em: <<http://porvir.org/>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

PRIMO, Alex. Interney Blogs como micromídia digital: Elementos para o estudo do encadeamento midiático. In: 17.º Encontro Anual de Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. p.1-17.

\_\_\_\_\_. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (org.) .**Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PRIMO, Alex; CASSOL, Márcio Borges Fortes. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. **Informática na educação**: teoria & prática, v. 2, n. 2, p. 65-80, out. 1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/6286/3756>>. Acesso em: 17 jun. 2018

RECUERO, Raquel. **Em busca de um modelo para o estudo das comunidades virtuais em redes sociais no ciberespaço**. Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/intercom2005.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2018

\_\_\_\_\_. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. Redes sociais na Internet. In: PRIMO, Alex (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**. Porto Alegre, v. XXVIII, n. 68, p. 114-124, maio-ago. 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7323>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

RAMOS, Daniela. Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital”. In: CORREA, Elizabeth Nicolau Saad **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 11-21.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais. In: PRIMO, Alex (Org). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de; ANDRELO, Roseane; ALMEIDA Lígia Beatriz Carvalho de. Mídia-educação no ensino médio: uma experiência com alunos e professores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 7, n. 2, p. 125-136, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5397>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, p. 16-25, 2003.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

TAKAHASHI, Tadao (org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TEMER; Ana Carolina R. P.; NERY, Vanda C. P. **Para entender as teorias da comunicação**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2009

VICENTE, Maximiliano M. **História e comunicação na nova ordem internacional**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

WEBER, Carolina Teixeira. **Gatekeeper e gatwaching**: repensando a função de selecionador no webjornalismo. Intercom Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0493-1.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Como a equipe Porvir busca estruturar sua estratégia comunicacional considerando o Brasil, suas proporções e desigualdade de acesso?

Tem uma evolução do Porvir nesse caminho. Quando o Porvir surgiu, há seis anos, o tema inovação na educação era pouquíssimo discutido no Brasil, não tinha ninguém produzindo conteúdo sobre isso, que tivesse como questão apresentar todas essas novidades. Na época, as novidades tinham mais foco tecnológico que agora. Temas como ensino híbrido, sala de aula invertida, as plataformas adaptativas, enfim, eram várias coisas pouco faladas e com pouca prática registrada no Brasil. Tinha muito exemplo internacional, *cases* de escolas americanas, entrevistas com pesquisadores de fora, etc. Com isso, o portal foi sentido que estava distante da realidade das escolas brasileiras, por estar falando de coisas tão diferentes e tão fora da realidade, estava atingindo um público já iniciado, que já experimentava práticas inovadoras, que já tinha acesso a essas informações de outras formas. Esse público foi muito importante no início tanto para construir como para divulgar o conteúdo do portal, mas ele tinha como objetivo atingir o educador, o professor, para influenciar a educação pública brasileira de maneira geral. Então, foi preciso investigar a inovação de um jeito mais “chão de escola” de como estava acontecendo nas escolas Brasileiras. A primeira ferramenta criada foi o “Diário de Inovações”, uma tentativa de entender se essas tendências e tecnologias que o portal tinha acesso com *cases* internacionais já estavam sendo usadas no Brasil, como também conhecer a inovação na prática, na escola, diferentes tipos de escolas, diferentes regiões do Brasil. O Diário foi uma estratégia para isso, primeiro ouvir os professores, conhecer suas práticas e publicar, após uma edição necessária. Com isso, o portal consegue descobrir coisas que sem a ferramenta não descobriria. Como por exemplo, um professor no Piauí que está fazendo uma coisa superlegal; um professor do interior ou da zona rural. Enfim, o portal está em São Paulo, não consegue ir fisicamente a todos esses lugares. A tendência é que se conheçam os casos mais próximos, então essa é uma maneira de conhecer realidades de outros estados e outras realidades, pessoas que não estão conectadas com o portal pelas relações institucionais, ou não frequentam os

mesmos eventos que o portal frequenta, mas elas tem acesso a esse conteúdo no portal. A outra coisa, é o portal fazer parte do instituto Inspirare, sem fins criativos, que participa de projetos e eventos de educação no Brasil, procurando sempre divulgar o Porvir e também utilizando como canal para sugerir o que está acontecendo e discutir educação em outros estados. Nas próprias redes sociais são feitos anúncios específicos para regiões onde se tem menos interlocução, Norte, Nordeste, Sudeste; são feitos anúncios no *Facebook*, tem uma verba para anunciar e fazer campanhas específicas para regiões onde se quer aumentar visibilidade e não consegue de maneira orgânica. Agora, não podemos afirmar que isso é uma questão resolvida; a audiência do portal é em torno de 50% no Sudeste. E o portal tem o objetivo de chegar a outros lugares. Como por exemplo, participação de eventos levando o conteúdo, mas também divulgando o portal; aceitar os convites para palestras em lugares diferentes, chegar a outros estados. A gente também tem a rede de antenas para que nos abasteça de casos, é uma maneira de ter olhos onde o portal não está, então colaboradores de regiões variadas que podem apresentar questões de educação para a gente.

2. Pensando o Porvir como espaço de colaboração, diálogo e interação, como o portal se posiciona com questionamentos mais críticos e contrários a uma matéria ou abordagem? Que tipo de diálogo se pretende construir? Como se dá a edição do Diário?

Não recebemos muitas críticas, o público do Porvir já é um público que conversa com as temáticas, que busca se inspirar ou se informar sobre inovações na área educacional, ou gosta e já faz e busca reforçar suas referências. Não chega a ser um *site* polêmico que recebe muitas críticas, em comparação a outros portais. A maior parte das interações que a gente recebe são elogios e muitos agradecimentos pelo trabalho realizado. Os professores que têm seu relato publicado no diário de informações são gratos pela divulgação do trabalho realizado. Até mesmo porque é muito comum o portal indicar autores do diário de informações, como casos de sucesso para eventos, palestras, pautas de outros veículos. Assim, de maneira geral, há mais elogios e agradecimentos. Nas redes sociais e palestras surgem questionamento sobre o excesso de responsabilidades atribuídas ao papel

da escola cobrando dados sobre a responsabilidade da família, de políticas públicas e recursos que os professores não têm. Algumas manifestações sobre a falta de valorização do professor, de recursos e apoios das políticas públicas. Quando é respeitoso, o porvir responde explicando que a gente acredita nas possíveis mudanças trazendo referências sobre realidades que conseguiram inovar com o mínimo de recursos, com os exemplos do Diário. Sobre avaliação dos conteúdos do diário e sugestões de pautas, nem tudo que é publicado está exatamente alinhado à visão de inovação em educação do Porvir, mas respeitamos nossa causa, por exemplo, a gente não trata de denúncia de problemas em escola ou julgar metodologias que não funcionam, o espaço não é para isso, o espaço do portal é para divulgar tendências inovações na educação. No portal tem um documento que é o que o Instituto Inspirare entende como educação no futuro, está no quem somos, e explica bem nossa posição. Mas não é a proposta pegar cada sugestão e avaliar se atende todos os pontos, não é isso, é um *site* jornalístico onde se mostram experiências novas e diferentes. No Diário existe um cuidado com temas já apresentados, temas mais batidos, como uma aula de programação. Se o tema já foi muito explorado no portal, busca-se acrescentar exemplos diferentes e criativos. Prioriza-se o conteúdo que traz uma nova forma de aprender, uma nova de ensinar, avaliar, organizar as pastas, uma nova forma de gestão escolar. Então, o foco não é discordar do que o portal fale, mas se não pública é por que não se trata de uma novidade ou a ideia proposta não fica muito clara. Mas o portal tenta ser bem diverso.

3. Durante o monitoramento do portal, por este trabalho, notou-se que alguns leitores deixavam questionamentos com críticas mais duras em relação ao conteúdo publicado e o Porvir não respondeu a esses comentários. É um posicionamento do portal não estabelecer diálogos em algumas situações para evitar polêmicas ou com julgamento de conversas que não valem estender?

O portal não tem filtro, as conversas são livres. Sobre os critérios para estabelecer diálogos nos espaços virtuais do portal, confesso que essa estratégia não está muito clara para a gente, acho até que é uma falha nossa. A equipe do Porvir é reduzida, temos cinco pessoas que trabalham no portal: uma repórter, um

subeditor, uma editora, uma *designer*, uma pessoa que cuida da mobilização e informação. O portal promove eventos, materiais especiais com um conteúdo mais denso e dá bastante trabalho para equipe, enfim, tem bastante coisa que a equipe faz além das notícias publicadas, então acabamos priorizando as demandas. Não tem uma pessoa na equipe dedicada a fazer essa interação, nas redes sociais, cada um que faz sua matéria; publica, monitora e cuida respondendo a interações. Até temos uma pessoa que cuida das interações das redes sociais, mas os comentários em matérias não chegam muito. Talvez seja uma falha não ter a estratégia bem definida sobre o que fazer. Costumamos responder a questionamentos em relação às informações que estão presentes na matéria: veracidade, exatidão da informação, mais informações sobre *link* inscrições, etc. Por exemplo, teve um caso específico que um leitor reivindicou a autoria da ideia, disse que se sentiu roubado, acusando que a solução publicada na matéria era dele, reivindicando a autoria. O portal verificou com o autor e quem estava reivindicando, uma acareação, mas sem comprovação das acusações. Ao final, foi feita uma nova matéria com o segundo “autor da ideia”.

No momento, falta uma rotina e alguém disponível para dar continuidade aos diálogos mais críticos do portal, abordando comentários como ponto de vista, por exemplo, reforçando no diálogo o papel do porvir, sem ser opinativo, mas no intuito de destacar que o conteúdo do portal é informativo e cada um faz o que quiser com aquela informação. Mas realmente a gente não tem esse tempo reservado para fazer, apenas nos preocupamos em responder algum questionamento sobre as informações da matéria. As interações opinativas deixamos para que os próprios usuários troquem pontos de vista, ou então quando tem ofensa retiramos do portal. Acho ótimo o questionamento e vou levá-lo para nossas estratégias da redação, pois, na verdade, nós queremos criar um diálogo e, pensando agora, talvez com esteja faltando marcar mais nossa posição por meio do diálogo, para que as pessoas sintam estímulo em dialogar.

4. No surgimento do portal, foi avaliada a presença de outros *sites* com foco em formação docente? Percebeu-se uma lacuna? Qual o olhar do Porvir para o portal do professor?

Eu não estava no início, mas das informações que tenho é que sim, foi olhado, mas não apenas para *sites*, mas foi olhado para o tema inovação em educação pela Ana Penido, que é diretora do Inspirare e passou um tempo em Harvard, e lá essa discussão sobre inovação e educação, sobre o vale do Silício, estava surgindo fortemente, com aulas, palestras e debates. Quando voltou ao Brasil, ela entrou em contato com a família Gradim (família que mantém o Instituto). Houve uma coincidência com a volta dela ao Brasil querendo desenvolver um projeto e a família queriam criar um instituto na área de educação. Ela sugeriu o tema inovação em educação, porque não havia ninguém atuando especificamente em relação a esse tema. Não apenas outros portais, mas não era um tema que tinha muito debate, muita pesquisa mesmo nas universidades, identificou-se uma lacuna. Juntos eles pensaram nisso, desenvolver um portal sobre isso. Foi feito, sim, um trabalho de olhar para identificar se tinha esses espaços.

##### 5. Quais as limitações do portal hoje?

Nosso público do portal já entende a diferença de inovação e educação, quem consome nosso conteúdo já sabe como essa questão é tratada, saindo das dificuldades, mas o que temos como desafios é primeiro essa questão regional de chegar ao público, porque o portal quer inspirar educadores brasileiros a inovar; para isso, temos que chegar a eles, eles têm que conhecer o porvir, ler o portal, para que consigamos chegar ao nosso objetivo. Então, o nosso desafio principal é este: como tornar o portal conhecido para as pessoas consumirem nosso conteúdo. Principalmente essa questão de diversidade e abrangência, de chegar a outros lugares e não apenas nos lugares em que as pessoas já nos conhecem ou gostam de nós. Normalmente, já temos um público que gosta e discute nossos assuntos, mas a questão é como chegar a outros públicos. Se queremos realmente inspirar pessoas para mudar a educação brasileira, temos que chegar a mais pessoas. Há umas dificuldades pelo meio do caminho, por exemplo, a diminuição do alcance orgânico do *Facebook* atrapalhou bastante, era nosso principal canal de distribuição nas redes, perdemos um pouco de audiência na rede social, o que compensou foi o crescimento na busca orgânica do *Google*. Antes, quem entrava no *site* pela rede social era muito maior que quem entrava pelo *Google*, hoje esse dado já está com uma divisão igual. Outro desafio é que, lá no início, tudo o que se publicava era novidade, agora as novidades já começam a repetir. Já existem inovações diferentes, variadas, umas mais tecnológicas outras menos, umas mais abrangentes outras mais pontuais, umas mais disruptivas outras mais incrementais. Assim, já temos as principais tendências e dificilmente de um ano para o outro vai mudar o

que discutimos. O principal desafio é implementar isso, como se implementam essas novidades. O professor já até assume que precisa mudar, mas “como” é a questão. Não adianta falar que a escola é bacana e que todas deveriam seguir assim, o professor precisa de ajuda para fazer essa modificação. O principal desafio é como a gente se torna útil no sentido de instrumentalizar, fazer um conteúdo mais formativo. Não só apresentar informativo, mas ser um canal de formação e instrumentalização. A novidade não é mais apresentar a temática, mas discutir como fazer cada um na sua realidade, com sua infraestrutura, com seu preparo, com suas condições, seus objetivos. Enfim, como poder ajudar nesse sentido.

O Porvir é uma estratégia comunicacional. Entendemos a comunicação como uma ferramenta importante, primeiro como inspiração para criar desejo, vontade, demanda tanto com quem trabalha na área de educação para conhecer essas inovações e seus bons resultados e despertar a vontade de inovar e inspirar. E na sociedade é para criar demanda, porque se a sociedade quiser e cobrar inovações na área educacional, vai demandar isso das escolas, do governo, das universidades impulsionando que essas mudanças aconteçam. Acreditamos nisso, uma ferramenta de informação para criar demanda inspiracional e a gente usa comunicação como uma forma de formação. Não queremos nos transformar em um *site* de cursos, queremos usar a comunicação como uma ferramenta de apoio para implementar as coisas por meio da disseminação de conteúdo. E por isso é tudo gratuito, aberto, pode ser compartilhado. Porque o objetivo é que chegue ao maior número de pessoas, independentemente se chega pelo nosso *site* ou outros canais. É uma maneira de mais gente ler o que estamos produzindo, mais gente se inspirar e conhecer o assunto e demandar o assunto.

Identificamos que só comunicação, só conteúdo, não são suficientes. Tem que ter mobilização, estamos ampliando a atenção que damos às ações de mobilização. Por exemplo, um projeto novo deste ano é um conselho jovem do Porvir. Então o portal escolheu alguns jovens de várias regiões do país, primeiro para que eles possam dizer coisas que não estamos prestando atenção, é importante ouvir para conhecer o conteúdo. E, segundo, para eles mobilizarem nas escolas deles essas discussões ou então indicá-los para estar em eventos, pois o portal é muito procurado para indicações de pessoas para discussões de como debater escola junto ao aluno. Pensa-se em *workshop* com atividades de diálogos e oferece-los às escolas. Mobilizar e multiplicar as ações.

**APÊNDICE B – DADOS DE TEXTOS CLASSIFICADOS COMO INFORMATIVOS NO PORTAL PORVIR, DURANTE O PERÍODO DE MONITORAMENTO EM OUTUBRO DE 2017.**

Matérias Informativas							tags	
Data	Semana	Título	Comentários	Interação com os Comentários	Tipos de comentários		Assunto	Qtd.
					Apoio	Contra		
02/10/2017	Segunda-feira	Grupo Ânima firma parceria com a Finlândia para formar professores	0	0			Tecnologia	4
06/10/2017	Sexta-feira	Inovação é o caminho para acelerar melhorias na educação	2	0	2		Competências para o século 21	3
09/10/2017	Segunda-feira	Por que a tecnologia deve ter mais destaque na Base?	0				Ensino fundamental	3
20/10/2017	Sexta-feira	O que Bill Gates aprendeu sobre educação em 17 anos – e por que vai investir mais US\$ 1,7 bi	4	2 comentários curtidos	3	1	Ensino médio	3
23/10/2017	Segunda-feira	Laboratório prepara professor para usar tecnologia e metodologias inovadoras	2	2 Respostas			Formação continuada	2
24/10/2017	Terça-feira	Unesco pede responsabilidade compartilhada na educação					Personalização	2
30/out	Segunda-feira	Lápis x teclado: O que sabemos sobre como aprendemos a escrever	3	0	2	1	Ensino superior	1
25/out	Quarta-feira	Projeto de plataforma sobre dislexia pede doação para sair do papel		0			Aprendizagem baseada em projetos	1
27/out	Sexta-feira	Computador de bolso da BBC chega ao Brasil para ensinar crianças a programar	2	2 comentários curtidos	1	1	Equidade	1
							Base Nacional Comum Curricular	1
Frequência	Segunda-feira		4				Bill and Melinda gates foundation	1
	Sexta-feira		3				Negócios de impacto social	1
	Terça-feira		1				Educação mão na massa	1
	Quarta-feira		1				Programação	1
							Robótica	1
							Educação integral	1
							Educação infantil	1
							Educação online	1

**APÊNDICE C – DADOS DE TEXTOS CLASSIFICADOS COMO PRÁTICAS EDUCACIONAIS NO PORTAL PORVIR, DURANTE O PERÍODO DE MONITORAMENTO EM OUTUBRO DE 2017.**

Textos Práticas Educacionais									
Data	Coluna	Publicação Própria	Título	Formato (Vídeo, Imagem, Texto, GIF)	Recomendar (curtidas)	Vídeos	Comentários	Interação com os Comentários	Tipos de comentários
04/10/2017	Diário de Inovações	não	Professor cria paródias musicais para dar aulas em curso de direito	Misto: áudio	6		3	4 respostas	Apoio
05/10/2017	Blog	Sim	Participação de Estudantes: Uma Experiência Pessoal	Texto			1	0	Opinativo Neutro
11/10/2017	Diário de Inovações	não	Cultura local e canções se transformam em estratégia de alfabetização	Misto: vídeo		Link vídeo YouTube	0	0	
18/10/2017	Diário de Inovações	não	Crianças brasileiras e croatas compartilham experiências por videoconferência	Texto			0	0	
25/10/2017	Diário de Inovações	não	Alunos de design de interiores transformam creche comunitária	Texto			0	0	
26/10/2017	Inovações em Educação	Sim	Projeto aproxima gerações para promover empatia	Texto			0	0	
17/10/2018	Inovações em Educação	Sim	'Brasil precisa investir no professor', diz embaixadora da educação da Finlândia	Texto			0	0	
	Quarta-feira	4	<b>TAGS</b>						
	Quinta-feira	2	Competências para o século 21		3				
	Terça-feira	1	Ensino Superior		1				
			Música		2				
			Participação do Estudante		1				
			Protagonismo Jovem		3				
			Ensino Fundamental		3				
			Ensino Superior		1				
			Aprendizagem Colaborativa		1				
			Tecnologia		1				
			Socioemocionais		1				

